

**UNIVERSIDADE DO OESTE DO PARANA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEFB
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

ROGERIO RECH

**A SUBVERSIVIDADE EM PAULO FREIRE: UM ESPECTRO NOS RONDAS, O
FANTASMA DAS DITADURAS NO BRASIL E NA ARGENTINA.**

FRANCISCO BELTRÃO

2018

ROGERIO RECH

A SUBVERSIVIDADE EM PAULO FREIRE: UM ESPECTRO NOS RONDAS, O FANTASMA DAS DITADURAS NO BRASIL E NA ARGENTINA.

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação – nível de Mestrado – Área de Concentração: Educação. Linha de Pesquisa: Sociedade, Conhecimento e Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná–Unioeste, como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. André Paulo Castanha.

FRANCISCO BELTRÃO

2018

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Rech, Rogerio

A SUBVERSIVIDADE EM PAULO FREIRE : UM ESPECTRO NOS RONDA, O FANTASMA DAS DITADURAS NO BRASIL E NA ARGENTINA / Rogerio Rech; orientador(a), André Paulo Castanha, 2018. 145 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Francisco Beltrão, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2018.

1. Ditaduras Militares. 2. Subversividade. 3. História Comparada. I. Castanha, André Paulo. II. Título.

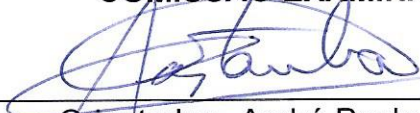
FOLHA DE APROVAÇÃO

ROGÉRIO RECH

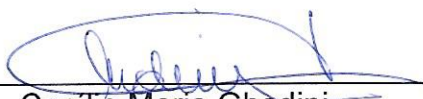
TÍTULO DO TRABALHO: A SUBVERSIVIDADE EM PAULO FREIRE: UM ESPECTRO NOS RONDAS, O FANTASMA DAS DITADURAS NO BRASIL E NA ARGENTINA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado, Área de Concentração: Educação, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão, julgada adequada e aprovada, em sua versão final, pela Comissão Examinadora, que concede o Título de Mestre em Educação ao autor.

COMISSÃO EXAMINADORA



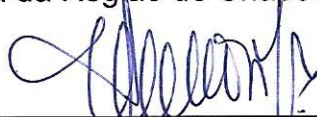
Orientador - André Paulo Castanha
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Francisco Beltrão
(UNIOESTE)



Cecília Maria Ghedini
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Francisco Beltrão
(UNIOESTE)



Ivo Dickmann
Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Chapecó (UNOCHAPECÓ)



Mariana Alejandra Tosolini
Universidade Nacional de Córdoba – Argentina

Francisco Beltrão, 02 de abril de 2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha esposa Ieda Hellmann pela ajuda e paciência.

Ao meu amigo e orientador André Paulo Castanha.

A minha mãe pelo incentivo.

Aos meus amigos da Comunidade de Jacutinga.

Aos colegas, nossos professores, nossa secretária e agentes de limpeza das salas do Curso de Mestrado em Educação.

A professora Maria Rosa Brumat da Universidade de Córdoba onde foi meu primeiro contato sobre a influência de Paulo Freire na Argentina.

A Professora Mariana Tosolini da Universidade de Córdoba pelo empenho e dedicação a nossa dissertação.

Ao mais brilhante dos freireanos, Professor Ivo Dickmann.

A professora Cecília Guedini pela companhia de mais de vinte anos.

Ao professor José Luiz Zanella pelo incentivo no início da carreira docente.

RECH, Rogerio. **A SUBVERSIVIDADE EM PAULO FREIRE: UM ESPECTRO NOS RONDAS, O FANTASMA DAS DITADURAS NO BRASIL E NA ARGENTINA.** FRANCISCO BELTRÃO – PR. UNIVERSIDADE DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE, 2018.

Resumo: O objeto de nossa dissertação é a subversão em Paulo Freire. Utilizamos de uma figura de linguagem, ou seja, o espectro que nos ronda para falar das ditaduras militares e do contexto da vida e da obra de Paulo Freire. Apresentamos de forma dialética o conceito de subversão, e, como elucidativo, elencamos e nominamos alguns subversivos. Apresentamos elementos subjetivos e objetivos de nossa aproximação com o conceito de subversão e defendemos a tese principal: Paulo Freire foi um subversivo internacional, na vida e na obra, tanto no Brasil quanto na Argentina. A metodologia que utilizamos foi o materialismo histórico. Enfatizamos a pesquisa comparada por estarmos tratando de dois países (Brasil e Argentina). Fizemos uso de duas abordagens metodológicas para provar a tese: a bibliográfica e a documental. Nosso principal objetivo foi encontrar a subversividade em Paulo Freire nos vieses: conceitual, político e pedagógico e a pertinência do autor ao hodierno. Os fatos e os documentos, além de nossa interpretação, mostraram o legado de Paulo Freire, tanto no Brasil quanto na Argentina. No Brasil Paulo Freire foi preso e forçado a exilar-se. No retorno ao país assumiu cargos de relevância, posições progressistas, sempre em defesa dos oprimidos, ao mesmo tempo em que suas obras foram utilizadas pelos educadores populares. É o patrono de nossa educação. Na Argentina provamos que a teoria de Paulo Freire circulou, foi apropriada e resultou em guia da prática, em especial aos professores progressistas. Além disso, Paulo Freire esteve presente na Argentina, no ano de 1973, em comunhão com reitores, professores e alunos. Depois da redemocratização na Argentina, Paulo Freire retornou ao país e fez uma análise da conjuntura social e política e de sua própria participação como subversivo internacional. Assim, mostramos o que o autor disse sobre a Argentina, o que os argentinos disseram sobre Paulo Freire e ainda, o que os documentos mostram sobre Paulo Freire naquele país. Em relação ao momento histórico em que vivemos no Brasil e na Argentina, entendemos que há um “fantasma que nos ronda”, ou seja, o fantasma das ditaduras. Paulo Freire é teoria viva, é práxis, sua vida pode servir de inspiração, e suas obras ao entendimento àqueles que optaram pelos “esfarrapados desse mundo”.

Palavras-chave: Subversão; Pesquisa Comparada; História da Educação.

RECH, Rogerio. **THE SUBVERSIVITY IN PAULO FREIRE: A SPECTRUM SURROUNDING US THE PHANTOM OF THE DICTATORSHIPS IN BRAZIL AND ARGENTINA.** FRANCISCO BELTRÃO - PR. UNIVERSITY OF THE WEST OF PARANÁ - UNIOESTE, 2018.

Abstract: The aim of our dissertation is the subversion in Paulo Freire. We used a figure of speech, that is, the spectrum which surrounds us to talk about military dictatorships and the context of Paulo Freire's life and work. We present in a dialectical form the concept of subversion, and, as an elucidative one, we list and name some subversives. Subjective and objective elements of our approach to the concept of subversion have been presented, supporting the main thesis: Paulo Freire was an international subversive, in life and work, both in Brazil and in Argentina. The methodology we used was historical materialism. We emphasized comparative research since we are dealing with two countries (Brazil and Argentina). We have used two methodological approaches to prove the thesis: bibliographical and documentary. Our main aim was to find the subversivity in Paulo Freire in the biases: conceptual, political and pedagogical and the pertinence of the author to the present. The facts and the documents, besides our interpretation, showed the legacy of Paulo Freire, both in Brazil and in Argentina. In Brazil, Paulo Freire was arrested and forced into exile. On his return to the country he assumed positions of prominence, progressive positions, always in defense of the oppressed ones, while his works were used by popular educators. He is the patron of our education. In Argentina we proved that Paulo Freire's theory circulated, was appropriate and resulted in a guide to practice, especially to progressive teachers. Moreover, Paulo Freire was present in Argentina in 1973, in communion with rectors, teachers and students. After the redemocratization in Argentina, Paulo Freire returned to the country and made an analysis of the social and political conjuncture and of his own participation as international subversive. Thus, we show what the author said about Argentina, what the Argentinians said about Paulo Freire, and what the documents show about Paulo Freire in that country. Regarding the historical moment in which we live, in Brazil and Argentina, we understand that there is a "ghost that surrounds us", in other words, the phantom of dictatorships. Paulo Freire is a living theory, praxis, his life can serve as inspiration, and his works to the understanding to those who opted for the "ragged ones of this world."

Keywords: Subversion; Comparative Research; History of Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	Tio Vonibaldo e companheiros na Comunidade de KM XV.	10
Figura 02	A palavra geradora Leite.	14
Figura 03	Manifestações de Rua a Favor do impeachment da Presidenta Dilma.	23
Figura 04	Procedimentos metodológicos.	40
Figura 05	Fluxograma utilizado por Paulo Freire para explicar a historicidade.	51
Figura 06	Conversa com Professores do Instituto Antonio Ruy Montoya.	82
Figura 07	Com Graziela Franzen e militantes peronistas em Chaco na Argentina.	83
Figura 08	Entrevista com professores da Escuela Normal Superior nº 12.	83
Figura 09	Biblioteca Proibida.	85
Figura 10	Queima de livros em Córdoba.	87
Figura 11	Percentual e distribuição de normativas em arquivo após ocupação militar na Universidade Popular Constâncio Vigil.	89
Figura 12	Compañero.	93
Figura 13	Círculo de Cultura do distrito Federal.	97
Figura 14	O time de subversivos.	107
Figura 15	Transcendência e Princípio de Cavalieri.	111
Figura 16	Ocupação da Primavera Estudantil no Paraná.	112
Figura 17	Críticas aos movimentos de rua que pediram afastamento de Dilma Rousseff em 2016.	119
Figura 18	O fantasma.	128

LISTA DE TABELAS

Tabela 01	Presidentes e Ministros da Educação na Argentina entre 1955 e 1983	53
Tabela 02	Presidentes e Ministros da Educação no Brasil entre 1960 e 1984.	55

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DE UMA TEORIA SUBVERSIVA	17
1.1. Questões ontológicas, epistemológicas e metodológicas de uma teoria subversiva	24
1.2. Apresentação das teses, das antíteses e das sínteses, o problema a ser pesquisado e os objetivos gerais e particulares	40
2. AS CATEGORIAS PRESENTES PARA ANALISAR E SINTETIZAR A OBRA DE PAULO FREIRE TENDO COMO CONCEITO CENTRAL A SUBVERSIVIDADE	45
2.1. Teses sobre a teoria freireana	51
2.2. A subversão a partir da produção bibliográfica de Paulo Freire durante as Ditaduras Militares	56
2.2.1. A subversão de Paulo Freire em Kant e em Gramsci	66
2.2.2. A subversão de Paulo Freire em Marx	68
2.3. Nas ditaduras militares o conceito de subversão se contrapõe ao quietismo e ao autoritarismo	72
2.4. A teoria freireana serviu de guia e expressão de uma prática subversiva no Brasil e na Argentina nos vieses político e pedagógico	76
2.5. O que os argentinos disseram sobre Paulo Freire	81
2.6. O que os documentos dizem da subversividade de Paulo Freire na Argentina	84
2.7. As experiências da aplicação do método Paulo Freire na Argentina: o caso da Campanha de Reativação Educativa de Adultos para a Reconstrução (CREAR)	91
2.8. O método de alfabetização de Paulo Freire é uma opção política, e, também um conjunto de métodos e técnicas que ainda podem revigoradas pelos movimentos sociais na alfabetização de adultos	95
2.9. A teoria freireana permite na práxis um imbricamento entre o marxismo e a religião através da Teologia da Libertação	98
2.10 A teoria freireana encontra-se com a Pedagogia Histórico–Crítica na Prática Social	102
3. A SUBVERISVIDADE PRESENTE NA TEORIA FREIREANA AINDA SERVE DE INSPIRAÇÃO À RESISTÊNCIA AO FANTASMA QUE NOS RONDA	107
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	130

INTRODUÇÃO

O objeto de estudo de nossa¹ dissertação é a subversividade em Paulo Freire, mas o que é a subversão? Os homens nascem ou tornam-se subversivos? São duas perguntas que têm pelo menos duas possibilidades de resposta, ou seja, uma subjetiva (uma explicação a partir da experiência do sujeito) e outra objetiva (uma explicação mais técnica e teórica). Como somos condenados às escolhas vamos iniciar este esclarecimento pelos elementos da subjetividade. Há sempre um “papel” relevante do indivíduo na história.

Gosto de contar histórias, mas também de ouvi-las. Aos dez anos de idade, ouvi pela primeira vez a palavra subversão. Meus pais contavam a história do tio Vonibaldo Rech, falecido recentemente. Vonibaldo foi preso pela Ditadura Militar em 1969 na Região Sudoeste do Paraná, acusado de participar de um movimento denominado “Grupo dos Onze”, liderado por Leonel Brizola, cujo intuito seria restabelecer a democracia no Brasil após o Golpe Militar de 1964.

Foi através da “Cadeia do Esclarecimento” que Brizola chamou a população para se organizar. O Grupo dos Onze ou G11 consistia na aglutinação de onze indivíduos, **tal como um time de futebol**, onde deveria ter um “capitão”, responsável por comandar e repassar as ordens oriundas da liderança de Brizola. A associação ao time de futebol, esporte mais popular no país, tinha o intuito de assimilação rápida pelas classes populares. Este efetivo deveria ser facilmente mobilizado e em condições, de que se fosse necessário pegar às armas em defesa das reformas de base e da manutenção democrática. (VANNINI e ZATTA, 2016, p. 5. **Grifo nosso.**)

Minha família tinha uma opinião dividida sobre a conduta revolucionária do tio Vonibaldo Rech e sua participação no Grupo dos Onze ou G11. Os militantes atribuíam a ele honrarias, e, os mais conservadores o colocavam como o mais preguiçoso dos irmãos. Mas do que foi acusado? O Inquérito Policial Civil-Militar de Francisco Beltrão nº 226 de 1969 acusa e absolve Vonibaldo Rech de: (a) organizar um grupo combativo para alterar a ordem política nacional; (b) viajar ao Rio de Janeiro e Porto Alegre para

¹ A escrita desta dissertação combina a primeira pessoa do plural e a primeira pessoa do singular. Utilizamos, de maneira geral, a primeira pessoa do plural quando a produção é coletiva, participação do orientador, reflexão de um assunto etc. Em alguns casos específicos e particulares escrevo em primeira pessoa do singular, faço reportagem a elementos bastante relacionados à trajetória pessoal, situações de subjetividade em que o pronome “nós” é inapropriado. O texto é polifônico, tomando por base Bakhtin, ou seja, o sujeito quando fala ou escreve deixa marcas profundas de sua sociedade, suas experiências, seu núcleo familiar, pressuposições sobre o que os interlocutores gostariam de ouvir etc. Assim a dissertação tem a voz do autor, do orientador, do próprio Paulo Freire e de outros autores. Optamos pela polifonia e em alguns momentos assumimos aquilo que outro personagem diria. Por exemplo, o que Paulo Freire nos diria hoje? Nesse caso esclarecemos que estamos nos posicionando a partir de outra “voz”.

fins de contato com Leonel Brizola; (c) enviar Atas à Rádio Mayrink Veiga; (d) promover reuniões e políticas afins; (e) distribuir **documentação subversiva**. (IPM, 1969. Grifo nosso.).

Em uma mensagem recente, Nelza Rech, minha prima e nora do tio Vonibaldo me apresentou uma foto de 1968, onde tio Vonibaldo e seus companheiros em companhia de dois padres estão a frente da comunidade do KM XV, hoje Pinhal do São Bento. Nelza me contou que o documento que tio Vonibaldo sempre mantinha próximo era o título de eleitor.

Imagem 01: Tio Vonibaldo e companheiros na Comunidade de KM XV em 1967.



Fonte: Família Rech.

Na Figura 01, Tio Vonibaldo é o segundo da esquerda para direita em frente à Capela de KM XV que hoje pertence ao Município de Pinhal de São Bento-PR. Era dirigente da pequena Igreja Católica em 1967. Esta imagem é elucidativa para nossa dissertação para entender as opções do sujeito na história. Tio Vonibaldo contava que Grupo dos Onze era referência ao time de futebol e também ao fato de entre os onze não haver um traidor como foi o caso de Judas na tradição católica.

Tio Vonibaldo Rech foi preso em Curitiba – PR para esclarecimentos sobre portar e distribuir documentação subversiva. Despediu-se da família. Colocou um chapéu de palha na parede e disse ao inquisidor, postado à porta da casa, que voltaria a usá-lo no trabalho da roça. De fato, cumpriu com o prometido. Retornou ao Sudoeste do Paraná e pouco falou sobre o assunto da subversão e o tempo de detenção. Chama-nos a

atenção da imagem da Igreja católica junto aos subversivos, nesse período da história brasileira, vamos retomar com mais elementos na parte final da dissertação.

Penso que as condições materiais, culturais e históricas associadas ao “papel” do indivíduo na história constroem um subversivo que pode utilizar um fuzil ou uma caneta. Em 1996 tive o privilégio de fazer parte do Projeto Vida na Roça e conhecer outros subversivos. Um em especial me chamou a atenção. Seu nome é Valdir Pereira Duarte que faleceu em 20 de abril de 2015² quando retornava de Posadas – AR ao buscar o diploma de doutorado da Universidad Nacional de Misiones - UNAM. Foi o mais subversivo que conheci e “era um dos nossos” como pronunciou um Agricultor Familiar em seu velório, um educador popular como o apresentou o Jornal de Beltrão.

No dia 16 de abril conversei com o Valdir Pereira Duarte por e-mail³. Transcrevo parte do diálogo. *“Mesmo assim, comento da saudade de conversar com o amigo. Aproveitando a oportunidade (sempre temos poucas) para dizer que continua sendo pra mim referência de dedicação àqueles com maior dificuldade. Abraços e boa semana”*. Valdir prontamente me respondeu: *“Rogério. Em cruzando por aqui, chegue. Faremos um chimarrão e conversaremos”*.

Conversávamos com o Valdir desde 1996. Penso que o Valdir Duarte desenvolveu um método particular que associou educação popular e desenvolvimento regional com as bases no Sudoeste do Paraná, e que ainda não há o justo reconhecimento a sua teoria e ao seu trabalho. Ele sempre ouvia as pessoas e acreditava na dimensão humana. Lembro-me das conversas sobre pesquisas internacionais, de sua participação em várias conferências no campo popular da educação na América Latina e na Europa, e, eu pensava um dia conhecer a experiência cubana de educação. Partilhei com ele o desejo e vem daí o interesse de estudar a subversividade freireana na Argentina.

Valdir Duarte trabalhava na Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural - ASSESOAR. Esta organização é conhecida dentro dos movimentos sociais como “a mãe das instituições populares do Sudoeste do Paraná”. Esta denominação leva em conta o protagonismo da instituição na criação de outras entidades e projetos como as Cooperativas de Crédito Solidário do Sudoeste do Paraná, as Cooperativas de

² Ver a reportagem de Evandro Artuzzi que tem por fonte o **Jornal Misiones de Posadas**. Disponível em: <http://www.rbj.com.br/geral/beltronense-morre-em-acidente-de-moto-na-argentina-2841.html>. Acesso em 04 de fevereiro de 2017.

³ DUARTE, Valdir Pereira. **Sem assunto**. [Mensagem Pessoal]. Recebida por duarte.valdir@gmail.com em 16-04-2015 às 09h14min

Comercialização, a criação das feiras ecológicas, as experiências organizativas das mulheres, a fundação do Partido dos Trabalhadores - PT, a assessoria aos sindicatos regionais, o apoio ao Movimento dos Atingidos pelas Barragens-MAB, as Escolas Comunitárias de Agricultores - ECAs, e, os projetos de desenvolvimento regional como o Projeto Vida na Roça – PVR e as Casas Familiares Rurais.

Podemos afirmar que a ASSESOAR é a mais subversiva das organizações populares do Sudoeste do Paraná. Em 1968, a ASSESOAR foi considerada como instituição extremamente de esquerda pela Ditadura Militar. A partir de 1970 passou a ser investigada pelo Departamento de Ordem Política e Social – DOPS, “acusada de **antecedentes subversivos** e modos de transmissão que podem ensejar o seu desvirtuamento em benefício da subversão”. (ABATTI & GELLER, 2015, p. 17. **Grifo nosso.**).

Minha subversividade foi construída no Projeto Vida na Roça – PVR, em comunhão com outros subversivos. O PVR foi uma iniciativa de desenvolvimento local, inicialmente realizada nas Comunidades de Jacutinga e Assentamento Missões, ambas em Francisco Beltrão, e, posteriormente na Comunidade de São Francisco do Bandeira em Dois Vizinhos. No caso do PVR, na comunidade Jacutinga, as entidades parceiras eram a ASSESOAR, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), a Faculdade de Ciências Humanas de Francisco Beltrão (FACIBEL), atualmente Universidade do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e a Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão.

Houve um convênio firmado entre as entidades e as lideranças locais. O PVR tinha como princípios o processo de decisão democrática, a prioridade por ações coletivas a partir de reuniões por vizinhança, o evento da Assembleia Geral onde eram delimitadas as prioridades, e o atendimento destas necessidades a partir de cada especificidade e condição das entidades denominadas de parceiras. Com o objetivo de melhor atender as demandas foram criadas quatro dimensões qual sejam: (a) produção; (b) saúde e saneamento; (c) lazer e cultura; (d) educação.

Na dimensão da produção houve a proteção e recuperação de fontes, a produção agroecológica, a criação da feira-livre o aumento de produção e produtividade leiteira, a instalação de quatro agroindústrias. Na dimensão da saúde e do saneamento houve a coleta e separação do lixo, testes sanguíneos para identificar agrotóxicos, práticas de reflorestamento e transferência das madeiras da comunidade, a proteção dos rios e o tratamento de água para consumo. Na dimensão do lazer e da cultura foram retomadas as festas locais como a Festa alemã e a Festa das Sementes cujo objetivo era manter um

banco genético que corria o risco de extinção de espécies nativas que perdiam espaço aos híbridos. Havia ainda grupos de jovens organizados por categorias como a dança, o teatro, a música, a capoeira, o futebol etc.

Na dimensão da educação, a Escola Professor Parigot de Souza adotou a metodologia da gestão democrática imbricada com a proposta do PVR. Tínhamos um limite teórico, mas a prática nos levou a conhecer algumas coisas do Marxismo no campo mais geral e da Teoria Freireana, no campo mais específico, ou seja, das palavras ou temas geradores. De Paulo Freire incorporamos ao PVR as suas reflexões sobre o “papel” das instituições na extensão presente no livro *Extensão ou Comunicação*⁴.

O resultado foi uma metodologia de trabalho onde as reuniões com os pais e familiares foram realizadas tendo como critério a vizinhança, e, a partir do diálogo com as famílias elencamos temáticas de estudo que tinham a ver com o conhecimento escolar elaborado historicamente pela sociedade, qual seja, o conteúdo escolar. Os professores tornaram-se pela competência técnica os sistematizadores do conjunto de problematizações que vertiam das discussões. Penso que no quesito problematização, estávamos em comunhão à teoria freireana, em especial porque sempre partíamos de uma situação embaraçosa para falar do tema gerador. Cito alguns exemplos: como vendemos o leite e não industrializamos? Por que alguém trabalha mais do que o outro? Por que temos a Festa Alemã e não reconhecemos os caboclos? Os agricultores sabem fazer cálculos mentais e não fazem anotações. Qual o papel da Matemática nesse processo? O que é mais relevante dos conteúdos clássicos para nossos alunos?

As próprias dimensões do PVR eram férteis no sentido de temáticas de maior amplitude para o estudo. Tenho na memória, depois de vinte anos, uma vintena de palavras que utilizamos para alfabetizar. Apresento duas. A primeira foi BODEGA. O letramento foi realizado com decodificação semiótica: BO – DE – GA e outras formas de associação com as sílabas e combinações com as vogais. Bodega é uma palavra “encharcada” de sentido para a comunidade e para as crianças. Local de presença masculina e espaço de discussões partidárias. Na época houve um assassinato neste local o que provocou uma enorme discussão a respeito. Neste momento que escrevo esta parte introdutória aproveito para aprender que BODEGA é a denominação em espanhol

⁴ Faremos uma análise mais adiante da obra: FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. Tradução de Darcy de Oliveira. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1983.

para armazém, adega, porão⁵. À época não sabíamos disso. Podemos dizer que uma palavra geradora pode ser clássica, ou seja, permanece na discussão. Assim foi TIJOLO em Paulo Freire e é BODEGA para nós do PVR.

Outra palavra geradora que tenho na memória é LEITE. A lógica de apresentação seguia o mesmo procedimento de BODEGA no sentido da sistematização e do letramento. Havia uma simbiose entre a palavra geradora e os conteúdos escolares. O planejamento era específico da escola o que forçava o trabalho em equipe entre os professores.

Figura 02: A palavra geradora Leite.

Leite
Nosso Segundo Tema Gerador

O tema leite já estava sendo um eixo forte, da área da produção, no Projeto Vida na Roça, por isso, havia sido feito um trabalho no semestre anterior e as crianças e adolescentes estavam muito animados e as famílias empenhadas em executar o planejamento feito nos grupos.

Foi neste clima que a escola começou a trabalhar com o tema leite, durante um mês e meio, aproximadamente.

Tema Gerador: Leite

Conteúdos/ideias	Sub-temas	Síntese dos sub-temas:
Manejo: alimentação, pastagens, reprodução, raças, saúde animal, silagem, minerais, consórcios...	A importância do leite e derivados na alimentação da comunidade;	O leite na economia e na alimentação da comunidade;
Industrialização/derivados	Higiene como fator lógico para a qualidade do leite;	
Leite como alimento;	Alimentação, fator determinante na produção do leite;	O manejo do gado como fator básico para a qualidade na produção do leite;
Higiene: produção, instalações...	Leite como alternativa de renda mensal para os Agricultores Familiares;	
Planejamento das atividades;	A produção de leite à base de pastagens;	O leite como fonte de renda mensal para os agricultores familiares;
Cursos; acompanhamento técnico;	O leite e a atividade econômica da comunidade;	Industrialização e comercialização do leite
Renda familiar e leite; cheque, cotas, preço, investimentos;	O manejo do gado de leite;	Renda familiar.
Mercado e comercialização;	Comercialização e renda familiar.	
Atividade do leite e mulher (gênero);		
Associativismo na atividade leite;		
Origem do trabalho com leite;		

Fonte: Cadernos Pedagógicos, 2000, p. 33.

Esta forma de organização da escola, organizando um currículo a partir de temas do PVR nunca foi bem entendida pela Secretaria de Educação do Município e o PVR

⁵ Utilizamos o termo Bodega no Sudoeste do Paraná sem levar em conta a etimologia da palavra. A tradução está disponível em: <http://dicionario.reverso.net/espanhol-portugues/bodega>. É razoável dizer que “importamos” este conceito por estarmos em uma região de fronteira com a Argentina.

passou a ser considerado subversivo. Nossas críticas eram da fragmentação dos processos de educação que mudavam quando havia troca no poder executivo. Cada secretário de educação buscava impor uma nova metodologia sem considerar nossa trajetória de PVR e todo um arcabouço teórico construído.

Mas que teoria era essa? No PVR encontrei Paulo Freire, o mais subversivo dos educadores brasileiros. No PVR, as leituras de Paulo Freire funcionavam em dois vieses: (a) do letramento com as palavras ou temas geradores; (b) do sentido político de empoderamento dos professores e da comunidade. Os resultados mostraram que não se tratava apenas de uma técnica, mas de uma filosofia, um modo especial de ver o mundo a partir do protagonismo local. A teoria era expressão de uma prática e depois de sistematizada transformava-se de forma dialética em guia da prática.

Minha subversividade carecia de uma teoria. Eu precisava da companhia de Paulo Freire, não é pedagógico sentir-se só. Uma teoria depois de produzida não é mais do autor, mas de quem precisa dela para seguir adiante. Precisávamos entender o mundo para transformá-lo. Fizemos essa empreitada no PVR. Nossa teoria de educação e desenvolvimento regional, optando pelos esfarrapados desse mundo, incorporando as ideias marxistas heterodoxas e as teorias críticas em educação como a pedagogia freireana com imbricamento com a Pedagogia Histórico-Crítica, tornou a Escola Parigot de Souza, por uma década, de 1996 até 2006, a principal referência em Educação do Campo na Região Sudoeste do Paraná, com forte interferência no Estado do Paraná nas propostas progressistas de educação.

Na Escola Professor Parigot, havia uma primeira geração de professores, intelectuais tradicionais no sentido gramsciano. Eram dez professores que fizeram sua formação nos seminários católicos e voltaram para comunidade. Estavam jubilandos no trabalho quando uma nova geração mais orgânica tornou possível uma nova perspectiva mais popular da escola. Os professores antigos aos poucos foram incorporando a ideia do PVR, este fato viabilizou um conjunto de ações que tiveram sucesso.

Assim afirmo que os homens constroem sua subversividade em comunhão com outros subversivos ou estranhos à luta, a partir de suas condições materiais e históricas quando decidem lutar contra as injustiças. Esta atitude é um evento coletivo por um lado, mas tem a ver com o “papel” do indivíduo na história. A conjuntura faz o subversivo, mas é inegável que há um momento em que o sujeito decide por um ou por outro lado da trincheira. Assim foi com o tio Vonibaldo e com certeza com Valdir Duarte, um gênio, o melhor de todos os subversivos que conheci.

O subversivo é um sujeito esclarecido. Tomamos de emprestado o que nos disse Kant em 1783 sobre o esclarecimento e a maioria intelectual. A minoridade é a incapacidade de se servir de seu próprio entendimento sem a tutela de outro, é falta de resolução e coragem e sobra de preguiça. Esta preguiça e a covardia são as causas pelas quais, boa parte dos homens, libertos pela natureza de toda tutela alheia, comprazem-se em permanecer por toda a vida como menores; e é por isso que é tão fácil outros instituírem-se como seus tutores. É tão cômodo ser menor, se não tenho entendimento peço para alguém, mas há aqueles que buscam a maioria intelectual, mesmo correndo os riscos do penoso e do perigoso. (KANT, 2017).

Tomamos como muito próximos às ideias de Immanuel Kant, no “ouse fazer” e maioria intelectual e a Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire. Entendemos que isso tem correspondência com a práxis educativa e a relação com os processos hegemônicos na teoria de Antonio Gramsci. Faremos isso no terceiro capítulo quando da análise da bibliografia de Paulo Freire dentro de um conceito de subversão.

Ao leitor, que por algum momento, tenha considerado o texto até aqui, enfadonho ou prolixo, faço a promessa, que cada situação particular apresentada, terá correspondência com o último capítulo da dissertação, onde perguntamos e ao mesmo tempo respondemos: o que Paulo Freire nos diria hoje a respeito do que estamos fazendo pela educação dos e com os esfarrapados deste mundo.

Esclarecemos que o Capítulo I contém a metodologia e a teoria geral da dissertação. O Capítulo II é mais denso. Apresentamos as categorias para analisar e sintetizar as obras de Paulo Freire, tendo como conceito central a subversão, além disso, defendemos as teses da teoria freireana ou teoria da libertação. Destinamos ao Capítulo III as discussões sobre a pertinência da teoria freireana no contexto do “fantasma” que nos ronda, e, nos encaminhamos para as considerações finais.

1. ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DE UMA TEORIA SUBVERSIVA

Subversivo de acordo com o Dicionário Aurélio é aquele que ou quem subverte ou tende a subverter, que ou quem pretende perturbar a ordem estabelecida, que ou quem contraria as ideias ou opiniões da maioria. (FERREIRA, 1998). No Dicionário Informal subverter tem na etimologia o significado de verter por baixo, fazer ruir uma estrutura, destruir conceitos, quebrar paradigmas. O subversivo é aquele que pretende destruir ou transformar a ordem política, social e econômica estabelecida, sendo sinônimo de revolucionário e antônimo de pacífico ou quieto. (DICIONÁRIO INFORMAL, 2016).

Pela acepção clássica, subversivo pode ser um adjetivo ou um substantivo. No primeiro caso é uma característica, uma manifestação e um propósito. No segundo caso há um sujeito, algo ou alguém que incita a subversão. A conotação da subversividade pode ser positiva, negativa ou dialética. Subversivo pode ser uma acusação do Estado a um indivíduo, por um lado, e por outro pode ser a fonte de inspiração das classes populares. Quando pensamos esta questão da subversividade de forma dialética, podemos tomar por empréstimo o refrão “Quem quer manter a ordem? Quem quer criar desordem?”⁶ para a interpretação. Em geral quem mantém a ordem não subverte e quem busca alterá-la é subversivo.

Quem foram os sujeitos subversivos na história? Aristóteles foi subversivo à Academia de Platão. Jesus Cristo foi subversivo em relação ao Judaísmo. Copérnico questionou Ptolomeu a respeito do geocentrismo e Nelson Mandela foi subversivo ao Apartheid. Mandela personifica o que estamos dizendo de um subversivo. Foi prisioneiro do Apartheid por 27 anos. Condenado a trabalhos forçados, saiu da prisão e tornou-se o primeiro negro a dirigir a África do Sul. Um poema lido por Mandela na prisão explica a subversividade. “Não importa o quão estreito seja o portão e quão repleta de castigos seja a sentença, eu sou o dono do meu destino, eu sou o capitão da minha alma⁷”.

⁶TITÁS. **Desordem**. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/titas/desordem.html>. Acesso em 16 de outubro de 2016.

⁷ Mandela nos diz que cada vez que se sentia abandonado na prisão lia o poema “Invictus”, do britânico William Ernest Henley. Encontrou nas palavras de Henley a esperança e a força necessárias para manter-se vivo. Disponível em: <http://www.nowmaste.com.br/invictus-o-poema-que-inspirou-nelson-mandela/>. Acesso em 05 de Fevereiro de 2017.

Tomamos a interpretação de Henrique Vieira que define Jesus Cristo como um subversivo. Numa sociedade patriarcal, as mulheres tiveram protagonismo no movimento que Jesus organizou. Numa sociedade muito desigual economicamente Jesus denunciou o acúmulo de riquezas e exaltou os pobres. Numa sociedade moralista Jesus andou com sujeitos considerados de má fama e denunciou a hipocrisia dos líderes religiosos. Numa sociedade baseada na vingança Jesus ensinou a amar e a perdoar sempre. Numa sociedade hierárquica Jesus exaltou os humildes, disse que os menores são os maiores e vice-versa em outras palavras implodiu as relações de poder. (VIEIRA, 2017).

Voltamos ao nosso caso. Há subversivos em nossas escolas? Vamos ao primeiro exemplo. No dia 26 de outubro de 2016, Dermeval Saviani e Carlos Roberto Jamil Cury marcaram posição política de não comparecimento à entrega do Prêmio Capes. Dermeval Saviani foi subversivo ao se recusar a receber o Prêmio Capes Anísio Teixeira das mãos do Ministro da Educação Mendonça Filho. Dermeval Saviani agradeceu a generosidade da indicação, mas argumentou que a partir da

atual conjuntura política regressista com ameaças, que já estão se concretizando, de grave retrocesso em nossa área, consideramos que a atitude que tomamos é a mais coerente com a já longa e árdua luta que todos nós estamos travando por uma educação pública do mais elevado padrão de qualidade acessível a toda a população brasileira” (SAVIANI & CURI, 2016).

Vamos a outro exemplo. A estudante Ana Julia Ribeiro, de 16 anos, do Colégio Estadual Senador Manuel Alencar Guimarães (SESMAG), de Curitiba, ocupado pelo movimento estudantil esteve presente na Assembleia Legislativa do Paraná defendendo o direito à participação dos estudantes e ao diálogo e sentenciou de forma interrogativa: “A quem a escola pertence? Vocês (deputados estaduais) que representam o Estado estão com as mãos sujas de sangue. A reforma na educação é prioritária, mas precisa ser debatida, conversada”, defendeu ela na tribuna. (ROSSI, 2016).

O professor Jelson Oliveira da Pontifícia Universidade Católica comparou Ana Julia a David na luta contra Goliath e sugeriu que o Ministro da Educação deveria deixar os confortos da “corte brasileira” para se encontrar com Davi no chão da escola. “Ao invés do silêncio obsequioso, a turma da Ana Júlia preferiu falar. A sua voz precisa, urgentemente, ser ouvida, a começar por envolver os estudantes na discussão das reformas propostas para a educação”. (OLIVEIRA, 2016).

O professor Ivânio Dickmann, ao comentar as façanhas de Ana Julia, buscou correlação com a teoria Freireana a partir do livro *Pedagogia do Oprimido* e encontrou dez características teóricas presentes em Ana Julia e nos movimentos de ocupação das escolas públicas pelos secundaristas: (a) o líder é um ser de permanente reflexão; (b) é um ser da práxis (reflete e atua); (c) tem função de coordenação e de direção; (d) a liderança revolucionária está unida aos outros grupos populares; (e) é dialógica com convencimento e não imposição; (f) a liderança é um ser de comunicação, é o ápice da direção o se fazer entender não apresentando comunicado, comunicando ao povo o que fazer, mas escutando o povo; (g) a liderança é transformadora da realidade opressora; (h) a liderança é desmistificadora da realidade opressora; (i) a liderança popular é substantivamente política, e; (j) adjetivamente pedagógica. (DICKMANN, 2016).

Esta homologia utilizada pelo Ivânio Dickmann aproxima dois subversivos, Ana Julia e Paulo Freire, mesmo que em conjunturas diferentes que ajudam a entender o conceito de sujeito subversivo. O passado é um espectro que nos confunde, um sussurro em nossos ouvidos, ora representado pelo temor, ora pela esperança. Por isso evocamos o Tio Vonibaldo Rech para mostrar nossa gênese subversiva, evocamos Paulo Freire para discutir a teoria subversiva, evocamos Valdir Duarte para nos dar força para seguir adiante. Os mortos-vivos são nossos companheiros, e, nosso desafio é entender o que eles diriam sobre o que estamos escrevendo.

Como nos disse Marx em XVIII de Brumário: “A ressurreição dos mortos nessas revoluções tinha, portanto, a finalidade de glorificar as novas lutas e não a de parodiar as passadas”. (MARX, 2011, p. 9). E Walter Benjamin reforça a ideia dizendo os “mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer”⁸.

Podemos colocar Paulo Freire no rol dos subversivos? Vamos a um fato ocorrido em 2016, durante o *impeachment* da ex-presidente Dilma. As alterações conjunturais e políticas trouxeram a discussão biográfica de Paulo Freire. Nita Freire, esposa de Paulo Freire e doutora em educação, acusou formalmente o presidente Michel Temer de conivência com as alterações de perfil realizadas nos computadores da rede do Serviço Federal de Processamento de Dados (Serpro), do governo federal. Houve uma alteração no texto original colocando Paulo Freire como educador atrasado, manipulador e doutrinador marxista. Em seu texto, Nita cobra de Temer que o atual ministro da

⁸ Walter Benjamin. Disponível em: <http://www.jornalonline.com.br/2011/dez/pages/drops-benjamin.php>. Acesso em 23 de outubro de 2017.

Educação, Mendonça Filho, esclareça o ocorrido e evite que atitudes como essa se repitam. Ela ressalta que a “máquina do Estado [está] a serviço do amesquinamento de um dos mais importantes homens da nação”. (FREIRE, A. M. A, 2016).

A Gazeta do Povo, jornal de circulação no Estado do Paraná, divulgou que há uma proposta no Senado Federal que retira de Paulo Freire o título de patrono da educação brasileira. Miguel Nagib, fundador do movimento Escola Sem Partido, diz que a lei precisa mesmo ser revogada. “Paulo Freire, de certo modo, é responsável pelo descalabro que é a educação no Brasil”. Nagib critica a lei proposta por Erundina: O Projeto Escola Sem Partido apoia essa ideia. Foi uma levandade do Congresso Nacional conceder esse título, afirma Nagib. (GAZETA DO POVO, 2017).

Diante das provocações à memória de Paulo Freire e a seu legado, apresentadas no caso do Serpro e da matéria da Gazeta do Povo, respondemos de forma afirmativa: Paulo Freire ainda é um educador subversivo. As evidências são dadas em dois vieses: o primeiro da crítica perturbada dos golpistas no Brasil, e, à aceitação de sua teoria, em especial no campo dos movimentos populares. Ainda há a questão da relevância do autor, um dos atributos de um subversivo. Os números estão ao nosso favor. O professor Elliot Green nos apresenta uma pesquisa a partir do Google Scholar – ferramenta de pesquisa para literatura acadêmica –, o educador, pedagogo e filósofo brasileiro, Paulo Freire, é o terceiro pensador mais citado do mundo em trabalhos acadêmicos de universidades de humanas. O brasileiro foi mencionado 72.359 vezes. O filósofo Thomas Kuhn está em primeiro lugar, com 81.311 citações, e logo em seguida o sociólogo Everett Rogers, com 72.780 citações. (GREEN, 2016).

O rechaço a Paulo Freire não é nenhuma novidade, não é recente e tampouco de difícil identificação pelos que o fazem. Teve início já nos fins dos anos 1950 e começo da década de 60, momento em que o educador idealizou a educação popular e realizou as primeiras iniciativas de conscientização política do povo, em nome da emancipação social, cultural e política das classes sociais excluídas e oprimidas. Sua metodologia dialógica foi considerada perigosamente subversiva pelo regime militar, o que rendeu a Freire o exílio. No momento, as críticas a Paulo Freire têm origem nos grupos golpistas de direita. As manifestações atuais contra o educador só mostram que os setores conservadores continuam tão reacionários quanto na época da ditadura. (BASÍLIO, 2015).

Por outro lado, podemos dizer: “Paulo Freire, presente!”. No dia dois de maio de 2017, o Deputado Federal Ivan Valente manifestou em discurso na Câmara Federal, àquilo que de alguma forma estamos tentando dizer:

Vinte anos após sua morte, hoje dois de maio de 2017, podemos dizer: Paulo Freire está presente entre nós. O patrono, e, grande educador brasileiro nos deixou, mas ficou o seu legado. Nós que acompanhamos a obra de Paulo Freire em um momento em que o Brasil vive um imenso conservadorismo, inclusive com pessoas do Movimento da Escola sem Partido que combatem as ideias do maior educador brasileiro, estamos aqui para reconhecer o seu trabalho, de libertação dos oprimidos, de humanização em momento em que os trabalhadores brasileiros estão perdendo os seus direitos (VALENTE, 2017).

Estamos perfilando os subversivos (Ana Júlia do presente e Paulo Freire do passado-presente). Eles são personagens notórios, mas também pessoas comuns que saem do anonimato e tornam-se protagonistas. Então respondemos que há subversivos em nossas escolas. Vamos apreciar as peripécias de Ana Júlia e “sua turma”. No dia 22 de setembro de 2016, o Governo Federal publicou no Diário Oficial a Medida Provisória 746/2016, que altera o ensino médio em todo o país. (BRASIL, 2016).

A reação dos secundaristas paranaenses foi imediata, ocuparam 640 colégios no Paraná apresentando uma pauta diversa de reivindicações. (RPC PARANÁ, 2016a). O Colégio Léo Flach, onde trabalho foi o primeiro a ser ocupado em Francisco Beltrão – PR. No dia 7 de outubro de 2016, o Governador do Paraná, Beto Richa, afirmou que “os estudantes que ocupam as escolas no Estado do Paraná não sabiam o porquê dos protestos”. (RPC PARANÁ, 2016b).

Na mesma direção, o Presidente Michel Temer utilizou-se de ironia para desqualificar o protagonismo juvenil dos jovens estudantes secundaristas. "Você sabe o que é uma PEC? É aquela proposta de ensino comercial. As pessoas não leem o texto. Não estou dizendo se ocupa ou se não ocupa, estou falando no geral. A vida é assim. As pessoas debatem sem ao menos ler o texto", disse o presidente. (AMARAL, 2016).

A mesma alegação utilizada contra Paulo Freire, ou seja, ignorante e subversivo para desqualificá-lo é utilizada para atacar Ana Julia e os secundaristas. Isso é apenas coincidência? Não. Os indícios mostram que os subversivos são rechaçados em diferentes momentos e contextos, em especial quando lutam contra as injustiças. Assim foi com Paulo Freire e assim o é, com Ana Júlia. A reflexão sobre a história nos traz “conforto teórico”, para entendê-la e seguir adiante, um ofício de historiador que

ultrapassa a apologia da História na busca de uma história-problema como nos ensinou March Bloch (2002).

Nosso ofício de historiador deve ser dialético, o passado e o presente geram algo de novo, ou seja, o futuro, mas não é possível seguir adiante sem honestidade intelectual e justiça teórica. Nossas contendas do presente são “encharcadas” de memórias evocadas do passado. Por exemplo, quando querem desqualificar os movimentos sociais é prática recorrente questionar os representantes teóricos. Assim para falar do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST ou do Sindicato dos Professores do Paraná fazem crítica a Marx e a Freire.

Vamos a um exemplo regional. No ano de 2015 o Jornalista Badger Vicari publicou no Jornal de Beltrão o artigo: “Governo erra em não politizar a greve”. Badger expressou todo seu ódio a Paulo Freire, misturando uma interpretação particular com o contexto da greve dos professores da Rede Estadual de Ensino do Paraná. Vamos às acusações: (a) a metodologia de Paulo Freire é um câncer para a educação e um festival de barbaridades; (b) Pedagogia do Oprimido é uma porcaria, uma pequena bíblia que não tem nada de educação; (c) Paulo Freire é um político, ideólogo a favor de Cuba, não tem nada de educação nisso aí; (d) o Estatuto da Criança e do adolescente (ECA) é uma espécie de Paulo Freire de calças curtas, e sua proteção escancarada ao crime, com seus sectários no mundo político e nas ONGs financiadas pelo governismo petista, serve a uma política totalitária que acredita que a marginalidade e o crime decorrente são aliados para destruir os valores da sociedade capitalista. (VICARI, 2016).

Esta tentativa de criminalizar Paulo Freire, e, colocá-lo como subversivo não é apenas um evento local. O Jornal de Beltrão, em nossa cidade, apenas reproduz com qualidade duvidosa as grandes discussões teóricas da grande mídia nacional. Em 2015, por ocasião das passeatas contra a corrupção e direcionadas ao Partido dos Trabalhadores (PT), o Jornal do Brasil publicou uma imagem com os dizeres “fora Paulo Freire” que foi utilizada amplamente pelos manifestantes em suas passeatas. (JORNAL DO BRASIL. 2015).

Figura 03: Manifestações de Rua a Favor do impeachment da Presidenta Dilma em 15 de março de 2015.



Sobrou até para o falecido educador Paulo Freire nas manifestações de domingo (reprodução)

Fonte: Jornal do Brasil, 2015.

As semelhanças não são meras coincidências. A professora Mariana Tosolini da Universidade Nacional de Córdoba, na Argentina, nos apresentou algumas preocupações dos docentes argentinos com relação aos atuais retrocessos das políticas públicas no Governo Macri. Há semelhanças com governos autoritários em termos ideológicos. Há um conflito com os docentes, pela falta de diálogo. A proposta do governo é que cada Província de acordo com suas possibilidades financeiras faça uma discussão salarial com os docentes, isto fragiliza as iniciativas do conjunto. No mesmo cenário estão sendo extirpadas as políticas destinadas à memória nacional. (TOSOLINI, 2016).

Há uma preocupação entre os docentes argentinos a respeito dos avanços alcançados nos governos representados pela coalizão Frente para a Vitória (FPV) que dirigiu o país entre 2003 e 2016, o primeiro mandato de Néstor Kirchner e os dois mandatos consecutivos de Cristina Fernández de Kirchner, e da permanência ou não

destes avanços no atual governo Macri. Citamos alguns avanços como a garantia de salário docente e o financiamento educativo com a estimativa de 6% do Produto Interno Bruto (PIB) em educação, ciência e tecnologia, a criação do Instituto Nacional de Formação Docente, os programas de incorporação das Tecnologias de Informação e Comunicação ao sistema escolar. No primeiro ano do Governo de Maurício Macri teremos uma noção dos caminhos de continuidade ou descontinuidade dos planos nacionais de educação que permitiam investimentos em educação associados ao Produto Interno Bruto (PIB). (TERIGI, 2016).

É neste cenário, pela nossa consciência latina que ficamos honrados em defender o legado de Paulo Freire. Como nos contou Ecléa Bosi: nas sociedades temos aqueles responsáveis por guardar e lembrar as coisas. São pessoas autorizadas a construir o acervo familiar, com fotos, caixinhas e latinhas que guardam aos cachinhos de cabelos infantis, ou os primeiros dentes dos anciões já distantes. São os guardiões culturais que têm a “memória dos velhos” (BOSI, 1979).

Esta empreitada é complexa, mas possível. Há muito a pesquisar de Paulo Freire. Como já dissemos e reiteramos: os números nos ajudam. Paulo Freire é o brasileiro que mais recebeu o título de doutor *honoris causa*, ao todo foram 35 premiações em todo o mundo. Estava prestes a receber a mesma homenagem pela Universidade de Havana quando veio a falecer em 1997. No entanto, seu reconhecimento oficial no Brasil foi tardio, por dever de justiça o governo brasileiro anistiou, em 26 de novembro de 2009, *pós mortem*, **o patrono da educação brasileira**. (BEZERRA, 2010. **Grifo nosso.**).

O maior título concedido a um educador brasileiro, ou seja, o de patrono de nossa educação foi uma proposta da deputada Luiza Erundina em 2005. (BRASIL, 2005). Em 2012, a Presidenta Dilma Rousseff sancionou a Lei 12.612 que em seu Art. 1º declara Paulo Freire o Patrono da Educação Brasileira. (BRASIL, 2012). Na Argentina Freire recebeu um prêmio similar ao recebido no Brasil. No caso argentino, a Resolução nº 636, de 1997, do Ministério da Educação Argentina, no Art. 1º, “estabelece o nome de Paulo Freire para o prêmio de Maestro Exemplar anualmente entregue às destacadas personalidades da docência argentina” (ARGENTINA, 1997).

1.1 Questões ontológicas, epistemológicas e metodológicas de uma teoria subversiva.

Ontologia significa o que é o ser, o que é realidade, qual a concepção da realidade. De imediato precisamos dizer o que é essa realidade e indagarmos a respeito

da subversividade no campo do real. No funeral de Marx, em 1883, Engels tratou de dar um conceito de realidade.

Assim como Darwin descobriu a lei do desenvolvimento da natureza orgânica, Marx descobriu a lei do desenvolvimento da história humana: um fato tão simples, mas escondido debaixo do lixo ideológico, de que o homem necessita, em primeiro lugar, comer, beber, ter um teto e vestir-se antes de poder fazer política, ciência, arte, religião etc.; que, então, a produção dos meios imediatos de vida, materiais e, por conseguinte, a correspondente fase de desenvolvimento econômico de um povo ou de uma época é a base a partir da qual tem se desenvolvido as instituições políticas, as concepções jurídicas, as ideias artísticas e, até mesmo, as ideias religiosas dos homens e de acordo com a qual, então, devem ser explicadas, e não ao contrário, como até então se vinha fazendo (ENGELS, 2017).

Nesta teoria Marxiana a realidade é o resultado de múltiplas determinações que tomam por base as questões materiais, os meios e as relações de produção. Os homens são o que produzem e como produzem. No entanto, estas condições não são exclusivas por que há que se considerar a história, a cultura e os valores de uma sociedade em determinado tempo - espaço (cronotopo), como por exemplo, a utopia, a liberdade e a subversividade que também são produções concretas. Podemos dizer, as verdadeiras necessidades humanas são as espirituais, mas, que serão realizadas quando aquelas (materiais) forem atendidas.

Por isso, sempre que falamos em realidade devemos tipificar esta sociedade que nos referimos e delimitar o período de análise. A realidade é dialética, resultado das contradições entre aparência e essência. Por exemplo, a subversividade é uma contradição interna das ditaduras militares, afinal quem é o subversivo: os militares que deram o golpe de estado ou aqueles que buscavam reestabelecer a democracia? A conjuntura deste debate é de uma sociedade capitalista, do Estado Burocrático e Autoritário que denominamos ditaduras militares no Brasil e na Argentina entre os anos 1960 e 1985 e qualquer resposta deve estar embasada neste contexto.

A ciência que deve pensar a realidade é a Filosofia, assim nos ensinou Enrique Dussel ao defender uma Filosofia da Libertação assentada na periferia, onde os protagonistas são os filósofos latinos, com um jeito especial de captar o real, considerando nossa condição de espoliados das condições materiais, e, cooptados pela cultura europeia e norte-americana. (DUSSEL, 1996).

A epistemologia em sua assepsia clássica busca o distanciamento da doxa (opinião popular) e próxima do conhecimento (episteme). Atenta-se para a natureza, a origem e a validade do conhecimento. É uma filosofia da ciência na medida em que faz as perguntas: é possível o ser humano alcançar o conhecimento genuíno? Quais os limites, possibilidades deste conhecimento? Neste sentido inclina-se para ao estudo da realidade.

Um olhar menos atento distanciaria a epistemologia da subversividade, ou seja, os cientistas dos subversivos. A epistemologia tem correspondência com o método científico em suas etapas: a racionalidade, a observação, a formulação de uma hipótese, a experimentação, a interpretação de resultados, a validação, e, finalmente a conclusão. O pensamento subversivo exclui estas categorias? De maneira nenhuma, Karl Marx, o mais subversivo dos homens fez ciência e descobriu as leis que descrevem o capitalismo.

Eis então uma epistemologia Marxiana:

Ao estudarmos um determinado país do ponto de vista da sua economia política, começamos por analisar a sua população, a divisão desta em classes, a cidade, o campo, o mar, os diferentes ramos da produção, a exportação e a importação, a produção e o consumo anuais, os preços das mercadorias, etc. Parece correto começar pelo real e o concreto, pelo que se supõe efetivo; por exemplo, na economia, partir da população, que constitui a base e o sujeito do ato social da produção no seu conjunto. Contudo, a um exame mais atento, tal revela-se falso. A população é uma abstração quando, por exemplo, deixamos de lado as classes de que se compõe. Por sua vez, estas classes serão uma palavra oca se ignorarmos os elementos em que se baseiam, por exemplo, o trabalho assalariado, o capital, etc. Estes últimos supõem a troca, a divisão do trabalho, os preços, etc. O capital, por exemplo, não é nada sem o trabalho assalariado, sem o valor, sem o dinheiro, sem os preços, etc. Por conseguinte, se começássemos simplesmente pela população, teríamos uma visão caótica do conjunto. Por uma análise cada vez mais precisa chegaríamos a representações cada vez mais simples; do concreto inicialmente representado passaríamos a abstrações progressivamente mais sutis até alcançarmos as determinações mais simples. Aqui chegados, teríamos que empreender a viagem de regresso até encontrarmos de novo a população - desta vez não teríamos uma idéia caótica de todo, mas uma rica totalidade com múltiplas determinações e relações (MARX, 2008, p. 258).

Faremos uma analogia da brilhante descrição de Marx, pensando em nossa dissertação. Ao analisarmos a subversividade em relação ao Estado Autoritário no Brasil e na Argentina teríamos uma abstração se não levássemos em conta a subversividade nas ditaduras militares na América Latina. Estas, por sua vez, só podem ser explicadas a

partir de conceitos como a censura, a repressão, o silenciamento, a tortura e a subversão. Partimos de um todo caótico e voltamos com uma síntese de muitas determinações, acrescentando que uma das leis que explicam a derrocada das ditaduras militares é a subversividade.

Assim compreendido o conhecimento é ao mesmo tempo dedutivo e indutivo, analítico-sintético, abstrato-concreto, lógico-histórico. Nas palavras de Marx, o primeiro passo é reduzir a plenitude da representação a uma determinação abstrata; pelo segundo, as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto pela via do pensamento. (SAVIANI, 2005).

Pensando nesta teoria é possível defender a existência de uma Filosofia Latina, Marx não queria ser copiado, mas que as relações materiais criassem outras possibilidades, inclusive de método. Seguindo esta forma de pensar, há possibilidade de uma Epistemologia Latina? O professor Cezar Tello, na Universidade de Buenos Aires, nos ajuda responder de forma afirmativa. A Epistemologia Latina assenta-se em um caráter coletivo, onde a solidariedade prevalece sobre o individualismo, os grupos de trabalho são interdisciplinares, os tratados de ética nos mostram que além de “pontos de vista” devemos ter “pontos de vida”⁹. É um posicionamento epistemológico distinto, de crítica à ciência que escraviza e está sob o domínio do capital. É um pensamento revolucionário, a serviço das transformações sociais, que busca justiça na academia com grandes pensadores latinos que produziram ciência e foram espoliados. (TELLO, 2012).

Depois de esclarecer as questões ontológicas e epistemológicas nos inclinamos às questões metodológicas. Durante o ano de 2016 buscamos construir de forma sintética e sincrética, uma metodologia coerente com nossa dissertação. Partimos do relato de Carlos Alberto Torres, argentino, e, estudioso de Paulo Freire com quem estive por várias vezes. O autor sustenta que a abordagem metodológica freireana é a fenomenologia dialética. (TORRES, 1996, p. 117).

Fizemos um esforço para entender a fenomenologia e torná-la nossa referência metodológica e não obtivemos sucesso. Vamos aos motivos. O termo fenomenologia já havia sido defendido por outros filósofos, mas em Husserl toma corpo de método. Buscando na filosofia o fundamento para as matemáticas e a lógica desenvolve a

⁹ Em 2014 o professor César Tello esteve na Pontifícia Universidade Católica em Curitiba no Paraná para falar sobre vigilância epistemológica em Bourdieu. Uma das discussões apresentadas é que o “ponto de vista” é muito superficial, está na doxa ou opinião. O “ponto de vida” é mais consistente, apresenta a trajetória de quem escreve imbricada com o que escreve, neste caso a vigilância epistemológica implica em pontos de vista e também em pontos de vida.

fenomenologia como ciência fundamentadora, baseando-se na análise reflexa do conteúdo do pensar enquanto manifesta a realidade (fenômeno). Para encontrar o fundamento, segundo ele, é preciso colocar-se acima da mera experiência prática e despir-se de todos os preconceitos, orientando-se apenas por uma **evidência apodítica**, ou seja, destituída de toda a possibilidade do seu contraditório. (ZILLES *in* HUSSERL, 2002, p. 5. **Grifo nosso.**).

Para a fenomenologia, o objeto de estudo deveria ser isolado, isto é, como que o pesquisador fizesse um esforço mental para se afastar do que quer estudar sendo a mesma pessoa e fazendo a análise. Este movimento tornaria a verdade como conceito relativo. Veja o exemplo que foi dado por Creusa Capalbo quando fala da intencionalidade da consciência com um duplo sentido, ora ela é isolada, ora envolvida na cultura, na linguagem etc.

É por isso que o fenômeno da fome, por exemplo, tal como ele é vivido pelas pessoas, tem dois aspectos indissociáveis em sua universalidade: um de natureza estrutural e formal que permite entender, falar e conceituar este fenômeno nele mesmo, tal como fazem os organismos internacionais de saúde e de alimentação, ou como pode ser feito em qualquer parte de nosso planeta. Outro e de natureza material ou de conteúdo, que expressará a situação existencial concreta em que a fome é vivida por alguém, e que difere de um lugar para outro, de uma classe para outra. Assim, a fome do nordestino flagelado pela seca não é a mesma fome que a classe média urbana vivência. A fome vivida pelas populações carentes no Brasil não se compara à fome vivida pelos desempregados, mas amparados pela previdência social, na Europa ou nos EUA. Os brasileiros expressam, pela sua modalidade de viver, a sua fome com todos os condicionamentos sociais, de classe, econômicos, culturais e políticos nela presentes. A fenomenologia existencial se interessará pela explicitação, descrição, compreensão, interpretação e ação sobre o fenômeno da fome em sua natureza material - e não em sua natureza meramente formal (CAPALBO, 1990, p. 46).

Não é honesto intelectualmente e nem há correspondência com a realidade colocar Paulo Freire no campo da fenomenologia. O que Paulo Freire fez foi ler autores fenomenológicos e incorporar alguns procedimentos para fortalecer sua base dialógica. Sendo assim, também não nos parece razoável utilizar essa metodologia, ou seja, a fenomenologia em nossa dissertação, não há como destituir-se do contraditório, tampouco isolar a subversividade. A redução ou *epoqué*, base da fenomenologia, uma espécie de suspensão ou isolamento da realidade (condição que não esteve presente na vida e obra de Paulo Freire) só ocorre em termos parciais quando escrevemos o último

capítulo da nossa dissertação, quando nos colocamos no lugar do autor, e perguntamos: o que Paulo Freire nos diria hoje?

Paulo Freire não fez este isolamento para escrita, sua teoria e seus métodos partem de uma realidade de múltiplas determinações, nunca houve esta suspensão de juízo e não há uma fixação em sua própria tradução do mundo, mas uma transposição e uma sistematização daquilo que os mais simples entenderam da realidade. Então, qual seria então a metodologia adequada?

Pensamos no Materialismo Histórico Dialético, a princípio com receio, de cometermos uma “heresia”, dada as inúmeras críticas dos marxistas ortodoxos em relação a Paulo Freire. No entanto, as categorias de análise que emergiram para explicar a realidade das ditaduras militares, a teoria freireana e a subversividade são compatíveis por correspondência com método do Materialismo Histórico Dialético (não ortodoxo).

Vamos mostrar mais adiante que Paulo Freire foi condenado por ser marxista, apesar de sua heterodoxia. A teoria marxista não veio *a priori*, não leu primeiro para depois buscar correspondência com a realidade, pelo contrário, foi nas ruas e nas favelas que encontrou o “camarada Marx”. Estamos convictos que nossa escolha não fere os aspectos metodológicos necessários, é possível e coerente estudar Freire pelo Materialismo Histórico Dialético, Freire dedicou sua vida a transformar o mundo.

Vamos a Marx. Na XIII tese a Feurbach, Marx disse que “os filósofos não fizeram mais que interpretar o mundo de forma diferente; é preciso transformá-lo” (MARX, 1999, p. 8). Uma metodologia de trabalho que resultasse apenas em descrição e interpretação estaria fadada ao fracasso. É preciso “sentar-se na cadeira do autor”, e, em algum momento imaginar o que ele diria, ou escreveria a respeito das contendas que estamos vivendo. O que Paulo Freire quer nos dizer hoje?

Como vamos saber se nossa dissertação tem correspondência com a realidade? Novamente recorremos a Marx na II tese a Feurbach. “O problema de se o pensamento humano corresponde a uma verdade objetiva não é um problema da teoria, e sim um problema prático. É na prática que o homem tem que demonstrar a verdade, isto é, a realidade, e a força, o caráter terreno de seu pensamento” (MARX, 1999, p. 2). Nossa dissertação demonstrou que ainda hoje, de forma proposital, deliberada aos fundamentos justos da interpretação de uma teoria, Freire e seus seguidores são atacados. Isso evidencia que Paulo Freire é um subversivo, sua teoria está presente, é força material para as massas e não apenas um conceito no campo do idealismo. Paulo Freire tinha uma utopia clara, e viveu essa utopia como práxis.

Um problema prático é de análise concreta com vistas a transformá-lo. O método dialético toma partido na medida em que a análise concreta revela as contradições ocultas e tem por objetivo a transformação da realidade analisada. Por vezes, Lenin colocou a questão de modo clássico: “o que constitui a verdadeira substância, a alma viva do marxismo é uma análise concreta de uma situação concreta” (LENIN, 1966 *apud* BIANCHI, 2016, p. 7).

Então, mesmo que Paulo Freire seja considerado por alguns autores como idealista, o que também temos dúvidas, não há problemas em estudá-lo sob um viés da correspondência, e, então o Materialismo Histórico tem sentido enquanto metodologia. A teoria freireana contribuiu para a transformação social? Foi subversiva em relação às ditaduras? Ainda podemos captar no real uma situação concreta a partir de uma análise concreta, ou seja, dos fatos e dos documentos? A teoria freireana ainda é relevante?

Marx, no primeiro parágrafo de XVIII de Brumário discorre sobre a possibilidade ou não da história se repetir: “Hegel observa em uma de suas obras que todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por assim dizer, duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa” (MARX, 2011, p. 1).

Tomando esta interpretação podemos afirmar que as ditaduras militares no Brasil foram uma tragédia, e que a versão mais oficial, que nega os interesses da burguesia, no impeachment da Presidenta Dilma é uma farsa. Luís Carlos Bresser Pereira, ex-ministro dos Governos Sarney e Fernando Henrique Cardoso afirmou que tanto as pedaladas fiscais quanto a antecipação do Plano Safra não justificam o impeachment da Presidenta Dilma: “Isso é uma bobagem! É Farsa, é irresponsabilidade de pseudo-juristas, é absolutamente ilegal”. (PEREIRA, 2016). A metodologia de nossa dissertação deve dar espaço à voz de Paulo Freire que nos diria: “É golpe, nenhum direito a menos, não aceitamos a lei da mordada!”.

Uma citação mais longa de Marx em XVIII de Brumário nos ajuda a entender o papel da História na análise do real.

Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do

passado, tomando-lhes emprestado os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de se apresentar e nessa linguagem emprestada. Assim, Lutero adotou a máscara do apóstolo Paulo, a Revolução de 1789-1814 vestiu-se alternadamente como a república romana e como o império romano, e a Revolução de 1848 não soube fazer nada melhor do que parodiar ora 1789, ora a tradição revolucionária de 1793-1795 (MARX, 2011. pp. 25-26).

A subversividade é uma situação concreta e a história nos ajuda a entendê-la. De fato, Marx tinha razão: “a tradição de todas as gerações oprime como um pesadelo o cérebro humano”, mas o passado é ruído e ao mesmo tempo esperança como nos disse o reitor da Universidade de General Sarmiento, Eduardo Rinesi. “Marx dizia que o comunismo era um espectro que assolava a Europa, o prenúncio de uma nova sociedade. Shakespeare também falou do passado em Hamlet, um fantasma nos ronda com temor e esperança” (RINESI, 2015). Em Shakespeare, ainda temos a frase que é pedra filosofal, para o que estamos dizendo: “há algo de podre no Reino da Dinamarca”, que traduzimos por: havia algo de podre nas ditaduras militares e há algo muito estranho na política brasileira e na política argentina.

Optamos pela metodologia do Materialismo Histórico Dialético, pois são as condições materiais de existência ou a ausência delas que desencadeou um processo de alfabetização no Nordeste do Brasil em tempos de Paulo Freire. Foram as condições de miséria que aproximaram Paulo Freire do Povo e da teoria marxista. A historiografia permitiu ao leitor Paulo Freire discorrer sobre nossa frágil democracia sujeita aos golpes. É pela contradição que Paulo Freire entendeu que o oprimido hospeda a sua negação, ou seja, o opressor.

Há categorias clássicas que têm correspondência com o Materialismo Histórico Dialético, vamos chamá-las de abordagens teórico-metodológicas, ou seja, as teorias, os métodos e as técnicas para captar o real. Entre outras podemos citar: **a totalidade, a dialética, a contradição, a hermenêutica, a práxis, a pesquisa comparada, a história cultural.**

A categoria da totalidade concreta é uma resposta à pergunta; o que é realidade? A realidade é uma totalidade concreta nas suas distintas dimensões. Na visão dialética a totalidade tem a ver com a unificação da ontologia, da epistemologia e da metodologia. A totalidade não é a soma de partes, é um todo articulado e estruturado, onde um fato qualquer pode ser racionalmente compreendido. (GAMBOA, 2009).

Outra abordagem metodológica que pretendemos utilizar é a dialética. Henry Lefebvre criticou a Lógica Formal ou Aristotélica que não reconheceria a contradição.

Sendo assim seria necessária uma nova lógica, proletária e socialista, em uma só palavra, dialética. Veja que o autor associa a construção da lógica aristotélica a um tipo específico de sociedade (capitalista) e a lógica dialética a outro tipo de sociedade (socialista). “Não há produção sem contradição, sem conflito, começando pela relação do homem com a natureza e com o trabalho. Quer conhecer o concreto descubra as contradições, as mediações e a totalidade” (LEFEBVRE, 1970, p. 3).

O método dialético é bastante antigo. Platão utilizou-o no sentido de arte do diálogo. Na Antiguidade e na Idade Média o termo foi utilizado para significar simplesmente lógica. A concepção moderna de dialética, no entanto, fundamenta-se em Hegel. Para esse filósofo, a lógica e a história da humanidade seguem uma trajetória, na qual as contradições não se transcendem, mas dão origem a novas contradições que passam a requerer soluções. Esta concepção hegeliana de dialética é de natureza idealista, ou seja, admite a hegemonia das ideias sobre a matéria. Essa concepção foi criticada por Karl Marx e Friedrich Engels, que "viraram a dialética de cabeça para baixo" e apresentaram-na em bases materialistas, ou seja, admitindo a hegemonia da matéria em relação às ideias. (GIL, 2008, p. 14).

Dialética é multiplicidade da realidade, as coisas estão em movimento com relações recíprocas, “tudo flui”, é uma imersão de tudo no Devir, há um contraditório na verdade e na natureza humana. “Em nós manifesta-se sempre a mesma coisa: vida e morte, vigília e sono, juventude e velhice. Pois a mudança de um dá em outro, e reciprocamente” (HERÁCLITO DE ÉFASO *apud* BARROS, 2011, p. 37).

Dentre as abordagens que apresentamos a mais “subversiva” em termos de método é a dialética, pois não está no campo do idealismo, mas sim das contradições presentes nos homens que fazem história, mediados pelo mundo de relações materiais. Na lógica dialética o movimento existe e tem por princípio a contradição. Uma relação entre contrários, que se negam entre si e produzem algo novo. A realidade é movimento, é descontínua e histórica, não é caos, mas explicável pelas leis gerais como a da *mais valia* no capitalismo, por exemplo. Para se conhecer a realidade faz-se necessário “imersão” nas contradições que nada mais são do que a essência do real. Estamos sempre lidando com a totalidade, síntese de muitas determinações no sentido universal (totalidade), particular (se repete) e singular (não se repete).

Na etimologia e na mitologia grega, o conceito de Hermenêutica está associado ao Deus Grego Hermes, o “deus intérprete e mensageiro”, responsável por traduzir aquilo que a mente humana não compreendia. Hermenêutica tem um sentido místico

próximo ao intérprete dos livros sagrados, Hermes foi psicopompo (*psyché* a alma e *pompos* em relação à guia), em uma tradução livre um “guia para as almas”. Nas pesquisas acadêmicas o conceito de Hermenêutica é mais restrito, é uma teoria da interpretação, uma posição que o pesquisador assume, definindo um *a priori*, que se manifesta contrário à neutralidade. Compreender é apreender o fenômeno ou objeto, aprendendo junto com ele em seu movimento. (BRIGHENTE, 2016).

Existem elementos místicos ou transcendentais quando Paulo Freire nos traduz aquilo que leu, mas esta interpretação é “obra dos deuses”? Não. Paulo Freire nos ensinou que a arte de interpretar deve ser do povo, não há necessidade de busca de um “deus grego” ou uma vanguarda intelectual que diga aos simples o significado da palavra, estes têm um “deus interior” e interpretam com seus pares e com seus ímpares, mediados pelo mundo.

O método hermenêutico, neste caso, tem sentido popular, dos esfarrapados deste mundo que precisam ler para acessar o “banquete”. Como elucidativo apresentamos a contribuição de Vera Barreto ao comentar um evento entre os Círculos de Cultura e Ministério da Educação em 1963.

Os coordenadores dos grupos foram capacitados pelo Ministério da Educação (MEC) que já havia se incumbido da inscrição e seleção destes futuros alfabetizadores. Acontecendo em Brasília, vários grupos foram visitados tanto pelo ministro Paulo de Tarso como por Paulo Freire. Numa dessas visitas, o ministro assistiu o momento em que, após a discussão da palavra geradora **tijolo**, o educador chamou a atenção dos educandos para o estudo das famílias silábicas do **ti**, do **jo** e do **lo**. Rapidamente, um dos alfabetizandos, demonstrando já ter apreendido o mecanismo da leitura, juntou as sílabas e formou, numa linguagem bem popular, a frase: “tu já lê” (que, no Português gramaticalmente aceito, seria “tu já lês”) (BARRETO, 1998, p. 98).

Há uma hermenêutica popular e outra acadêmica, na comunidade letrada que como nos diz Paulo Freire, faz um esforço para escrever bonito. Há como juntar estas duas coisas, pois todos são filósofos mesmo que não exerçam necessariamente este ofício. No caso acadêmico há alguns procedimentos metodológicos inerentes às abordagens hermenêuticas: (a) a contextualização do objeto de pesquisa colocando-o no período histórico e geográfico considerando o contexto do fenômeno estudado; (b) o diálogo com o fenômeno ou objeto, sem relação de linearidade. O pesquisador busca nos dados da bibliografia, dialogar com o objeto, reescreve e interpreta as ideias do autor e as devolve ao mundo; (c) o objeto está sempre em movimento, e, não se pode trabalhar com a ideia de absoluto, o fenômeno nunca será apreendido em sua totalidade,

pois está em transformação; (d) o compreender é entender como o fenômeno se apresenta; (e) na comunicação o pesquisador precisa estar aberto para ouvir, sentir e perceber o fenômeno estudado interagindo com o objeto. (BRIGHENTE, 2016, p. 19).

Esta hermenêutica popular que estamos propondo está conceitualmente muito próxima daquilo que Enrique Leff chamou de epistemologia ambiental, ou seja, o ambiente não é a ecologia apenas, mas a complexidade do mundo, onde o homem busca aprender através do diálogo e da interpretação dos diferentes saberes que rompem com visões disciplinares. Este saber ambiental é fundado no encontro (confronto) de múltiplos saberes, e, portanto, de múltiplas interpretações de forma que um texto é o resultado de diferentes vozes que se concentram em um objeto. (LEFF, 2001).

A filosofia de Paulo Freire é uma filosofia da *práxis*. A *práxis* é um modo de compreender a existência a partir da relação entre subjetividade e objetividade, entre ação e relação, é a busca de elos entre humanização e educação. O ato pedagógico, e, portanto, metodológico, requer uma atenção direta aos sujeitos nele envolvidos e aos fins próprios da ação dos sujeitos e como eles compreendem e transformam o mundo. Paulo Freire aprofunda o conceito de *práxis* no universo pedagógico, como sendo a capacidade do sujeito de atuar e refletir, isto é, de transformar a realidade de acordo com as finalidades delineadas pelo próprio ser humano. (FREIRE, P. S, 2010).

Em *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire, nos ajuda a entender a *práxis* como método e como posicionamento perante aos desafios. Eis uma definição freireana para *práxis*.

Neste sentido, em si mesma, esta realidade é funcionalmente domesticadora. Libertar-se de sua força exige, indiscutivelmente, a emersão dela, à volta sobre ela. Por isto é que, só através da *práxis* autêntica, que não sendo “blá-blá-blá”, nem ativismo, mas ação e reflexão, é possível fazê-lo [...]. Este fazer a opressão real ainda mais opressora, acrescentando a consciência da opressão, a que Marx se refere, corresponde à relação dialética-subjetividade-objetividade. Somente na sua solidariedade, em que o subjetivo constitui com o objetivo uma unidade dialética, é possível a *práxis* autêntica. A *práxis*, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição entre opressor e oprimido. (FREIRE, 2014, p. 21).

No livro *Medo e Ousadia*, Paulo Freire foi entrevistado por Ira Shor, professor da *City University of New York's* e fez uma reflexão da utilização de alguns conceitos como *práxis* na forma verbalista ou encharcada de sentido, aproximando a palavra ao concreto.

Quando eu as digo, é claro que sinto seu significado profundo, mas esse significado me vem, sobretudo, intelectualmente, muito mais da descrição da realidade e de sua compreensão como conceito que, devido a minha opção política na sociedade, me leva, pelo menos, para perto do concreto, mas não para dentro dele enquanto realidade. Mas quando essas palavras são pronunciadas pelas pessoas que vivem nas favelas ou pessoas que são discriminadas, a linguagem tem peso. São vinte quilos por palavras! [...] Então, Ira a questão para mim não é abolir [...] palavras como práxis. Esses conceitos são muito importantes para nós! Eles têm sido moldados através da história do pensamento, têm um significado. A questão não é aboli-los, ou renunciar a eles, renegá-los, mas, isto sim, como usá-los de modo que se aproximem do concreto. Esta é a questão. Como diminuir a distância entre o contexto acadêmico e a realidade de que vêm os alunos, a realidade que devo conhecer cada vez melhor, na medida em que estão de certa forma, comprometido com um processo para mudá-la. (FREIRE e SHOR, 1987, p. 92).

Nosso discurso da práxis, ou uma investigação que assume este viés tem como obrigação estar mais próxima possível do concreto, das situações emblemáticas da subversão, da possibilidade de descrever da melhor forma possível este conceito, e, de viver a experiência daqueles que lutaram pelas transformações. É superar e tornar abominável “discurso político sem saliva”, expressão utilizada por Totó de Momposina¹⁰ na poesia Latinoamérica, uma pátria sem pernas, mas que caminha.

Outra abordagem teórico-metodológica presente em nosso trabalho é a Pesquisa Comparada. Como elucidativo vamos nos deter ao exemplo do Tango Argentino. Professora Marcela Falsetti da Universidade de General Sarmiento nos disse que para os argentinos a expressão facial é tão exagerada que parece que “tudo é um Tango”. Há

¹⁰Latinoamérica (Totó La Momposina).
Calle 13
Soy... soy lo que dejaron
Soy toda la sobra de lo que te robaron
Un pueblo escondido en la cima
Mi piel es de cuero, por eso aguanta cualquier clima

Soy una fábrica de humo
Mano de obra campesina para tu consumo
Frente de frío en el medio del verano
El amor en los tiempos del cólera, ¡mi hermano!

Si el sol que nace y el día que muere
Con los mejores atardeceres
Soy el desarrollo en carne viva
Un discurso político sin saliva

Disponível em: https://youtu.be/JQ9pfPdD_Wg
Acesso em 20 de outubro de 2017.

necessidade de uma interpretação dessas diferentes culturas. Assim pesquisa comparada entre Brasil e Argentina tem a ver com “o que é do tango e o que é do samba”.

Neste campo da cultura comparada, Carlos Alberto Torres, argentino, e, um dos maiores estudiosos de Paulo Freire foi questionado por Gadotti sobre os motivos de Paulo Freire ter tanto interesse por Tango.

A pergunta realmente intrigou-me (como portenho, ávido leitor de Freire), e me acompanhou durante toda a viagem de regresso ao Canadá. É evidente que o tango é uma canção que traduz experiências muito humanas. É uma canção que se gestou na grande cidade, é uma canção cidadina. É uma canção que expressa as debilidades e riquezas da interação intersubjetiva, onde se misturam a paixão, o engano, a mágoa, a luta cotidiana para conseguir um pouco mais de carinho na grande cidade. O tango expressa em parte os sonhos dos novos imigrantes nas grandes cidades, as angústias do trabalho, da família com seus problemas afetivos, expressa a necessidade de os *marginalizados* encontrarem um lugar. Creio que esta é uma área muito importante de exploração: o tango, como expressão humana, existencial, indubitavelmente deve tocar Paulo Freire (TORRES, 1996, p. 204).

Paulo Freire nos ensinou a fazer estudos comparados considerando a história cultural. Ajudou-nos a entender a subversividade presente no Tango como nos disse Carlos Alberto Torres. Poderíamos discorrer sobre o que é o samba, mas há limites em nossa dissertação, por ora é relevante dizer que o samba também é subversivo porque se originou dos antigos batuques trazidos pelos africanos que vieram como escravos para o Brasil. Do ponto de vista metodológico e da pesquisa comparada samba e tango, mesmo que em distinto cronotopo, nos ajudam a entender a realidade.

Em nosso caso, ao estudarmos a subversividade em Paulo Freire no Brasil e na Argentina, estamos diante de uma cultura no plural, aproximações e distanciamentos. Há que se considerar, por exemplo, que historicamente os portugueses eram semeadores (no período colonial não construíram “raízes”, pouco investimento em infraestrutura) e os espanhóis ladrilhadores (construíram cidades no período colonial), os brasileiros têm tradição no Samba e os argentinos no Tango, e, no futebol sempre estamos a comparar. Deixamos ao Papa Francisco a “eterna” pergunta: quem foi melhor, Pelé ou Maradona¹¹?

¹¹ ESTADÃO DE SÃO PAULO. **Papa quis saber quem foi melhor:** Maradona ou Pelé? Publicado em 07 de agosto 2015 às 16h50. Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,no-vaticano--papa-pergunta-a-brasileira-quem-foi-melhor-pele-ou-maradona-,1740158>.

A jovem brasileira Ana Carolina de Santos Cruz, de 19 anos, foi recebida pelo Papa Francisco no Vaticano e ficou surpresa com a pergunta do pontífice. Quem foi melhor: Maradona ou Pelé?

Paulo Freire nos ensinou que uma boa forma de construir uma pesquisa comparada é o diálogo. Foi pelo diálogo com professores argentinos¹² que nos aproximamos de nosso objeto, ou seja, a subversividade freireana. A partir da troca de presentes, livros de Paulo Freire por vinhos argentinos, que criamos esta empatia. Assim como faziam nossos pais quando trocavam presentes com os vizinhos em relações que não eram necessariamente monetárias. Karl Polanyi (1957) sintetizou estas relações como dívida da dádiva que se contrapõe a liberdade moderna e do mercado que estabelece ausência de laços sociais. Não nos incomoda relatar que nesta dissertação fizemos amigos argentinos, e, com eles discutimos o objeto. O conhecimento também pode ser “encharcado” de afetividade.

Ainda no campo das abordagens metodológicas nos parece relevante a História Cultural sob dois vieses considerando a cultura do povo e também a historiografia. Sobre este segundo viés vamos esclarecer, partimos de uma pergunta: o que é a História Cultural?

Em primeiro lugar a substituição tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema. Em segundo lugar, a história de todas as atividades humanas e não apenas a história política. Em terceiro lugar, visando completar os dois primeiros objetivos, a colaboração com outras disciplinas (BURKE, 1997, p. 12).

Enquanto metodologia, a História Cultural verte na França a partir de March Bloch, Febvre, Chartier, Le Goff entre outros, fazem uma leitura heterodoxa do marxismo acrescentando outros determinantes às questões materiais, em especial a cultura e os costumes de uma população. É um posicionamento de baixo para cima tematizando a cultura popular e a cultura erudita. A história cultural é um conjunto de propostas, abordagens e procedimentos articulados entre a História e outras disciplinas. Por exemplo, ao estudar a importância de um rio do ponto de vista geográfico, são colocados outros elementos como o significado deste rio na cultura e da religião daquele povo. Há uma preocupação maior com o simbólico cultural e as possíveis interpretações.

Outra preocupação é que cultura tem um sentido amplo, mas em nosso caso é específico. Estamos falando na cultura política, ou seja, na forma como argentinos e brasileiros concebem a democracia e as ditaduras. A cultura política é explicada pela

¹²Entre os anos 2012 e 2015 dialogamos com professores da Universidade Nacional de Misiones e do Instituto Antonio Ruy Montoya na cidade de Posadas – AR.

história em um sentido bibliográfico. Faz parte de nossa discussão, cultura escolar, isto é a descrição das relações conflituosas e pacíficas na escola dado por Dominique de Julia¹³, ou seja, mostrar que há diferenças entre professores brasileiros e argentinos no espaço escolar. Temos como resultado da cultura política e cultura escolar, agora sim em sentido amplo, o conceito de subversão que é assumido de forma diferenciada em ambos os países.

Subversividade para os argentinos têm um teor mais dramático que para os brasileiros, é o que pretendemos demonstrar. Quando comparamos temos uma posição política, isso vem da própria escolha do país a ser comparado. Houve um tempo em que “falávamos grosso” com a Bolívia e “falávamos fino” com os Estados Unidos da América do Norte quando a questão era a geopolítica. Esta tradição tem resultados nas pesquisas acadêmicas, em geral há um descuido com pesquisas comparadas em educação na América Latina preteridas às pesquisas e intercâmbios aos países da Europa e da América do Norte. A posição mais coerente e adequada é de não comparar para copiar, glorificar ou condenar o outro, mas cooperar, desenvolver alteridade e analisar limites e possibilidades.

Por que a Argentina? O professor José D’ Assunção Barros nos conforta quando escreveu *História Comparada* em 2014. Dada à relevância, ao nosso modo de ver, vamos a uma citação mais longa.

Brasil e Argentina, da Idade Contemporânea, tal como a França e a Inglaterra medievais que foram analisadas por March Bloch em os Reis Taumaturgos, são sociedades perfeitamente comparáveis. A proximidade do Brasil e da Argentina no espaço e no tempo, e a ocorrência de estruturas estatais análogas, asseguram este mínimo de similaridade preconizado por Bloch em seu artigo de 1928. Por outro lado, as diferenças, igualmente fundamentais, expressam-se, sobretudo através de um mútuo isolamento entre os dois países, que apresentam marcas diferenciais muito definidas nos seus processos históricos, como uma Política e Economia mais ligadas ao exterior do que a inter-relação mútua entre as duas nações latino-americanas, a procedência de distintas metrópoles coloniais, a presença de elites nacionais que historicamente sempre se perceberam como diferentes, a pouca integração das vias de comunicação e a diferença de idiomas. Contiguidade espaço-temporal e uma base de semelhanças e

¹³ Dominique de Julia define cultura escolar como conjunto de normas e conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e incorporação desses comportamentos. A cultura escolar não pode ser estudada sem o exame preciso das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas. JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, jan.-jun, 2001 n. 1. p. 9-43.

diferenças são os requisitos iniciais a partir dos quais se estabelece a comparabilidade entre as duas realidades histórico-sociais. O duplo recorte Brasil – Argentina, aliás, tem recebido investimento de outras análises de história comparada, por vezes voltada para problemáticas específicas como a comparação entre o getulhismo e peronismo, a análise dos processos relacionados à instalação das ditaduras de direita na segunda metade do século XX, ou ainda os processos de desenvolvimento nos dois países (BARROS, 2014, p. 138).

Encontramos em Paulo Freire um grande comparativista da cultura. Aprendeu a valorizar as diferentes expressões culturais, superando a visão ingênua da negatividade de uma cultura. Foi contributivo com os países que lhe deram abrigo participando da política, fazendo como ele mesmo diz, “algo através do qual você se sinta oferecendo uma contribuição, por mínima que seja àquele povo”. Assim foram os trabalhos prestados na alfabetização de camponeses no Chile, em suas aulas nos Estados Unidos da América do Norte e suas inúmeras intervenções na África. (FREIRE *apud* GADOTTI, 1996, p. 162). Paulo Freire no exílio é mais Ulisses do que Aquiles¹⁴ pois busca mais o retorno do que a glória. Foi andarilho da esperança, um sujeito *práxis*. As lideranças de outros países o convidaram não apenas por um perfil técnico em alfabetização, mas como um militante.

Na Universidade de Buenos Aires, na Argentina, Paulo Freire comparou os oprimidos do Brasil, da Argentina e dos Estados Unidos. Apresentou o conceito de classe relacionando oprimidos e opressores em distintas sociedades. Fez a denúncia dos discursos falsos do capitalismo em distintos países orientando para uma nova ética de propriedade capitalista. Apresentou-se como insurgente e subversivo a partir das comparações. (FREIRE, 1985).

As abordagens metodológicas que citamos estão associadas a forma com que vamos provar nossas teses, ou seja, os procedimentos que mostrem aquilo que Chartier (1990) chamou de circulação e apropriação. Em nosso caso as teses são dirigidas a apresentar a circulação da teoria freireana, à forma como foi apropriada, e, além disso, o que ela transformou, tornando o autor um clássico no campo da Pedagogia tanto no Brasil quanto na Argentina.

¹⁴“Na Mitologia grega Aquiles é o herói que prefere a glória longa e a vida breve à vida longa e glória breve, enquanto Ulisses é o personagem do retorno, busca rever Ítaca sua terra natal, a esposa Penélope e o filho Telêmaco”. VIEIRA, Trajano. A identidade de Ulisses. **Folha de São Paulo**. 25 de abril de 1999. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs25049910.htm>. Acesso em 21 de outubro de 2016.

1.2 Apresentação das teses, das antíteses e das sínteses, o problema a ser pesquisado e os objetivos gerais e particulares.

Com prudência reforçamos que a utilização dos conceitos de tese, antítese e síntese, dizem respeito apenas às questões metodológicas, pois, nosso trabalho em termos acadêmicos é uma dissertação e busca seguir os limites e avanços desta formatação. Tese para nós é uma afirmação ou situação inicialmente dada. A antítese nasce junto com a tese, uma “desconfiança” ou negação daquilo que afirmamos. A síntese é a produção, a dialética, uma nova situação que traz o resultado do choque (entre tese e antítese). Vamos às teses de nossa dissertação.

Tese 01: Paulo Freire foi um subversivo, tanto na vida, quanto na obra;

Tese 02: Nas ditaduras militares o conceito de subversão se contrapõe ao quietismo e ao autoritarismo;

Tese 03: A teoria freireana serviu de guia e expressão de uma prática subversiva no Brasil e na Argentina nos vieses político e pedagógico;

Tese 04: O método de alfabetização de Paulo Freire é uma opção política, e, também um conjunto de métodos e técnicas que ainda podem ser revigoradas e reinventadas pelos movimentos sociais na alfabetização de adultos e das crianças;

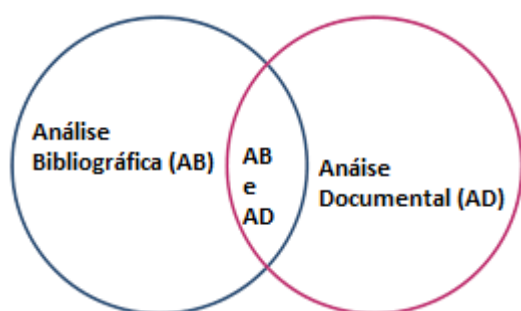
Tese 05: A teoria freireana permite na práxis um imbricamento entre o materialismo e a religião através da Teologia da Libertação;

Tese 06: A teoria freireana encontra-se com a Pedagogia Histórico–Crítica na Prática Social;

Tese 07: A subversividade presente na teoria freireana ainda serve de inspiração à resistência ao fantasma da ditadura que nos ronda.

A defesa dessas teses por procedimentos metodológicos que representamos no Diagrama de Venn que está abaixo.

Figura 04: Procedimentos metodológicos.



Fonte: O próprio autor.

O Diagrama acima mostra que vamos utilizar análise documental e análise bibliográfica. Em alguns casos vamos utilizar tanto a análise documental como bibliográfica (Tese 01, Tese 02, Tese 03). A Tese 04, a Tese 05 e a Tese 06 têm por base uma análise bibliográfica e a Tese 07 é nosso exercício de reflexão a partir de fatos e evidências.

De maneira geral defendemos que houve uma teoria subversiva presente na vida e na obra de Paulo Freire que serviu de expressão e guia da práxis para as classes populares, em especial aos docentes no Brasil e na Argentina no período das ditaduras militares no período de 1960 até 1985. A antítese é que a teoria freireana, dada a sua estreita relação com idealismo cristão, não permitiu o empoderamento dos simples, colocando Paulo Freire entre os pensadores ingênuos e utópicos. A síntese é o que estamos dispostos a fazer de início ao fim do presente trabalho de dissertação.

Estamos diante do problema do “problema”, ou seja, a definição da pergunta sincera. Aprendemos com Dermeval Saviani (1996) que um dos usos mais frequentes da palavra problema, é, por exemplo, aquele que a considera como sinônimo de questão. Esta identificação é insuficiente para revelar o caráter deste conceito. Em uma questão temos uma resposta mais simples e imediata, afirmativa ou negativa. Problema, apesar da polissemia, possui um sentido profundamente vital e dramático para a existência humana, pois indica uma situação de impasse. Uma necessidade que se impõe objetivamente e é assumida subjetivamente, alguma coisa que eu não sei, mas preciso saber.

Estamos perguntando se a subversividade presente na vida e nas obras de Paulo Freire contribuiu para os processos de emancipação e empoderamento das classes populares no Brasil e na Argentina no âmbito das transformações políticas, conceituais e pedagógicas em ambos os países. Esta pergunta tem imbricada uma tese ou afirmação inicial, de que há subversividade na teoria freireana, o que precisamos confirmar.

Estamos de acordo com Sílvia Sánchez Gamboa (2009), de que a pergunta da tese é o “ponto de partida”. Há, no entanto, outras perguntas mais simples derivadas da pergunta central. Em geral são perguntas em relação à relevância da dissertação, às justificativas, à metodologia, às categorias de análise, às abordagens teóricas e metodológicas. Por exemplo, estamos nos perguntando e perguntando à bibliografia e aos documentos: (a) qual a relevância de um estudo em Paulo Freire dentro do contexto atual? (b) podemos justificar com clareza a necessidade de um estudo comparado a

respeito da subversividade freireana no Brasil e na Argentina? Qual abordagem teórica e metodológica é mais adequada para estudar Paulo Freire?

Fica patente que até aqui respondemos estas três perguntas, mas é preciso ir além, um esforço de transitividade entre a tese e o problema para outras argumentações, uma transitividade crítica, ou seja, o despir-se ao máximo de preconceitos na análise do problema, do raso ao profundo, do simples ao complexo, na busca de consistência responsiva, “encharcando” os termos e argumentações, e, inclinando-nos às arguições (objetivo geral e objetivos específicos).

O objeto da dissertação é a Teoria Freireana, geratriz do objetivo geral qual seja: **identificar a subversividade presente na vida e na obra de Paulo Freire para fazer uma análise da contribuição do autor nos processos de emancipação e empoderamento das classes populares no Brasil e na Argentina. São objetivos específicos ou particulares: (a) apresentar a teoria freireana a partir do conceito de subversividade; (b) identificar a subversividade freireana nos vieses políticos, conceituais e pedagógicos; (c) analisar o contexto histórico da circulação da teoria freireana no Brasil e na Argentina; (d) posicionar-se em relação ao que Paulo Freire nos diria hoje diante do contexto político, tanto no Brasil quanto na Argentina.**

A escrita de nossa dissertação toma como estética a redação pelo parágrafo, ao todo são 400 parágrafos aproximadamente. Em alguns momentos utilizaremos os números ordinais para retomá-los em especial quando recorreremos a uma ideia inicial que carece de um novo esclarecimento.

Como fontes de documentos utilizamos os resumos do banco de dados da CAPES, do Instituto Paulo Freire (IPF) ¹⁵ e da Biblioteca Del Maestro. Fizemos a investigação a partir de descritores que representam categorias, em especial a subversão.

Considerando que o IPF é nossa principal fonte documental vamos a sua história.

O Instituto Paulo Freire (IPF) surgiu a partir de uma ideia do próprio Paulo Freire (1921-1997) no dia 12 de abril de 1991. Ele desejava reunir pessoas e instituições que, movidas pelos mesmos sonhos de uma educação humanizadora e transformadora, pudessem aprofundar suas reflexões, melhorar suas práticas e se fortalecer na luta pela construção de “um outro mundo possível”. Por sua importância nacional e internacional, Paulo Freire foi declarado patrono da

¹⁵ Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/browse?type=subject>. Acesso em 09 de junho de 2017.

educação brasileira em 2012. Desde a criação do IPF, Paulo Freire acompanhou todos os momentos dessa história: apresentou nomes, participou da definição do Estatuto e da linha básica de atuação do instituto e, após sua fundação oficial, em setembro de 1992, tomou parte nas principais decisões e sempre ofereceu suas valiosas e esclarecedoras reflexões sobre os projetos desenvolvidos. Em 6 de março de 2009, o Ministério da Justiça do Brasil concedeu ao IPF o título de Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), consolidando a sua possibilidade institucional de trabalhar com programas e projetos sociais, culturais, ambientais e educacionais, por meio de parcerias com diferentes instituições governamentais. Atualmente, considerando-se Cátedras, Institutos Paulo Freire pelo mundo e o Conselho Internacional de Assessores, o IPF constitui-se numa rede internacional que possui membros distribuídos em mais de 90 países em todos os continentes, com o objetivo principal de dar continuidade e reinventar o legado de Paulo Freire (IPF, 2017).

No Instituto Paulo Freire temos o Acervo Paulo que nos permite uma busca por assunto em ordem alfabética com 1.753 assuntos.

A Biblioteca Del Maestro é referência documental em se tratando de História da Educação Argentina. Está imbricada na consolidação de um Sistema Nacional de Educação. Segundo o informativo da própria Biblioteca Del Maestro (2013), seu ato de criação foi em 1.870, e, sua consolidação em 1.884 através da Lei de Educação Comum nº 1.420. No Art. 66º, da respectiva lei, a prescrição era de que “ o Conselho Nacional de Educação estabelecesse na capital da nação uma Biblioteca Pública para Maestros”. (BIBLIOTECA DEL MAESTRO, 2012 e 2013).

A Biblioteca Del Maestro conta com um serviço de assessoria para busca de documentos históricos e explicação da origem e utilização de cada exemplar. Neste mesmo local inicialmente se estabeleceu o Ministério da Instrução Pública e atualmente o Ministério da Educação da Argentina. No subsolo encontra-se o Centro Nacional de Informação Educativa (CeNIDE), que em dois mil e dois (2002) incorporou os documentos internacionais da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). (BIBLIOTECA DEL MAESTRO, 2012).

A Biblioteca Del Maestro, não funciona apenas como um local de arquivo, mas de intercâmbio entre professores. Existem conferências entre pesquisadores de distintos países que nesse espaço físico e virtual se encontram. Entrevistando os funcionários, dessa biblioteca, é possível perceber que assumem uma postura de guardiões culturais (são documentadores e investigadores ao mesmo tempo).

Em 2013 estive nesta biblioteca por dois meses em outro estudo e já fiz as primeiras incursões sobre Paulo Freire. Naquele momento conversamos sobre Paulo

Freire com os professores e funcionários da biblioteca e separei alguns documentos que vamos utilizar agora. Sendo que há também documentos disponíveis no site desta instituição, utilizamos descritores para averiguar a subversividade em Paulo Freire na Argentina.

Destacamos que parte expressiva da análise das obras do próprio autor. Neste caos as obras de Paulo Freire constituem-se em base documental e bibliográfica ao mesmo tempo. Além disso utilizamos outras bibliografia de seus comentadores que estão indicadas nas referências finais.

2.0 AS CATEGORIAS PRESENTES PARA ANALISAR E SINTETIZAR A OBRA DE PAULO FREIRE TENDO COMO CONCEITO CENTRAL A SUBVERSIVIDADE

No marxismo há algumas categorias utilizadas para síntese e interpretação da realidade. São elas a totalidade, o concreto aparente e pensado, a disputa e a contradição. Toma-se como referencial a luta de classes e as condições materiais. A princípio a realidade se apresenta como algo caótico, o concreto aparente que temos acesso pelos sentidos não permite que enxerguemos a totalidade das relações sociais, é preciso perceber a historicidade e o movimento que fizeram com que as transformações sociais acontecessem. (COVER, 2010).

Marx explicou o capitalismo por leis gerais e nós podemos tentar fazer alguma coisa similar, ou seja, a partir dos movimentos de rua, das mudanças abruptas de governo, manifestações infantis e ataques a Paulo Freire inferir a partir de um todo caótico, que há “algo de podre no Reino da Dinamarca” e que a subversividade, como lei geral, explica a realidade.

A categoria principal de interpretação e síntese em nossa dissertação é a subversividade, mas há outras categorias complementares que emergiram no transcorrer da pesquisa, que estão na obra de Paulo Freire e são correlatas a subversividade. São elas **a subservidade, a conscientização, o silenciamento e o diálogo entre diferentes saberes, a curiosidade ingênua e epistemológica, a utopia e a distopia, a libertação, a educação popular, a situação-limite, o inédito viável, a sociedade em transição e historicidade**. Estes conceitos serão apresentados dentro da obra de Paulo Freire.

Vamos ao conceito de subservidade, que tem a ver com o conceito de lumpemproletariado, ou seja, os que deixaram de lutar. Ao estudar a sociedade francesa de 1849, Marx referiu-se ao lumpemproletariado como uma massa desintegrada, com meios de subsistência duvidosos, rebentos e arruinados ladeados por vagabundos, soldados exonerados, mendigos, donos de bordel, escravos fugidos da galera¹⁶. Toda uma massa indefinida, desestruturada e jogada de um lado para outro. (MARX, 2011, p. 91).

¹⁶ A palavra vem do catalão, com o sentido de embarcação de guerra movida a remo ou vela, e tem um parentesco com um vocábulo do francês com o mesmo sentido. Na própria língua francesa, o termo passou a ser usado a grupo de pessoas condenadas a remar nas galeras. Disponível em: <https://emdiacomalp.wordpress.com/2008/07/08/origem-da-palavra-%E2%80%9Cgalera%E2%80%9D/>. Acesso em 21 de outubro de 2017.

O lumpemproletariado não é uma classe social é uma descrição àqueles que deixaram de reconhecê-la. *Lump* é pessoa desprezível, *lumpen* é trapo, e, proletariado é um termo que não carece de tradução. O fato é que em momentos de crise extrema, e, de desintegração social em uma sociedade capitalista, muitas pessoas separa-se de sua classe e forma uma massa des governada, vulnerável aos movimentos reacionários.

A preocupação com a sociedade que deixou de ir à luta, a subservitude é uma constante na produção de Paulo Freire, mesmo que ainda em termos teóricos, pouco distante das concepções marxistas de classe social e lumpemproletariado. Em 1959, Paulo Freire escreveu a tese *Educação e Atualidade Brasileira (EAB)*, pleiteando a Cadeira de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas-Artes na Universidade Federal de Pernambuco, em 1959.

Quando Paulo Freire iniciou suas publicações, estava preocupado com a apatia social, ou seja, aquela geração que lutara contra a Ditadura do Estado Novo, entre 1937 e 1945, havia se acomodado. A chamada redemocratização nacional permitiu a separação entre elite (letrados) e o povo (iletrados). “Evidentes são os riscos dos ganhos conquistados. Muda-se o discurso, ontem provocador das mudanças. Hoje, defensor das mudanças alcançadas. Mais contido, reservado, reticente e conservador” (FREIRE, 2003, p. 7).

No limite temporal anterior à Ditadura Civil-militar no Brasil, de 1964, Paulo Freire descreve os acomodados que não reconheciam sua classe social, advertia da apatia dos trabalhadores que galgaram melhores condições, mas esqueceram de sua história e abandonaram os seus companheiros tornando aquela sociedade transitiva e ingênua, está no mesmo sentido do *lumpen* de Marx.

Em 1961, Paulo Freire escreve o texto: *A Propósito de uma Administração* para a Imprensa Universitária do Recife-PE.

As circunstâncias especiais em que se processou a nossa formação histórica nos doaram uma posição alienada, caracterizada pela importação de soluções. Pelo gosto inconsciente dos empréstimos. Pelo otimismo ingênuo e acrítico em face de nossos destinos, logo depois, numa mesma geração, transformado em pessimismo, em descrença de nós próprios (FREIRE, 1961, p. 3).

Paulo Freire estava diante de uma sociedade que tomava de empréstimo às soluções, como receitas transplantadas que não nascem de análise objetiva e crítica do contexto, mas sim de decisões dos mais velhos que se entregam ao desânimo e às atitudes de inferioridade. Esta realidade carecia de soluções orgânicas, nascidas de

projetos autônomos. Havia uma crença do autor que a desesperança das sociedades alienadas passasse por um progressivo senso de responsabilidades das elites dirigentes, na medida em que se veem com seus próprios olhos e se tornam capazes de projetar. (FREIRE, 1961, pp. 3-5).

Quais as principais ideias defendidas por Paulo Freire em sua tese *Educação e Atualidade Brasileira*? Elencamos as seguintes: (a) a sociedade brasileira sofre de uma antinomia, de um lado a frágil democracia e de outro a possibilidade de emersão do povo na vida nacional; (b) a tradição brasileira é do quietismo, o “carneirismo” imposto pela metrópole nos impossibilita a fala e quando a fazemos a fazemos em algazarra; (c) a realidade do povo era a busca de vantagens pessoais do apadrinhamento e do compadresco; (d) a Universidade do Recife era a expressão de uma formação para elite, mas há grupos importantes fora da universidade como a Ação Católica em seu lema de ver, julgar e agir; (e) era preciso novos hábitos de democracia contra o assistencialismo que domestica o homem que deve passar da consciência transitivo-ingênua para a consciência crítica e reponsabilidade; (f) era preciso ajudar o homem a ajudá-lo, era necessário acreditar no povo, substituir o “papelnoísmo” das instituições; (g) a adesão do operário deveria ser pelo esclarecimento e não há atualidade brasileira que não seja histórica; (h) um povo não passa de uma fase ingênua para uma crítica sem disposição; (i) não há democracia sem povo e não há povo sem estradas, sem trabalho em boas condições de produtividade. (FREIRE, 2003, pp. 120 - 124).

Percebemos certo pessimismo de Paulo Freire em relação à acomodação das classes populares que deixaram de lutar diante da conjuntura anterior às ditaduras cívico-militares, isso tem clara correspondência com o conceito de lumpemproletariado. No entanto, em 1968, em *Pedagogia do Oprimido* (a obra tem 50 anos), Paulo Freire ao utilizar a expressão “os esfarrapados deste mundo”, com etimologia em trapo ou fiapo, nos remete ao *lumpen*, mas com outra conotação, ou seja, o esfarrapado é proletário resultado de uma relação capitalista que não desistiu de lutar, as condições é que impossibilitaram esta reação. Paulo Freire definiu o esfarrapado como oprimido.

O conceito de conscientização em Paulo Freire também ajuda explicar a subversão. A conscientização é um processo em Paulo Freire e não espontaneísmo ou obra do acaso. Vejamos como ele, em 1957 reforçou o que estamos falando.

A preparação dos Círculos decorre de sua própria natureza de reunião sistemática, voluntária. O Círculo de Pais e Professores não é uma reunião espontânea. É uma reunião previamente acertada entre pais e

professores. Não é um trabalho da escola para a família, apenas, mas, principalmente, um trabalho da escola com a família. Não é uma reunião somente de certas pessoas, mas de pessoas que representam duas instituições interessadas no mesmo problema, engajadas num mesmo processo, se bem que com ângulos diferentes – Escola e Família. Não é uma reunião cujo assunto central deva surgir na hora, mas previamente escolhido por professores e pais. Assunto que responda tanto quanto possível a situações concretas, vividas pelos pais e através de que se possa leva-los a refazer suas experiências (FREIRE, 1957, p. 1).

A conscientização para Paulo Freire é mudança de posição, isso ocorre quando há aderência ao processo, é preciso muita reunião, mas não encontros de blá-blá-blá, com retórica e verbalismo. As condutas mais autoritárias sempre colocam empecilhos às propostas ou projetos que têm como metodologia o encontro das pessoas. Em geral as críticas são: “é muita reunião para pouca coisa”, “é uma reunião para marcar outra reunião” etc. Quando as pessoas comungam ocorre a conscientização, uma ação individual de consciência coletiva. O tema da conscientização era tão importante para Paulo Freire resultando em um livro com este título¹⁷.

Consideramos que a conscientização vem do diálogo, então o silenciamento é o seu antônimo. Sociedades de “patologia social” inculcam a ideia de que a palavra é direito de poucos, aqueles de “notório saber”, os doutores. Aos subalternos caberia ouvir o que foi dito. É dito popular: “temos dois ouvidos e um boca”, para que a gente fale menos. Esse movimento foi incorporado pela sociedade em geral e pela escola em particular.

Ira Shor descreveu o cenário das escolas norte-americanas como do silêncio, da agressividade e da sabotagem feita dos alunos em relação aos professores e pediu a Paulo Freire sua opinião em relação se “existe uma cultura do silêncio nas escolas dos Estados Unidos”? Paulo Freire pediu a Ira Shor que relatasse sua experiência e concluíram que havia diferenças com o Brasil, mas o quietismo estava evidente em ambos os países.

Em primeiro lugar, acho que as condições que você mencionou, como a cultura do silêncio, ou a cultura da sabotagem, são expressões de algo maior. Mais uma vez, temos que pensar em modos de evitar confundir uma coisa com a razão de ser de outras coisas. É importante saber por que os alunos fazem o que fazem. Em segundo lugar, pelo menos de maneira geral, acho que a atitude agressiva dos estudantes norte-americanos não se encontra facilmente no Brasil. Tanto quanto posso relatar, desses quatro anos no Brasil após dezesseis anos no

¹⁷ Estamos nos referindo à: FREIRE, Paulo. Conscientização. São Paulo: Editora Moraes, 1980.

exílio, temos alunos que, de forma muito ideológica, esperam pela fala do professor. É uma contradição muito interessante: por um lado, esperam o discurso do professor, e, por outro, estão muito alerta, lutando contra a falta de liberdade (FREIRE, 1986, p. 79).

Em Paulo Freire o diálogo é o antídoto ao silenciamento, mas não é um diálogo apenas entre os iguais de mesmo pensamento e posição ideológica e sim entre os diferentes saberes. Em um diálogo com o filósofo chileno Antonio Faundez, em que ambos confrontam pontos de vista políticos e pedagógicos questionando o papel do intelectual na sociedade. Percebemos a deferência de Paulo Freire às diferentes culturas e saberes distintos.

O processo de consciência é um processo lento, mas que em última instância adquire sua firmeza no processo da própria realidade. Em minhas viagens à África e à América Latina, quando sabem que trabalho, participo de experiências educacionais e populares num e noutro continente, tanto latino-americanos como africanos sempre me fazem esta pergunta: “Eles são melhores ou piores que nós?”. Eu respondo que se pode dizer que são melhores ou piores. O que posso dizer é que se trata de experiências completamente diversas, nas quais não se pode avaliar o que é melhor ou pior, porque são inavaliáveis, não podem ser valoradas nem comparadas. São experiências distintas, e como tais, é preciso vivê-las distintamente. E, como distintas, umas podem ensinar às outras. E umas podem aprender com as outras. E nós só aprendemos se aceitamos que o diferente está no outro; do contrário, não há diálogo, por exemplo. O diálogo só existe quando aceitamos que o outro é diferente e pode nos dizer algo que não conhecemos (FREIRE e FAUNDEZ 1985, p. 19).

Outra categoria muito próxima a subversividade em Paulo Freire é o direito à pergunta. A pedagogia do curioso é uma práxis formadora. O educador ou educando que estão entregues a procedimentos autoritários ou paternalistas que impedem a curiosidade, terminam por tolher a própria criatividade.

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e a que corresponde o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade. Com a curiosidade domesticada posso alcançar a memorização mecânica do perfil deste ou daquele objeto, mas não o aprendizado real ou o conhecimento cabal do objeto. A construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de "tomar distância" do objeto, de observá-lo, de delimitá-lo, de cindi-lo, de "cercar" o objeto ou fazer sua aproximação metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar. [...]. O fundamental é que o professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que

importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos (FREIRE, 1996, pp. 94- 96).

Paulo Freire, ao citar a curiosidade epistemológica, nos diz que na escola não é qualquer pergunta que tem sentido. É a pergunta que nos leva ao ambiente escolar de reflexão e de ação, da prática social e que tem a ver com a especificidade da escola, ou seja, sair da doxa ou opinião para a episteme, conhecimentos elaborados, sistematizados, sintetizados e que têm sentido no currículo da escola.

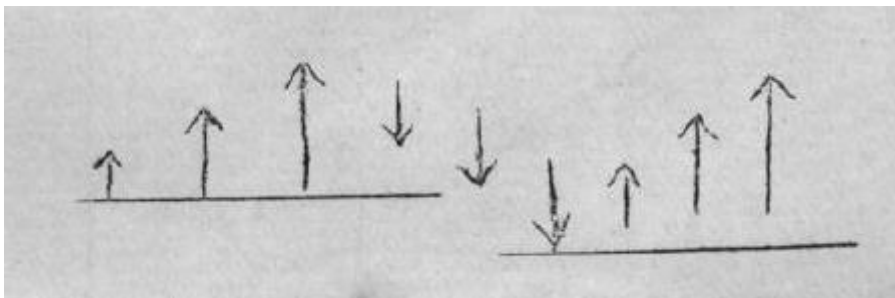
Um subversivo é um utópico em Paulo Freire, no sentido da construção de um inédito viável. A utopia tem a ver com a biofilia e a distopia com a necrofilia. Estes conceitos utilizados por Paulo Freire são oriundos, como ele mesmo diz, de Erich Fromm em *O Coração do Homem*.

Correndo o risco de parecer pensar simetricamente, diremos que, biofílica, a utopia revolucionária tende ao dinâmico e não ao estático; ao vivo e não ao morto; ao futuro como desafio à criatividade humana e não ao futuro como repetição do presente; ao amor como libertação e não como posse patológica; à emoção da vida e não às frias abstrações; à comunhão e não ao gregarismo; ao diálogo e não ao mutismo; à práxis e não à ordem e à lei, como mitos; aos seres humanos que se organizam criticamente para a ação e não à organização deles para a passividade; à linguagem criadora e comunicativa e não aos “slogans” domesticadores; aos valores que se encarnam e não aos mitos que se impõem (FREIRE, 1981, p. 64).

Em *Pedagogia da Esperança*: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire, traz a esperança como utopia em um inédito-viável. Portanto, não é um sonho apenas no campo do idealismo, mas um projeto de sociedade onde a leitura do mundo possibilita a decifração cada vez mais crítica das situações-limite, dos embaraços, do estrangulamento. Aquele momento em que a sociedade despertou e não suporta mais as injustiças. Homens e mulheres passam a sonhar com outro mundo possível, algo que ainda não existe, mas poderá existir mediante a ação articulada dos sujeitos, enquanto necessidade ontológica de nossa transformação, o qual Freire chamou de inédito-viável. (FREIRE, 1992).

A pedagogia do Paulo Freire é uma pedagogia do movimento, ou seja, a sociedade está em transição. Há uma “crença epistemológica”, uma utopia, uma esperança nas transformações sociais. A sociedade não segue um sentido determinista, um rumo estabelecido *a priori*. Para mostrar este argumento Paulo Freire, em 1963, no encerramento de uma formação no Rio Grande do Norte utilizou o fluxograma abaixo a que ele denominou de “esqueminha”.

Figura 05: Fluxograma utilizado por Paulo Freire para explicar a historicidade.



Fonte: FREIRE, 1963

Paulo Freire entendia não ser possível olhar o presente se uma atenção ao passado. “A atualidade brasileira em certo sentido, em certo momento, é assim o alongamento do ontem e em certo sentido no adentramento do amanhã”. (FREIRE, 1963, p. 2). Percebemos no fluxograma que o cronotopo não é linear, ora o sentido é vertical ascendendo ou descendendo. Este movimento social mostra, por exemplo, que temos momentos de democracia, de ditaduras etc. Que não são ciclos que se repetem simplesmente, mas avanços ou retrocessos em termos de uma educação progressista. Estamos ascendendo ou descendendo neste momento? Vamos dizer sobre isso no final da dissertação mostrando o pessimismo da análise e o otimismo da ação.

Por ora, elencamos alguns conceitos presentes na obra de Paulo Freire, como historicidade, inédito-viável, educação popular, curiosidade ingênua e epistemológica, diálogo entre diferentes saberes, silenciamento, conscientização e subservidão que são correlatos ao nosso conceito central, ou seja, a subversão.

2.1 Teses sobre a teoria freireana.

Tese 01. Paulo Freire foi um subversivo, assim como tio Vonibaldo, Valdir Duarte e Ana Júlia. Paulo Freire só pode ser entendido dentro do contexto das ditaduras militares e por isso vamos descrevê-las, tanto no Brasil, quanto na Argentina.

A Ditadura Militar Argentina de acordo com Haro *et al* (2013) foi movimento imperialista (apoio norte-americano), patriarcal (apoio dos conservadores), capitalista (apoio da burguesia preocupada com a perda de privilégios), e anticomunista (um discurso em desfavor de um grupo específico, representado pelas classes populares). As ditaduras militares argentinas estão dentro de um arcabouço de poder mais amplo

denominado de Estado Burocrático e Autoritário, representado pelas juntas militares, de aparência imparcial.

As ditaduras militares argentinas, em especial os períodos de (1966 – 1973) e (1976 – 1983), têm algumas características: (a) fundamentalmente são os aspectos da sociedade global que garantem e organizam a dominação local por estruturas de classe com domínio da burguesia; (b) institucionalmente são organizações coercitivas que ditam normas mediante subordinação das classes populares; (c) mantêm um sistema de exclusão política com imposição de uma ordem particular; (d) supressão da cidadania e da democracia política; (e) um sistema de exclusão econômica do setor popular; (f) apesar de um discurso marcial e pedagógico tem-se um encolhimento da nação; (g) as instituições dominantes buscam **despolitizar as questões sociais e da instrução**, submetendo-as a critérios neutros e objetivos de racionalidade técnica; (h) fechamento de canais democráticos de acesso ao governo. A representação no governo é limitada às forças armadas e as grandes empresas públicas e privadas; (i) existia um desprezo e ojeriza das ditaduras argentinas em relação aos movimentos sociais e sindicatos. (GUILLERMO, 1982. **Grifo nosso.**).

A Ditadura Militar Argentina estabeleceu um discurso contra subversão. Pablo Pineau (2014, p. 106) nos mostra uma uniformização de discursos e disciplinas de práticas cotidianas, onde todo feito social era um feito político, todo feito político era subversivo e todo feito subversivo deveria ser reprimido. Um célebre governador argentino, o general Saint Jean, sintetizou assim o programa político do Processo: “Primeiro mataremos todos os subversivos, depois os seus colaboradores, depois os simpatizantes, depois os indiferentes e por último os tímidos”¹⁸.

A tabela 01 mostra que as rupturas institucionais fazem parte da “herança política argentina”, onde em geral os governos não terminaram os seus respectivos mandatos. Para o estudo que estamos fazendo nos interessa dois períodos mais específicos, ou seja, a ditadura de 1966 até 1973 e a ditaduras de 1976 até 1983. Há que se considerar que entre 1973 e 1976 houve um período curto de democracia com a volta de Perón ao poder.

¹⁸Disponível em: Anarquia ou barbárie: fascismo e militarismo na Argentina Contemporânea. <https://anarquiaoubarbarie.noblogs.org/2015/06/04/militarismo-e-fascismo-na-argentina-contemporanea/>

Tabela 01: Presidentes e Ministros da Educação na Argentina entre 1955 e 1983.

Período.	Presidente	Ministro da Educação	Ordem Institucional
1955 até 1958	Pedro Eugênio Aramburu.	Atíllio Dell' Oro. Carlos Adrogué. Acdel	Golpe de Estado.
1958 até 1962	Arturo Frondizi.	Ernesto Salas. Luis Rafael Mac Kay e Miguel Sussini.	Eleito.
1962 até 1963	José Maria Guido.	Miguel Sussini, Alberto Rodriguez e José Mariano Astigueta.	Golpe de Estado. Assume como presidente do Congresso.
1963 até 1966	Arturo Umberto Illia.	Carlos Román Santiago Alconada Aramburu.	Eleito.
1966 até 1970	Juan Carlos Onganía.	Dardo Pérez Guilhou.	Golpe Militar.
1970 até 1971	Roberto Marcelo Levingston.	José Luis Cantini.	Junta Militar
1971 até 1973	Alejandro Lanusse. Agustín	Gustavo Malek.	Junta Militar.
1973	Héctor José Cámpora.	Jorge A. Taiana.	Eleito.
1973	Raúl Alberto Lastiri	Jorge A. Taiana.	Assume como presidente do Congresso.
1973 até 1974	Juan Domingo Perón.	Jorge A. Taiana.	Eleito.
1974 até 1976	María Estela Martínez de Perón.	Oscar Ivanissevich. Pedro J. Arrighi.	Assume com a morte do esposo.
1976 até 1981	Jorge Rafael Videla.	Ricardo P. Bruera. Juan José Catalán. Juan Rafael Llerena Amadeo.	Golpe de Estado.
1981	Roberto Eduardo Viola.	Carlos Burundarena.	Junta Militar.
1982 até 1982	Leopoldo Fortunato Galtieri.	Cayetano Antonio Licciardo.	Junta Militar.
1982 até 1983	Reynaldo Benito Antonio Bignone.	Cayetano Antonio Licciardo.	Junta Militar.

Fonte: Adaptado Puiggrós (2006).

A Tabela 01 mostra que mesmo com a predominância de um Estado Burocrático e Autoritário, cuja forma que melhor o explica, é, a ditadura, a tradição argentina é marcada por rupturas institucionais. O Informe Final da Comissão de Direitos Humanos da Câmara de Deputados de Chaco-AR (ARGENTINA, 1985), definiu as estratégias no período como golpistas que tomaram o poder usurpando as atribuições constituídas pelos governos anteriores.

Outra especificidade do período (1960 – 1985), do ponto de vista político, foi o retorno breve do peronismo e a solução encontrada pela oposição ao governo militar de Lanusse (1971 – 1973). Os argentinos elegeram Héctor Cámpora em 1973 para restituir Perón que estava no exílio ao poder novamente. O Informe da Comissão dos Direitos Humanos (1985) mostra que o lema de Cámpora era “Cámpora ao governo e Perón ao poder”. A eleição de Cámpora implicaria a volta de Perón. (ARGENTINA, 1985).

Perón foi eleito para o terceiro mandato. Enquanto a esquerda pedia que se aliasse com Cãmpora, Perón convidou para vice-presidente a sua segunda esposa Maria Estela Perón (a primeira esposa Evita faleceu em 1952). Graziela Franzen¹⁹ afirmou que não sabiam mais quem era Perón, essa dubiedade dividiu os peronistas. Perón morre em 1974 em meio a greves e ações violentas. Assume sua esposa Maria Estela Perón. Em seu governo, teve início o processo de tortura sistemática.

O Informe da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados de Chaco-AR (1985) diz que a “herança maldita” da ditadura tem números impressionantes. São trinta mil presos desaparecidos. Quinhentos filhos e filhas de presos políticos que foram apropriadas pelos seus opressores. Dez mil presos políticos. Trezentos mil exilados. E ainda uma Argentina dividida que busca contar sua história com pelo menos duas versões distintas. (ARGENTINA, 1985).

Em 2013 estive na cidade de Resistência, capital da Província Del Chaco. Em uma semana de convívio com professores e presos políticos da Ditadura Militar e em eventos da memória peronista. Juntamente com alguns sobreviventes visitei o Centro de Memória que foi construído, onde em tempos de Ditadura Militar, funcionava um centro clandestino de detenção e tortura. Situada na Rua Marcelo Alvear nº 32, a poucos metros da Casa de Governo. A Brigada de Investigações da Polícia Provincial de Chaco foi o maior centro clandestino de detenção do Nordeste Argentino. Neste espaço, lideranças políticas, entre elas estudantes e professores, foram torturadas pelo regime.

O cenário da tortura argentina era horrível. Os sobreviventes me relataram que quando eram levados às salas da inquisição, os prisioneiros tinham os olhos vendados e ficavam isolados por vários dias. Quando percebiam as possíveis transferências ou suspeitavam que fossem mortos, entoavam hinos peronistas. Os alunos eram vigiados nas escolas, assim como seus professores. Quando algum colega era forçado a se retirar da sala não sabiam se o veriam novamente.

A Ditadura Militar na Argentina instrumentalizou uma política educativa em duas estratégias. A primeira foi uma estratégia repressiva fazendo desaparecer elementos de renovação como a Campanha de Reativação Educativa de Adultos para Reconstrução – CREAR e a difusão da Pedagogia da Libertação. Os grupos que apoiavam a Ditadura Militar tinham um discurso fortemente negativo do período político anterior qualificado como: populista, violento e subversivo. A segunda

¹⁹ Conversa Graziela Franzen em 2013. Estivemos juntos em vários eventos na Universidade de Misiones, em Buenos Aires e na Província Del Chaco.

estratégia era discriminadora, ou seja, os setores tecnocráticos buscavam romper com elementos democráticos presentes na escola pública na defesa de uma escola única sem se importar com as diferenças. (PINEAU, 2014, p. 105).

No caso do Brasil, não houve períodos intermitentes. A Ditadura Militar Brasileira determinou uma forma de dependência dos Estados Unidos da América do Norte. (IANNI, 1971). A burguesia comemorou nas ruas, os militares estavam eufóricos com o trabalho anticomunista de mais de uma década, de mãos dadas os “irmãos do Norte”, vínculo estabelecido durante a Segunda Guerra Mundial com os norte-americanos, havia certo consenso de que “os bons costumes haviam triunfado”. (DREIFUSS, 1987). A Tabela 02 apresenta os presidentes militares e seus respectivos ministros da educação.

Tabela 02: Presidentes e Ministros da Educação no Brasil entre 1960 e 1984.

Período	Presidente	Ministros da Educação.	Ordem Institucional.
1964 até 1967	Humberto Castelo Branco.	Luís Antônio da Gama e Silva. Flávio Suplicy de Lacerda. Pedro Aleixo. Raymundo Augusto de Castro Moniz de Aragão.	Governo Militar.
1967 até 1969	Artur da Costa e Silva.	Tarso de Moraes Dutra.	Governo Militar.
1969 até 1974	Emílio Garrastazu Médici.	Jarbas Passarinho.	Governo Militar.
1974 até 1979	Ernesto Geisel	Ney Braga. Euro Brandão.	Governo Militar.
1979 até 1985	João Figueiredo.	Eduardo Portela. Rubens Carlos Ludwig. Esther de Figueiredo Ferraz.	Governo Militar.

Fonte: Adaptado do Ministério da Educação (BRASIL, 2014).

A tabela 02 mostra uma sequência de governos militares. Neste período, houve a predominância de uma concepção produtivista em educação. O plano de fundo dessa tendência foi constituído pela teoria do capital humano a partir da formulação inicial de Theodore Schultz, com princípios de racionalidade, eficiência e produtividade. A proposta é de correlação direta entre investimento, nível de escolaridade e produção da riqueza. (SAVIANI, 2007).

O dossiê de mortos e desaparecidos políticos no Brasil a partir de 1964 diz que:

Passados mais de quinze anos da promulgação da Lei da Anistia, o número de mortos e desaparecidos políticos atinge a soma de 360. Este número não reflete a totalidade dos mortos ou desaparecidos, visto que sempre aumenta quanto mais se abrem as possibilidades de pesquisa. Até o momento, tivemos acesso a poucos e inexpressivos documentos oficiais referentes às mortes na zona rural (CEPE, 1995).

Paulo Freire combateu a ditadura militar no geral e a concepção produtivista da educação no particular a qual chamou de educação bancária. Deixemos o próprio Paulo Freire dizer isso:

Eu fui preso, fui exilado por causa da ditadura. A Ditadura Militar de 1964 me considerou, e não apenas considerou, mas disse por escrito que eu era um perigoso **subversivo internacional**, um inimigo do povo, da Pátria e de Deus. Eles arranjaram prá mim mais essa carga de ser inimigo de Deus. A ditadura estragou esse país por muito tempo. Esse período Deus queira que não mais se reinvente [...] sou um cara que estava preocupadíssimo em 1964 com a alfabetização e fui preso por isso, quando discutia as razões do meu exílio na Europa e nos Estados Unidos e explicava que fui expulso da universidade e do país por isso, as pessoas não conseguiam me entender (FREIRE, 2013. **Grifo nosso**).

Reforçamos que Paulo Freire foi condenado por subversão. Este conceito está na essência do autor. As provas são as próprias acusações e o desenrolar dos processos e do autoexílio.

2.2 A subversão a partir da produção bibliográfica de Paulo Freire durante as Ditaduras Militares.

Em 1963, um ano antes do Golpe Militar no Brasil, Paulo Freire em uma palestra na Universidade do Recife fez uma análise conceitual sobre subversão.

Então inventaram meios como o Tribunal de Segurança para as gentes subversivas. E o que é subversão? **Subversão**, dizem eles (e qualquer dicionário também tem) é a tentativa de botar abaixo uma ordem estabelecida. Mas agora pergunto eu: que ordem é esta? Eles responderiam que é a ordem do ontem. E quando eles dissessem isso, estariam esquecidos de uma coisa importante na análise de subversão e da ordem. É que o conceito de ordem não é só ético, mas é histórico também (FREIRE, 1963, p. 7).

Paulo Freire analisa a subversão do ponto de vista dialético. Dizia: em 1963, quando tínhamos um governo em transição, eleito pelo povo, os subversivos eram os reacionários que queriam o retorno dos privilégios. Também aqueles operários que queriam ser usineiros no lugar dos usineiros que deveriam ser os operários. “A subversão, se nutre de certo apetite de privilégio, é aquele com privilégios ilegítimos, ou que quer botar abaixo quem tem para ele ter” (FREIRE, 1963, p. 8).

Por isso que subversão é um conceito dialético, estamos repetindo isso porque para nós do campo da esquerda sempre foi uma acusação e um desprestígio, mas percebemos que depende do contexto. Em geral fazemos isso porque historicamente as

classes populares não estão no poder, mas em 1963, Paulo Freire discutiu o conceito chamando atenção para subversivos de direita que queriam o retorno das elites. Este cenário altera-se a partir de 1964, na Ditadura Militar, Freire terá o papel de subversivo.

Vamos ao “escritor” Paulo Freire para ver como aparece a questão da subversividade nos seus livros no período da Ditadura Militar Brasileira. A intenção de Freire ao escrever foi a de produzir textos bonitos que expusessem com exatidão seu pensamento político-pedagógico. Segundo Gadotti, ele elabora suas ideias mentalmente, anotava em pequenos pedaços de papel ou “colocava no cantinho da cabeça”, e, depois sentava na escrivaninha e sobre um apoio de couro com papel sem pauta e de próprio punho começava a escrever, quase sempre sem rasuras ou correções. Quase nunca alterava os parágrafos, suas palavras, sua síntese. Foi assim que escreveu os três primeiros capítulos da Pedagogia do Oprimido em quinze dias, porque tinha pensado-os há mais de um ano. (GADOTTI, 1996, p. 59).

Ana Maria Freire nos brinda descrevendo o acervo bibliográfico de Paulo Freire, ou seja, colocou o autor como um grande leitor. Paulo Freire inventariou em um caderno de anotações as suas leituras. Na caderneta foram catalogadas obras de autores nacionais e estrangeiros. São 572 livros. Em 1943 lia em espanhol e francês, e em 1947 em inglês. É importante atenta que as leituras estrangeiras eram de temáticas como antropologia, linguística, filosofia, literatura, gramática, história e educação. As leituras das obras brasileiras têm um espectro mais amplo. Podemos destacar tomando como critério o interesse de nossa dissertação, que Paulo Freire leu Bertand Russell e a fenomenologia, John Dewey, Jean Piaget, Simone de Beauvoir. Estas anotações foram de 1942 até 1955. Acompanhamos a interpretação e o testemunho de Ana Maria Freire para afirmar que depois de 1952 o rol literário aumentou consideravelmente com Marx, Lenin, Hegel, Merleau-Ponty, Erich Fromm, e que a temática tomou como foco as transformações da sociedade. (FREIRE, A. M *in* FREIRE, 2015, pp. 372 -375).

Diante da vasta obra de Paulo Freire entendemos que deveríamos olhar para a subversividade em seus escritos durante o período das ditaduras militares que coincide com o exílio de Paulo Freire. Conversamos com o professor Ivo Dickmann²⁰ sobre as principais obras de Paulo Freire neste cronotopo e escolhemos: Educação como Prática da Liberdade (1967); Pedagogia do Oprimido (1968); Cartas a Guiné-Bissau (1978); Educação e mudança (1979); Ação Cultural para a liberdade (1981).

²⁰ DICKMANN, Ivo. Livros de Freire no exílio. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por educador.ivo@unochapeco.edu.br em 06 de junho de 2017.

Educação como Prática da Liberdade é a primeira das grandes obras de Paulo Freire, na qual o autor desenvolve de maneira mais completa as ideias anteriormente propostas em sua tese *Educação e Atualidade Brasileira*. (GADOTTI, 1996, p. 259). Foi escrito após a queda de João Goulart, nos intervalos das prisões no Brasil, e concluído no exílio. (WEFFORT, 1967 in FREIRE, 1967). Foi a possibilidade de sistematizar as reflexões que trazia das experiências com o Movimento de Cultura Popular do Recife. (GADOTTI, 1996).

Paulo Freire apresentou-se como subversivo “da enxada e da caneta”, ou seja, por “enxada” entendemos sua prática no processo de alfabetização em Angicos e por “caneta” compreendemos a relevância de uma sistematização teórica que toma por base uma prática, a publicação de uma tese, de um artigo ou livro que são validados pela academia²¹. Não há dicotomia entre a “enxada e a caneta”, frase dita de outra forma na abertura do livro: “não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio”. (FREIRE, 1967, p. 35).

Nosso primeiro exercício de subversividade na escrita deve ser o compromisso com a verdade e com o legado do autor. É recorrente na história recente do Brasil atribuir às vítimas da Ditadura Militar estereótipos que não condizem em nada com os fatos. Por exemplo, José Jenuíno foi descrito como “fraco”, em matéria da Folha de São Paulo, ao entregar sob tortura os companheiros do Partido Comunista no Araguaia²². Em matéria do Portal Uol o empreiteiro Emílio Odebrecht²³, em interrogatório da Polícia Federal, diz ter ouvido de Golbery do Couto e Silva, nome forte da ditadura no Brasil, a descrição do ex-presidente Lula como um bom *vivant*, “que gosta de uma cachacinha”. E Paulo Freire teve a página do *Wikipedia* alterada, com a informação de “participou da última grande reforma da legislação educacional que resultou em um ensino atrasado,

²¹ Na canção **A Caneta e a Enxada** de Zico e Zeca (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=isSvi6TGLmk>) há uma forma poética daquilo que pretendemos dizer. Em geral há uma separação entre teoria e prática como se apresenta entre academia e trabalho manual, trabalho intelectual e trabalho braçal. Paulo Freire supera esta dicotomia. Segue a primeira estrofe para efeitos de entendimento.

"Certa vez uma caneta foi passear lá no sertão; Encontrou-se com uma enxada, fazendo uma plantação; A enxada muito humilde, foi lhe fazer saudação; Mas a caneta soberba não quis pegar na sua mão; E ainda por desaforo lhe passou uma repreensão."

²² Folha de São Paulo (2008). **José Genuíno e o Araguaia**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/jose-genuino-e-o-araguaia>. Acesso em 22 de abril de 2017.

²³ UOL – Notícias (2017). Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2017/04/15/emilio-odebrecht-cita-definicao-de-lula-dada-por-golbery-um-bom-vivant.htm>.

Emílio Odebrecht cita definição de Lula dada por Golbery: "Um bom vivant". Acesso em 22 de abril de 2017.

doutrinário e fraco”²⁴. Além disso, Paulo Freire sofreu críticas da esquerda brasileira por não ter defendido a luta armada. De forma crítica podemos refutar essas falácias, pois, José Genuíno foi torturado, Lula foi preso e Paulo Freire também foi preso e exilado. Os fatos explicam mais que a retórica.

Não encontramos ingenuidade e fraqueza de Paulo Freire na sua primeira grande obra: *Educação como Prática da Liberdade*, pelo contrário. Vejamos como elucidativo a análise do autor sobre o comportamento da elite.

O aclaramento das consciências é sempre visto como ameaças de seus privilégios, como massificação, como lavagem cerebral, tudo descrito como produtos do demônio, inimigos do homem e da sociedade cristã. Na verdade, eles é que massificam, na medida em domesticam e se apoderam das camadas mais ingênuas da sociedade [...]. É bem verdade, que ao fazerem isto, ontem, hoje e amanhã, estas forças distorcem a realidade, insistem em aparecer como defensoras do homem, e, apontam os esforços de verdadeira libertação como **perigosa subversão** (FREIRE, 1967, p. 36. **Grifo nosso**).

A subversão de Freire, a partir de *Educação como Prática da Liberdade*, está na denúncia da patologia social, uma “sociedade enferma”. Toma emprestado de Erich Fromm, a expressão “medo da liberdade” para descrever a passividade do povo que adota um eu que não é seu (FREIRE, 1967, 43). A renúncia de Paulo Freire está em relação à falta de diálogo, quando compara Atenas (representa a democracia) e Esparta (antidemocrática). Paulo Freire também é profético, ao dizer que a elite atua dessa forma “ontem, hoje e amanhã”. Por profeta, entendemos a própria definição do autor concedida a Carlos Rodrigues Brandão.

Profetas não são homens e mulheres desarrumados, desengonçados, barbudos, cabeludos, sujos, metidos em roupas andrajosas e pegando cajados. Os profetas são aqueles ou aquelas que se molham de tal forma na cultura de seu povo, dos dominados de seu povo, que conhecem o seu aqui e seu agora e, por isso, podem prever o amanhã, que eles mais que adivinham, realizam (BRANDÃO *in* SOUZA, 2001, p. 19).

Por fim, podemos afirmar que *Educação como Prática da Liberdade* foi o primeiro “livro subversivo” de Paulo Freire. Temos como prova o depoimento de Alípio Casali, coordenador do Programa de Pós-graduação de Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. O depoimento mostra que

²⁴ Agência Brasil (2016). Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-06/artigo-na-wikipedia-sobre-paulo-freire-e-alterado-em-rede-do-governo>. Acesso em 22 de abril de 2017.

impedido de viajar pela América do Sul, Paulo fizera da África sua pátria, no exílio. Eu já havia lido e relido seus textos, tantas vezes, com meus alunos do Ciclo Básico da PUC – SP. **Educação como Prática da Liberdade**, assim como **Pedagogia do Oprimido**, foram desencapados, desmembrados e reproduzidos por partes, sem identificação de título e de autor, para que driblásemos os censores militares clandestinos em nossas salas de aula. Como um franzino e voz frágil pode fazer tremer de medo os coronéis! (CASALI *in* GADOTTI, 1996, p. 218).

Vamos então a mais subversiva das obras de Paulo Freire, ou seja, *Pedagogia do Oprimido*. Em *Pedagogia da Esperança: um encontro com a Pedagogia do Oprimido* (1992), Paulo Freire narra o processo que culminou no livro *Pedagogia do Oprimido*.

Foi vivendo a intensidade da experiência da sociedade chilena, da minha experiência naquela experiência, que me fazia repensar sempre a experiência brasileira, cuja memória viva trouxera comigo para o exílio, que escrevi *Pedagogia do Oprimido* entre 1967 e 1968 [...]. Levei um ou mais de um ano falando em aspectos de *Pedagogia do Oprimido*, falei a amigos que me visitaram, discuti-os em seminários e cursos. Não posso esquecer neste tempo de oralidade da *Pedagogia do Oprimido*, de uma conferência inteira, a primeira que fiz sobre o livro em Nova York, em 1967 (FREIRE, 1992, p. 54).

Encontramos em Paulo Freire, quando da escrita de *Pedagogia do Oprimido*, um subversivo no sentido completo, muito próximo de nossas definições anteriores no campo conceitual. Paulo Freire não tomou por base de escrita a sociedade chilena e seus “avanços” históricos em termos de educação. Não ficou no Ministério da Educação buscando evidências do “sucesso” do sistema educativo. Pelo contrário, foi ao Assentamento Recurso no interior do país. As provas são dadas a partir do relatório de 303 páginas à respeito do *Assentamiento el Recurso* onde a investigação temática mostra temas de contradição: padre e campesino, patrão e campesino, marido e mulher, pais e filhos, homem e natureza. Não há fuga de temáticas problematizadoras, isto inclui desde salário baixo até homossexualidade. Paulo Freire estava inquieto e preocupado com os grandes embates das transformações sociais, dos atritos e das contradições da sociedade chilena, tal lá como cá e vice-versa. (FREIRE, 1968).

A referência bibliográfica utilizada por Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido*, tem correspondência com o cenário dos esfarrapados deste mundo. Para esclarecer tomamos como exemplo, a obra *El Corazón Del Hombre* de Erich Fromm, citada por Paulo Freire na página 63 (conceito de consciências necrófilas), na página 64 (o sadismo de converter o homem em coisa e a perda da liberdade), na página 76 (o

dirigismo e a manipulação dominante), nas páginas 90 e 91 (concepção de necrofilia associada ao conceito de educação bancária). (FROMM, 1967 *in* FREIRE, 2014).

Erich Fromm parte de uma pergunta central: os homens são lobos e/ou cordeiros? E Paulo Freire pergunta: os homens são opressores e/ou oprimidos? O primeiro questiona o motivo de Hitler ter matado milhões de judeus. Teria agido sozinho? Stálin exterminou sem apoio seus adversários? A ideia presente é que de forma dialética “lobos e cordeiros” fazem parte da mesma realidade. Os lobos querem matar e os cordeiros imitá-los. (FROMM, 1967, p. 13). Na verdade, o que de fato ocorre é que os opressores pretendem alterar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime. (BEAUVOIR *in* FREIRE, 2014, p. 64).

Paulo Freire trata “lobos e cordeiros” na contradição entre oprimidos e opressores. Mais cedo ou mais tarde haverá esta luta, mas os oprimidos não poderão ser opressores dos opressores. Devem libertar-se a si mesmo e aos seus algozes. Há um caminho para isso, identificar a falsa generosidade e derrubar o “hospedeiro” opressor que está dentro do oprimido. (FREIRE, 2014, p.41).

Há necessidade de uma reação dos oprimidos ao jugo dominador. Erich Fromm descreve esta sociedade como patológica do ponto de vista social, doente em sua essência que atribui aos homens de baixa classe a coisificação e aos homens de alta classe a necrofilia, pois sem a posse perdem o contato com o mundo. (FROMM, 1967, p. 63).

Paulo Freire vê nessa sociedade o desprezo pelos oprimidos, a subversividade é vista pela elite como ação negativa, “dessa gente”, “massa cega”, “invejosa”, “selvagem”, “subversiva”. Aquilo que os oprimidos chamam de humanizar, os opressores chamam de subverter. Os primeiros buscam conquistar a liberdade enquanto os segundos a recorrem como herança. (FREIRE, 2014, pp. 59 – 64).

São elementos da subversividade em Paulo Freire, a partir de *Pedagogia do Oprimido*, com correspondência com Erich Fromm: os homens colocados como inconclusos, o direito a pergunta do oprimido, não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho e na ação-reflexão. O amor é fundamento para o diálogo que só ocorre na libertação, pois na dominação há a patologia do amor, o sadismo de quem domina e o masoquismo de quem é dominado. (FREIRE, 2014).

Nada é mais subversivo à sociedade capitalista a “grosso modo”, do que uma teoria marxista, mas o que há de marxismo em *Pedagogia do Oprimido*? Como já dissemos até 1952 não há evidências de leituras marxistas realizadas por Paulo Freire.

No entanto, em *Pedagogia do Oprimido* há uma primeira aproximação de Paulo Freire com o marxismo. Por exemplo, há uma explicação do próprio autor em uma conversa franca com os possíveis leitores, quais sejam “homens radicais, cristãos ou marxistas, que mesmo discordando da obra poderão chegar ao fim da leitura” (FREIRE, 2014, p. 34).

Paulo Freire faz uma referência à obra *Sagrada Família* de Marx e Engels para tratar da questão da opressão, ou seja, a opressão deliberada e consciente é mais opressora. (FREIRE, 2014, p. 52). Outra aproximação teórica ao marxismo é com Lênin em: *O que fazer?* A discussão gira em torno da necessidade de uma teoria revolucionária para uma prática revolucionária. (FREIRE, 2014, p. 168). Paulo Freire também citou comentadores do Marxismo como Erich Fromm em *Aplicação da Psicologia Humanista na Teoria Marxista*, onde o enredo deu-se no papel da liderança revolucionária e na ambiguidade da consciência dominada. (FREIRE, 2014, p. 225).

Outra obra de Paulo Freire em tempos de exílio foi *Cartas a Guiné-Bissau* (1977). Encontramos um Paulo Freire subversivo ao assessorar projetos de educação em vários países da África, recém-libertada da colonização europeia, auxiliando-os na implantação de seus sistemas de educação. Estes países procuravam elaborar suas políticas com base na autodeterminação. Nesse período, percebemos em Paulo Freire uma aproximação, no campo teórico com Gramsci, Kosik, Habermas e outros filósofos marxistas. (GADOTTI, 1996, p. 74).

Em *Cartas a Guiné-Bissau*, a subversividade de Paulo Freire ficou evidente na opção que ele e seus camaradas como Amílcar Cabral fizeram pela revolução. Paulo Freire era homem da práxis, teorização, ação e sistematização. Assim foi sua ação na formação dos professores, animadores e militantes do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIG). No chão africano Paulo Freire sentia-se como alguém que voltava e não alguém que chegava. (FREIRE, 1978).

Três conceitos explicam Paulo Freire na África, de forma complementar e dialética quais sejam a subversividade, a educação e o letramento e a revolução.

Daí que jamais nos tenhamos detido no estudo de métodos e de técnicas de alfabetização de adultos em si mesmos, mas no estudo deles e delas enquanto a serviço de e em coerência com certa teoria do conhecimento posta em **prática**, a qual, por sua vez, deve ser fiel a **certa opção política**. Neste sentido, se a opção do educador é **revolucionária** e se sua prática é coerente com sua opção, à alfabetização de adultos, como ato de **conhecimento**, tem, no alfabetizando, um dos sujeitos deste ato (FREIRE, 1978, p. 11. **Grifos nossos**).

Paulo Freire retomou a necessidade de uma subversividade na relação do oprimido que não pode tornar-se opressor. Assim relata um diálogo com Amílcar Cabral, sobre o processo de punição de um tribunal do povo, onde há uma penalização ao mesmo tempo em que se tem respeito ao inimigo.

Aí está uma diferença radical entre a violência dos opressores e a violência dos oprimidos. A daqueles é exercida para preservar a violência, implícita na exploração, na dominação. A dos últimos, para suprimir a violência, através da transformação revolucionária da realidade que a possibilita (FREIRE, 1978, p.32).

No prefácio da obra *Educação e Mudança* (1979), Moacir Gadotti, lembrou que o lançamento do livro no Brasil coincidiu com o momento em que após 15 anos, Paulo Retorna ao Brasil. Foi uma produção do exílio. O exílio não marcou, de forma alguma, o seu pensamento de mágoa ou de uma nostalgia doentia. Sua teoria e sua práxis apresentaram de forma otimista, certamente um otimismo crítico, certo de estar combatendo ao lado daqueles que eram os portadores da liberdade, ou seja, os oprimidos. (GADOTTI, 1979, p. 9).

O primeiro capítulo de *Educação e Mudança* trouxe como título: Compromisso do Profissional com a Sociedade. Diante de nossa dissertação, reiteramos a necessidade de atentar para a subversão presente na obra de Freire entendendo que um subversivo é um ser do compromisso com seu povo.

O momento histórico da América Latina exige de seus profissionais uma séria reflexão sobre sua realidade, que se transforma rapidamente, e da qual resulte sua inserção nela. Inserção esta que, sendo crítica, é compromisso verdadeiro. Compromisso com os destinos do país. **Compromisso com seu povo.** Com o homem concreto. Compromisso com o ser mais deste homem (FREIRE, 1979, p. 25. **Grifo nosso.**).

No terceiro capítulo de *Educação e Mudança*, intitulado *O Papel do Trabalhador Social no Processo de Mudança*, Paulo Freire discorre sobre papel do sujeito na história, podemos concluir que o subversivo é um sujeito de ação, que começa pela opção.

Por isso, o trabalhador social não pode ser um homem neutro frente ao mundo, um homem neutro frente à desumanização ou humanização, frente à permanência do que já não representa os caminhos do humano ou à mudança destes caminhos. O trabalhador social, como um homem, tem que fazer **sua opção**. Ou adere à mudança que ocorre no

sentido da verdadeira humanização do homem, de seu ser mais, ou fica a favor da permanência (FREIRE, 1979, p. 49. **Grifo nosso.**).

Em relação à subversão, entendemos que é uma opção do sujeito na história. Na obra *Ação Cultural para Liberdade* encontramos o conceito de subversivo na forma literal por duas vezes. A discussão girou em torno da propaganda e da ação cultural, onde aquela se instaura como elemento ilusório quando afirma ser subversivo e pernicioso todo aquele que busca indagar sobre a ordem social. (FREIRE, 1981, p. 82).

Em *Ação Cultural para Liberdade*, Paulo Freire juntou alguns textos escritos entre 1968 e 1978. O autor deu nomes ao que estamos entendendo como subversivos. Citou Camilo Torres e Che Guevara que estiveram em comunhão com as massas populares, fizeram-se guerrilheiros não por desesperança, mas por um ato de amor. (FREIRE, 1981).

Encontramos algumas pistas que descrevem o subversivo: (a) apreço ao estudo, pois estudar é um trabalho difícil e uma atitude perante o mundo; (b) o alfabetizado subversivo aprende a partir de seu universo vocabular, dizer uma palavra não é repeti-la, mas pronunciar o mundo; (c) o subversivo também é um teórico, quem diz blá-blá-blá é o verbalista. Toda prática educativa envolve uma postura teórica por parte do educador; (d) ele problematiza as palavras que vem do povo; (e) é crítico porque pensa de forma correta e vê a realidade como ela é; (f) o educador subversivo não é um alienado que acredita que a mera alfabetização possa gerar emprego; (g) a marginalidade não foi a opção do subversivo; (i) o subversivo sabe reconhecer a sua gente e seus antagonicos; (j) o subversivo é fortalecido pela utopia, é um ser da palavra e da comunicação resultados de uma boa alfabetização; (k) o subversivo desenvolve uma capacidade de alfabetização política, o analfabeto político é aquele que independentemente de saber ler ou não, tem percepção ingênua em relação aos seres humanos e ao mundo que o cerca. (FREIRE, 1981).

A ação cultural deve gerar uma revolução cultural, neste sentido, o subversivo (liderança revolucionária) não deve:

(a) denunciar a realidade sem conhecê-la; (b) anunciar a nova realidade sem ter um pré-projeto que, emergindo na denúncia somente se viabiliza na práxis; (c) conhecer a realidade distante dos fatos concretos, fontes de seu conhecimento; (d) denunciar e anunciar sozinho; (e) não confiar nas massas populares, renunciando à sua comunhão com elas. Em caso contrário, a liderança revolucionária corre o risco de contradizer-se, o que ocorre quando, por exemplo, vítima de uma visão fatalista da história, tenta domesticar as massas

populares a um futuro que “conhece” *a priori* ou quando se considera possuidora da verdade revolucionária a que as massas populares não podem ter acesso, devendo, por isso mesmo, ser “salvas” por ela (FREIRE, 1981, p. 64).

Podemos sintetizar o subversivo a partir das cinco obras de Paulo Freire em tempos de exílio que coincidem com as ditaduras militares no Brasil e na Argentina. o subversivo pode ser o oprimido, o educador social, o guerrilheiro. No entanto ele sempre está em um extrato social inferior, é uma liderança revolucionária. É um sujeito da utopia e da ação. Tem domínio teórico, tático e estratégico. Consegue identificar os opressores ao mesmo tempo em que é reconhecido pelas suas façanhas na defesa dos simples. Pode estar na escola, no bairro, na empresa e na igreja. É um sujeito do compromisso e da comunicação. É identificado em movimentos de emancipação como a defesa de pautas de mudanças da sociedade. Assim luta contra o latifúndio tanto no Brasil, quanto no Chile. Em qualquer outro lugar, o subversivo busca construir uma irmandade, e mesmo que o conceito de carisma esteja desgastado e no campo do idealismo, o sujeito subversivo é carismático.

Dialogamos com Paulo Freire nestas obras apresentadas. Por ousadia vamos utilizar como elucidativo “a teoria dos pés”, que traz uma explicação para a história da educação, a conjuntura do campo de atuação dos subversivos, dos subalternos, e da liderança revolucionária. O primeiro momento foi o da escravatura, nossa frágil democracia, onde se explicam três pés: pão, pau e pano. O segundo momento é de nossas revoluções que precisam de “três pés”: palavra (práxis), povo e pólvora. Quanto mais palavra menos pólvora e vice-versa. O terceiro momento é de nossas contradições e do autoritarismo representados pelos sujeitos em “cinco pés” a esclarecer. O político (representa o Estado), o padre (a Igreja), o patrão (a empresa), o pai (família patriarcal), o professor (a escola). E no momento que escrevemos, estamos de acordo com um novo “adágio” popular: são presos no Brasil: petistas, pobres, putas e pretos.

No primeiro momento de nossa história, o subversivo era o escravo e o liberto que lutavam contra as injustiças. No segundo momento temos aqueles que lutaram pela nossa independência e pela República. O terceiro momento é dedicado à luta contra o autoritarismo nas instituições, em especial ao perfil daqueles que têm mando nessas

instituições, e que de forma resumida podem ser descritos como “o macho adulto branco sempre no comando”, na expressão poética de Caetano Veloso²⁵.

2.2.1 A subversão de Paulo Freire em Kant e em Gramsci.

Apesar de viverem em épocas diversas, Freire e Gramsci possuem pontos em comum em suas obras. Buscam entender a realidade social e produzir práticas e teorias que compreendam e superem as contradições. Duas categorias os aproximam, ou seja, oprimido em Paulo Freire e subalterno em Gramsci. Os autores sempre fazem a análise em uma perspectiva dialética. Paulo Freire não vê saída viável a partir dos opressores que perderam a utopia e a capacidade de construir uma sociedade mais justa. Em sua alienação os oprimidos querem se parecer com os opressores. Gramsci discute o espontaneísmo presente como elemento presente nas classes subalternas, especialmente nos grupos mais periféricos e marginais, que não alcançaram a consciência para si. (COELHO e MARI, 2016).

Paulo Freire tem correspondência teórica com Antonio Gramsci (1893 – 1937). Freire começou a refletir sobre a educação e a colocar em prática suas ideias pedagógicas a partir, da metade da década de 1950, enquanto Gramsci, italiano, desenvolveu sua obra política, sociológica e filosófica, em particular, de 1916 a 1937. Freire centrou sua atenção sobre aqueles que ele chamava de “oprimidos” do capitalismo periférico, isto é, sobre aqueles a quem a “palavra havia sido negada”; Gramsci centrou sua reflexão e sua ação, particularmente, sobre os operários italianos e sobre os que sofriam a opressão fascista na Itália. (MESQUIDA, 2011).

As trajetórias de Gramsci e Freire foram semelhantes e influenciaram nas suas teorizações. Cresceram no seio de famílias humildes e com dificuldades econômicas. O primeiro nasceu em Cagliari, na região da Sardenha na Itália e o segundo em Recife no Nordeste do Brasil, regiões subalternas em ambos os países. Foram censurados, perseguidos e presos por regimes autoritários, mas foram protagonistas de experiências político-educacionais das mais importantes. Paulo Freire tratou da questão da libertação e Gramsci em especial de hegemonia. (SILVA e BARBOSA, 2013).

Gramsci mostrou uma sociedade (sociedade política + sociedade civil) em um palco de disputas onde os dominantes constroem a hegemonia através da coerção, do

²⁵Verso da Canção: O Estrangeiro de Caetano Veloso disponível em: <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44757/>. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6i7r3wn8ICw>. Acesso em 08 de junho de 2016.

convencimento e do consenso. As estratégias dos simples e subalternos são contra a hegemonia, em uma guerra de posição. Freire também alerta que o discurso da elite garante uma legitimidade falsa, em especial no assistencialismo e no que ele chamou de “papainoelismo”.

Um conceito que aproxima Freire e Gramsci é o do intelectual orgânico. Vejamos como Gramsci tratou disso no Caderno 12.

Por isso, seria possível dizer que **todos os homens** são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais (assim, o fato de que alguém possa, em determinado momento, fritar dois ovos ou costurar um rasgão no paletó não significa que todos sejam cozinheiros ou alfaiates). Formam-se assim, historicamente, categorias especializadas para o exercício da função intelectual; formam-se em conexão com todos os grupos sociais, mas, sobretudo em conexão com os grupos sociais mais importantes, e sofrem elaborações mais amplas e complexas em ligação com o grupo social dominante. Uma das características mais marcantes de todo grupo que se desenvolve no sentido do domínio é sua luta pela assimilação e pela conquista “ideológica” dos intelectuais tradicionais, assimilação e conquista que são tão mais rápidas e eficazes quanto mais o grupo em questão for capaz de elaborar simultaneamente seus próprios intelectuais orgânicos (GRAMSCI, 2001. **Grifo nosso**).

Gramsci disse de forma peremptória que todos são intelectuais e não apenas uma vanguarda. Paulo Freire disse que há diferentes saberes, mas todos válidos, desde o doutor até o assentado no Chile. Todos são filósofos mesmo que não exerçam sistematicamente tal função. Paulo Freire, pela Teologia da Libertação, soube aproximar os intelectuais tradicionais, ou seja, o clero católico nas discussões de uma igreja mais progressista e revolucionária. Fez com que vários intelectuais tradicionais assumissem uma posição mais orgânica.

Pedimos licença aos leitores para nos reportarmos ao início da dissertação, mais especificamente entre o décimo e o décimo oitavo parágrafo. Iniciamos naquele momento a ideia de subversivo imbricada com o conceito de intelectual. No PVR todos eram considerados filósofos e isso tem mais sentido quando a metodologia de ensino permitia que os temas geradores fossem escolhidos pela comunidade. Podemos assim dizer que há aproximações àquilo que fizemos há vinte anos, à teoria freireana e o conceito de intelectual orgânico de Gramsci. Essa é nossa síntese.

Iniciamos nossa dissertação falando da importância dos aspectos subjetivos, ou seja, das escolhas feitas pelo indivíduo em seu contexto. Assim foram os quatro primeiros parágrafos. Na Página 17 prometemos retomar esta aproximação entre Paulo Freire e Emmanuel Kant, no que diz respeito à autonomia. Neste caso também nos

encontramos nesse processo com nossas opções, um esforço para permanecer no campo da defesa da escola pública e popular.

As propostas de Kant e Freire possuem em comum uma aposta esperançosa na humanidade, no potencial humano. Em Kant, resta ao homem escolher entre duas atitudes, uma de passividade e ignorância e outra de consentimento reflexivo ou recusa. É uma questão do julgamento realizado por aqueles que têm maioria intelectual. Kant tratou da autonomia como antítese à escolástica, à religião, à tradição e ao antigo regime. Sua concepção de autonomia se referia à razão que se dobra às evidências empíricas e matemáticas, libertando o homem da superstição e da ignorância. A máxima de Kant é promover uma ação do indivíduo de modo que possa querê-la que se torne uma lei universal. (ZATTI, 2007).

Na assepsia clássica autonomia significa o poder de dar a si a própria. Autonomia é o oposto de heteronomia, uma lei que precede de outro. Paulo Freire utilizou esses dois conceitos.

Como professor, se minha opção é progressista e venho sendo coerente com ela, se não me posso permitir a ingenuidade e pensar-me igual ao educando, de desconhecer a especificidade da tarefa do professor, não posso, por outro lado, negar que o meu papel fundamental é contribuir positivamente para que o educando vá sendo o artífice de sua formação com a ajuda necessária do educador. Se trabalho com crianças, devo estar atento à difícil passagem da **heteronomia para autonomia** (FREIRE, 1996, p. 78. Grifos do autor).

Assim, o conceito de autonomia aproxima Kant de Paulo Freire, no entanto em Kant a autonomia tem atributos transcendentais a priori, enquanto que em Freire esta autonomia é resultado de ação e reflexão dialética sobre o mundo. Tanto Freire quanto Kant enfatizaram o papel da educação como formar sujeitos críticos, capazes de se libertarem se emanciparem da condição de minoridade. (ZATTI, 2007).

2.2.2 A subversão de Paulo Freire em Marx.

Esta é uma grande polêmica, mas não vamos fugir dela. Paulo Freire foi um marxista? Como a resposta de alguém ser marxista ou não é quase impossível, diremos que foi um marxista heterodoxo, ou seja, ao seu modo encontrou sentido de materialidade na vida e na obra. Na Página 13 comentamos que foi possível no Projeto Vida na Roça utilizar Marx e Paulo Freire como referenciais teóricos. Na referida página colocamos o materialismo dialético como nossa metodologia por entendermos

que é possível estudar Freire com uma metodologia e uma filosofia marxista. Na Página 21 dissemos que uma das acusações a Paulo Freire hoje é de doutrinador marxista, de fato, esta foi sua acusação e condenação.

Em 1963, em uma palestra de encerramento da formação de monitores no Rio Grande do Norte, Paulo Freire discorre sobre a questão do conceito de comunismo.

Falar em espoliação, falar em alienação, falar em conscientização, falar em revolução, para certas pessoas significa estar usando um vocabulário comunista. Eu não sou comunista, mas jamais temi estar com eles e **jamais admiti errar porque os comunistas acertam**. Esta elite espoliadora, quando sentiu que a sociedade estava em trânsito que vem casado com a democratização, é claro que elas, numa 1ª fase se juntaram e começaram a recuperar um jeito de deter o avanço do processo (FREIRE, 1963, p. 6. **Grifos nossos**).

No primeiro dia do mês de julho de 1964, na cidade de Recife, no Quartel da Segunda Companhia de Guardas Paulo Freire foi inquerido. Pelo *Termo de Perguntas ao Iniciado* é possível perceber de imediato as acusações. Atividade subversiva e politização marxista. É importante estar atento ao que Paulo Freire disse nos autos (em geral negando as acusações) para escapar da prisão e também aquilo que não disse, ou seja, as perguntas dos inquisidores mostraram com clareza o impacto político da teoria freireana. Elencamos dez perguntas que foram feitas a Paulo Freire.

1. O que sabe sobre o ponto de vista doutrinário de autores como Montessori, Decroly, Kilpatrick?
2. Pode precisar em que se baseou o Método de Alfabetização dos soldados norte-americanos desde 1941?
3. Pode precisar sobre alfabetização do exército brasileiro?
4. Quais as deficiências do método de alfabetização do exército brasileiro?
5. É verdadeiro que seu método nunca foi apenas de alfabetizar?
6. O que entende por alfabetização e reflexão?
7. Qual a diferença entre seus métodos de alfabetização e os cursos básicos de marxismo realizados no Recife?
8. As situações sociológicas apresentadas estavam associadas à alfabetização, à conscientização e à politização?
9. Desconhece ou nega a satisfação dos comunistas com seus trabalhos no nordeste do Brasil?
10. Nega que no início da alfabetização em Angicos havia 10% de **marxistas** e depois de 60 dias havia 30% de marxistas? (TERMOS DE PERGUNTAS AO INDICIADO, 1964. Grifo nosso).

Aos dezesseis dias do mês de setembro de 1964, na cidade de Recife, diante do Tenente-coronel Hélio Ibiapina Lima, Paulo Freire novamente foi acusado de subversivo e comunista. Neste terceiro documento, encontramos perguntas mais embaraçosas.

1. Você tem dúvida da legitimidade do Governo Castelo Branco? 2. Pretende incrementar o **movimento comunista** no Brasil em um movimento de contrarrevolução? 3. Considera legal um governo que permitia a organização de subversão direta como o Grupo dos Onze? Ou ainda que não detivesse movimentos subversivos de qualquer espécie? 4. Está disposto a combater pelas armas em favor do **comunismo**? Reconhece os objetivos **subversivos e comunitizantes**? (AÇÃO PENAL SUPERIOR TRIBUNAL MILITAR CONTRA PAULO FREIRE E OUTROS, 1964. **Grifo nosso**).

Paulo Freire esclareceu que sua preocupação jamais foi a de apenas alfabetizar, sua preocupação foi, sobretudo educar. Defendeu um marxismo da liberdade na obra educativa, que considere as individualidades e se distancie de regimes totalitários como o nazismo e o fascismo e disse que não há opção sem liberdade de escolha. Outra coisa importante que Paulo Freire disse foi nunca ter se apropriado de patente ou Royalties de seu método de alfabetização. (TERMOS DE PERGUNTAS AO INDICIADO, 1964).

Em um segundo documento datado do ano de 1965 com o título: *Promoção da Subversão na Universidade do Recife* houve o depoimento de Amado Menna Barreto Júnior (funcionário público pertencente ao Ministério de Educação e Cultura). O depoente afirmou que as atividades subversivas aumentaram a partir da alfabetização empregada por Paulo Freire, e que esse método pode ser perfeitamente relacionado com as ações do movimento revolucionário comunista. (BOLETIM UNIFREIRE, 2017).

Na Página 11, citamos a subversão de tio Vonibaldo e a acusação de pertencer ao Grupo dos Onze. Na Ação Penal Superior Tribunal Militar Contra Paulo Freire e Outros (1964) houve uma acusação a Paulo Freire por participar e divulgar o Grupo dirigido por Leonel Brizola. Paulo Freire negou a acusação, mas há que se ter prudência na análise, pois, Freire foi interrogado na prisão sobre aproximações com Leonel Brizola, e nessas condições pode ter omitido algumas coisas.

Vamos incorporar ao nosso texto, mais um subversivo, Leonel Brizola, um dos indivíduos mais temidos pela ditadura militar brasileira. Também foi acusado de comunista na tentativa de uma campanha de legalidade contra a ditadura militar. Brizola tinha um discurso inflamado de vínculo nacionalista. Seu nome foi uns dos primeiros a constar da lista de cassação no Ato Institucional nº 1, de 1965. Em seu exílio no Uruguai iniciou a organização de um grupo de exilados iniciando a Movimento Nacionalista Revolucionário, assinando o Pacto de Montevideu que originou a Frente Popular de Libertação, ambos os grupos imbuídos de iniciar a luta armada no Brasil. Assim surge o Grupo dos Onze, onde Paulo Freire foi acusado de participação, e, tio Vonibaldo respondeu um processo militar.

Já que estamos falando em subversivos e o encontro entre eles, como Paulo Freire “encontrou-se” com Marx?

Eu fui aos mangues do Recife, aos córregos do Recife, às zonas rurais de Pernambuco trabalhar com os camponeses, as camponesas e os favelados e confesso sem choramingas, que fui até lá movido por um Cristo, certa lealdade a um Cristo, com quem eu era mais ou menos camarada, mas quando chego lá, a realidade dura do favelado, do camponês e sua negação do seu ser como gente, a tendência àquela adaptação, aquele estado inerte diante da negação da liberdade, aquilo tudo me remeteu a Marx. Não foram os camponeses que me disseram para ler Marx, foi a realidade que me levou a Marx, e eu fui a Marx. Muitos jornalistas não me entenderam porque quanto mais eu li Marx, tanto mais eu encontrei uma certa fundamentação objetiva para continuar camarada de Cristo. As leituras que fiz de Marx não me impediram de encontrar Cristo nas esquinas das favelas, eu fiquei com Marx na mundanidade a procura de Cristo na Transcendentalidade (FREIRE, 2007).

Assim vamos nos reportar à Página 19, onde colocamos Jesus Cristo como um subversivo, e, neste momento mostramos que para Paulo Freire é possível ser um cristão marxista. Temos que olhar, evidentemente para o contexto dos anos 1970 e para o movimento da Teologia da Libertação. Na Tese 05 apresentaremos mais detalhes sobre Paulo Freire e Teoria da Libertação.

Nossa pretensão é dizer que Paulo Freire foi um marxista cristão, mas qual o comportamento intelectual e prático de um Marxista? Jean Lacroix (1964) nos chama atenção para o fato de que é impossível um pensador puramente intelectual e filosófico apenas do marxismo. É impossível compreender o comunismo sem adentrar nas fileiras do partido. O marxismo, antes de qualquer coisa, é a destruição da atitude filosófica, ou seja, da atitude contemplativa. O homem marxista é homem do trabalho e do combate. (LACROIX, 1964, pp. 12-13).

Não vamos avançar nas críticas que Paulo Freire sofreu dos marxistas ortodoxos no Brasil, apenas reforçar que muitos deles não se “molharam na argila da revolução”. Entre muitos deles a solidariedade não prevalece sobre o individualismo.

Jaílson Mafra e Carlos Camacho fizeram estudo do cenário de Paulo Freire no Chile e uma interpretação da obra Extensão ou Comunicação e concluíram que há correspondência entre Materialismo Dialético e a Teoria Freireana em especial nos conceitos de totalidade e dialética. Nos dois casos, o paradigma é revolucionário, pois, pode servir de instrumento às classes socialmente revolucionárias. Ambos consideram a historicidade e a compreensão da opressão das classes dominantes que humilham os

trabalhadores oprimidos. No Chile, nessa direção, Paulo Freire foi o “agrônomo-educador”, em comunhão com os camponeses, compreendendo as condições materiais daquela sociedade. A concepção crítica permitiu o desenvolvimento de uma capacitação técnica em consonância com a realidade política, econômica, social e cultural. (MAFRA e CAMACHO, 2017).

Assim como Gramsci que ajudou a fundar o Partido Comunista na Itália, Paulo Freire ajudou a fortalecer o Partido Comunista no Chile ficando à esquerda do Partido Democrático Cristão. Esteve com o Movimento de Ação Popular (MAPU) e o Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR). Esteve com os camponeses e ajudou nos assentamentos e criação das cooperativas de camponeses. (WILLIANSO, 1969). Além disso, esteve na alfabetização popular, no sentido amplo, ou seja, uma formação para transformar a realidade. Em Guiné-Bissau esteve com Amílcar Cabral na Revolução e questionou a cultura dos colonizadores imposta aos africanos

No retorno de Paulo Freire ao Brasil, filiou-se ao Partido dos Trabalhadores em 1980. Foi Secretário de Educação da Cidade de São Paulo de 01 de janeiro de 1989 a 27 de maio de 1991. Assumia novamente a administração de um organismo de natureza educacional como já havia ocupado um cargo no Serviço Social da Indústria antes da Ditadura Militar de 1964, sendo que havia sido Coordenador do Programa Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação, quando o ministro da Educação era Paulo de Tarso e o presidente do Brasil João Goulart.

Assim, Paulo Freire é um marxista, tomando como referência o homem marxista como um combatente ao lado de seu povo. Paulo Freire foi um ser social que se faz consciente e não o contrário. Nas condições de pobreza e miséria de seu povo, manteve-se como intelectual orgânico junto dos nossos e encontrou no cristianismo uma aproximação com a teoria marxista.

Em consulta ao Banco de Dados da CAPES (2018) encontramos 351.793 para o descritor Marx e 23.559 citações a Paulo Freire. Este interesse dos pesquisadores brasileiros nos ajuda a fortalecer a relevância desses dois subversivos.

2.3 Nas ditaduras militares o conceito de subversão se contrapõe ao quietismo e ao autoritarismo.

No Acervo Paulo Freire, a partir do descritor quietismo, encontramos duas menções. A primeira está em uma tese de Gonzalo Delgado que trata da Pedagogia da Esperança em Paulo Freire. O quietismo é tratado como inclinação ao “gregarismo”,

típico da massificação, a resistência ao conhecimento novo e a investigação e ao debate, o pouco gosto pela argumentação, a confiança em explicações mágicas. Já o oposto do quietismo é descrito em Paulo Freire como aprofundamento na interpretação dos problemas, uma preocupação com a investigação e argumentação, inclinação ao debate e a humanização como proposta frente a massificação e ao quietismo. (DELGADO, 2009, p. 70).

A outra menção a quietismo encontrada no Acervo Paulo Freire está dissertação de Ana Rafaela Ferreira. A autora fez uma análise das atitudes de contestação e rebeldia dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) que têm correspondência com a educação progressista de Paulo Freire, ou seja, jamais se pode “castrar” a altivez do educando, sua capacidade de opor-se e impor-lhe um quietismo negador de seu ser. (FERREIRA, 2009, p. 138).

Com o descritor autoritarismo, encontramos no Acervo Paulo Freire 77 citações. Em uma olhada rápida e focal, destacamos duas menções, uma do próprio Paulo Freire e outra de Felipe Bley Folly, uma dissertação, intitulada *Direitos Humanos e Educação: Quando a Pedagogia do Outro Subverte o Direito do Mesmo*. Neste caso a escolhemos pelo conceito de subversão presente no título e pelo autor tomar como base de discussão o filósofo argentino Enrique Dussel. (ACERVO PAULO FREIRE, 2017).

Na Página 26, citamos a filosofia latina de Enrique Dussel como um jeito particular de ver o mundo. Felipe Bley Folly coloca Dussel e Freire como defensores de um compromisso libertador, com esperança nas lutas concretas dos direitos humanos em um momento de dominação do centro (Europa e EUA) sobre a periferia. Há um desvio do Estado em sua obediência justa à comunidade, transformando-se em opressor do povo. (FOLLY, 2011).

Em 1961, ao comentar sobre a escola primária no Brasil, Paulo Freire apresentou as questões do quietismo e da alienação.

Nas sociedades que se desalienam, pelo contrário, a tendência é para a substituição da desesperança, dos idealismos utópicos, pela esperança, pelo otimismo sadio e realista. Uma sociedade que se desaliena é otimista porque, começando a conhecer-se a si mesma nas suas limitações e nas suas possibilidades, é capaz de saber o que pode e o que deve fazer. Seu otimismo é crítico, porque integrado em suas verdadeiras condições. É atuante. Dinâmico. Repele posições **quietistas**, característica de sociedades alienadas. E é exatamente esse **antiquietismo** que leva essas sociedades – as que entram em processo de desalinação – a outra substituição (FREIRE, 1961, p. 16).

Em 1963, Paulo Freire diz que a posição do povo naquele cenário de trânsito no Brasil não era mais de simples expectador tangido pelas elites, quer participar e decidir. (FREIRE, 1963).

Na Ditadura Militar Brasileira, uma das formas de entender o autoritarismo e o quietismo foi a censura prévia. Nesse caso, Sandra Reimão investigou documentos e a legislação da censura. Dentre os livros proibidos no Brasil citamos: (a) Feliz ano novo de Rubens Fonseca; (b) Zero de Ignácio Loyola de Brandão; (c) Dez Estórias Imortais de Agnaldo Silva. Estes livros foram censurados após processos de denúncias. Ainda foram queimadas obras de Eça de Queiroz, Sartre e Graciliano Ramos e os de **conotação marxista como os livros de Paulo Freire** que foram proibidos por se tratarem de orientação marxista. As ações “destrambelhadas” atingiram o nível do folclore, como a apreensão na Feira de Niterói, de exemplares da encíclica *Mater et magistra* (Mãe e Mestra) de João XXIII. (REIMÃO, 2011, p. 14. **Grifo nosso.**).

Paulo Freire fez uma reflexão do autoritarismo associando a discussão ao machismo e ao racismo.

O poder expressa-se autoritariamente também através da questão racial, do poder da chamada raça branca, que se considera melhor. O Brasil é uma sociedade profundamente racista. Mas dá impressão de democracia étnica. Isto é pior, pois demonstra que no Brasil há o poder do macho. Eu, é claro, sou homem e confesso que gosto muito de ser, mas uma coisa que eu não aceito é exatamente a exacerbação do poder, é o autoritarismo que a ideologia machista expressa nas relações dos homens com as mulheres nesse país (FREIRE, 2002, p. 130 – 131)

Paulo Freire associou de maneira particular as questões de sintaxe, ou seja, concordância da língua portuguesa com a ideologia. Assim tratou do machismo e do racismo, sustentando que há ideologia por trás da linguagem e da sintaxe e nos brindou com dois exemplos: (a) quando dizemos “Maria é pretinha, mas formidável”, utilizamos um diminutivo para Maria e uma negação que é o “mas”; (b) toda concordância em geral fazemos no masculino, assim dizemos homens para dizer homens e mulheres, professores para dizer professoras e professores. Será que quando dizemos mulheres, os homens sentem-se inclusos. (FREIRE, 2002).

Em *Extensão ou Comunicação*, Paulo Freire sustenta que o autoritarismo não está necessariamente associado às repressões físicas. Ao tratar sobre trabalhos extensionistas da universidade no Chile advertiu que o autoritarismo está presente no

argumento da autoridade, ou seja, faça isso porque a técnica diz que é assim, não há o que discordar, mas sim que aplicar. (FREIRE 1983).

Em *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire, nos mostra que devemos superar o autoritarismo do educador bancário,

[...] e isto nos leva, de um lado, à crítica e à recusa ao bancário, de outro, a compreender que, apesar dele, o educando a ele submetido não está fadado a fenecer; em que pese o ensino bancário, que deforma a necessária criatividade do educando e do educador, o educando a ele sujeitado pode, não por causa do conteúdo cujo conhecimento lhe foi transferido, mas por causa do processo mesmo de aprender, dar, como se diz na linguagem popular a volta por cima e superar o autoritarismo e o erro epistemológico do bancarismo [...]. O autoritarismo dos pais e mestres se desvela cada vez mais aos jovens como antagonismo à sua liberdade. Na verdade, há algo mais profundo. Na sua rebelião, o que a juventude denuncia e condena é o modelo injusto da sociedade dominadora. Essa rebelião, contudo, com o caráter que tem, é muito recente. O caráter autoritário perdura (FREIRE, 2014, pp. 44 e 87).

Em *Medo e Ousadia*, Paulo Freire fez uma reflexão mais aprofundada da licenciosidade e do autoritarismo. A primeira mostrou que se o lado da liberdade na dialética não atende à autoridade, então temos a licenciosidade. Por outro lado, quando se nega a liberdade temos o autoritarismo. Os professores e administradores impõem aos alunos um currículo oficial, e estes agem com resistência. Produz-se uma crise e os próprios alunos tornam-se culpados pelo fracasso. (FREIRE e SHOR, 1986).

Por fim, na *Pedagogia da Pergunta*, Paulo Freire e o chileno Antonio Faundez discutem uma proposta de educação contra o quietismo e o autoritarismo.

O autoritarismo que corta as nossas experiências educativas inibe, quando não reprime, a capacidade de perguntar. A natureza desafiadora da pergunta tende a ser considerada, na atmosfera autoritária, como provocação à autoridade. E, mesmo quando isto não ocorra explicitamente, a experiência termina por sugerir que perguntar nem sempre é cômodo. Uma das exigências que sempre fizemos, Elza e eu, a nós mesmos em face de nossas relações com as filhas e os filhos, era a de jamais negar-lhes respostas às suas perguntas. Não importa com quem estivéssemos, parávamos a conversa para atender à curiosidade de um deles ou de uma delas. Só depois de testemunhar o nosso respeito a seu direito de perguntar é que chamávamos a atenção necessária para a presença da pessoa ou das pessoas com quem falávamos. Creio que, na tenra idade, começamos a negação autoritária da curiosidade com os “mas que tanta pergunta, menino”; “cale-se, seu pai está ocupado”; “vá dormir, deixe a pergunta pra amanhã” (FREIRE e FAUNDEZ, 1985, p. 24).

Assim, por dedução lógica, com documentos e bibliografias, mostramos que se a subversão se contrapõe ao quietismo e o quietismo se contrapõe ao autoritarismo, sento assim a subversão se contrapõe ao autoritarismo.

2.4 A teoria freireana serviu de guia e expressão de uma prática subversiva no Brasil e na Argentina nos vieses político e pedagógico.

Vamos priorizar neste momento de defesa da Tese 03, dos aspectos da subversão na argentina e como a teoria freireana serviu de expressão e guia da prática nos vieses político e pedagógico.

Sobre a relação de Paulo Freire com a Argentina, em primeiro de julho de 1964, no Brasil, no termo de perguntas ao indiciado, houve uma provocação em relação ao peronismo.

Perguntado se reconhece que o seu suposto método, mesmo na parte de conscientização e politização, não contém originalidade face aos métodos usados por Hitler, Mussolini, Stalin e **Perón** que tentou estabelecer através de seus representantes na Conferência Internacional de Educação em Punta Del Leste, respondeu que jamais o depoente poderia reconhecer qualquer semelhança, até longínqua, entre seu trabalho e métodos empregados por Hitler, Mussolini, Stalin e Perón (FREIRE, 1964, p. 11. **Grifo nosso.**).

Como já dissemos, há que se ter cautela das negativas de Paulo Freire nos interrogatórios. É preciso entender nas entrelinhas a pergunta em relação ao peronismo. Perón foi declarado inimigo da ditadura militar argentina, nesse caso, qualquer aproximação com o peronismo seria uma afronta à Ditadura Militar, esse é o viés da pergunta do inquisidor. Ele queria saber se Freire estava próximo teoricamente do peronismo e por correlação, contra a ditadura.

Pelo visto, dada às condições, Paulo Freire teve que negar o envolvimento, diante do direito de não produzir provas contra si mesmo. É relevante dizer que Paulo Freire foi um advogado, mas, como sujeito da práxis preferiu exilar-se a continuar omitindo a sua participação. Para nós Paulo Freire ao exílio é prova de “culpa” pelos opressores da época e prova de sua subversão em nosso estudo.

Vejamos o que Paulo Freire disse na Argentina. Vamos nos reportar ao 92º e 94º parágrafos onde Paulo Freire confidencia todo o seu respeito pela cultura argentina em especial ao Tango como expressão subversiva e “maneira mais bonita de falar castelhano na Argentina”.

Vamos fazer uma análise do discurso de Paulo Freire no Centro Cultural General San Martin na Cidade de Buenos Aires, no dia 21 de junho de 1985. Três questões nos chamaram a atenção no discurso: (a) a referência de Paulo Freire a Dr. Taiana e ao Professor Puiggrós; (b) ao comentar seus livros queimados na Argentina; (c) ao confessar ter estado com jovens que estão desaparecidos.

Naqueles dias conheci muita gente e tive conversas com Dr. Taiana e outros intelectuais que conheci pessoalmente, mas já os conhecia por seus trabalhos. Recordo de um deles, o Professor Puiggrós, em cuja casa estive e com quem devotei horas conversando, uma impressão que não esqueço por sua seriedade intelectual e profundidade de análise. Faço nesta noite uma homenagem ao falecido Prof. Puiggrós [...]. Nesta noite confirmo minha amizade e solidariedade com Buenos Aires e com a Argentina, que é mesma quando soube que meus livros haviam sido sacados das livrarias e bibliotecas deste país para serem queimados. Inclusive recebi recortes de periódicos em que comunicavam a notícia de proibição oficial de meus livros. Quando em Genebra uma filha nossa nos enviou um artigo eu disse a Elza, minha esposa, isso termina de me convencer que sou realmente perigoso [...]. Um dia recebi um convite do Dr. Taiana, ele era o ministro daquela época. O convite foi feito por uma pessoa que tenho a honra de mencionar, aqui, em público. O Ministro cumpriu as exigências e me recordo com reuniões com reitores e jovens das universidades que começam a fazer a revolução e que muitos desses jovens perderam-se nas tremendas noites de violência da América Latina. Recordo deles com saudades (FREIRE, 1985).

É patente que a presença de Paulo Freire na Argentina demonstra que sua teoria foi expressão da prática, ou seja, do governo peronista representado pelo Ministro Dr. Taiana, os reitores das universidades. Que prática era esta? Da transformação social e da revolução. A teoria de Paulo Freire também serviu de guia da prática, ou seja, dar rumos àquilo que os argentinos estavam vivenciando.

Ao lado de quem Paulo Freire estava? Ao lado de Rodolfo Puiggrós. No Governo de Cámpora em 1973, Puiggrós foi reitor da Universidade de Buenos Aires (UBA) e no final dos anos oitenta, integrante do Movimento Peronista Montonero. Foi um peronista marxista. Seu filho Sergio Puiggrós passou a clandestinidade como comandante Montonero e morreu a tiros contra o exército em junho de 1976. Sua filha Adriana Puiggrós também foi militante peronista e ativista na UBA (FRIEDMANN, 2014).

Adriana Puiggrós reforçou que se reuniu com Paulo Freire em 1974 quando Perón estava no terceiro governo depois de retornar do exílio, mas o peronismo tinha divisões internas e no discurso. Paulo Freire alinhou-se aos peronistas de esquerda. A

Universidade de Buenos Aires era gerida por um grupo peronista radical e Adriana Puiggrós dirigia o Curso de Artes. O grupo dirigente da UBA tinha aproximação com a Teologia da Libertação e o Ministro da Educação convidou Paulo Freire para falar aos líderes universitários e disse estar interessado em aprender sobre o Projeto Nacional de Democracia Popular. Paulo Freire estava preocupado especialmente com a educação de adultos na Argentina e os projetos populares de alfabetização. (PUIGROSS, 19??) ²⁶.

Adriana Puiggrós deu um “sentido latino-americano” à teoria freireana. Fez uma aproximação do desenvolvimento pedagógico latino-americano, desde Simón Rodríguez até Paulo Freire. O venezuelano de influência em toda América Latina trabalhava com negros, pobres e índios. Rodríguez foi o mentor de Simón Bolívar. Paulo Freire é comparado com Simón Rodríguez pela ideia de abordar uma educação popular e latino-americana. Fazem rupturas com discurso pessimistas de poder educar o povo. A diferença entre eles é que Rodríguez foi um liberal provavelmente ateu enquanto Freire foi um católico devoto. (PUIGGRÓS, 2006).

Estamos dialogando com Adriana Puiggrós para saber o que Paulo Freire disse na Argentina. Peter McLaren perguntou à Ariana Puiggrós: Qual a maior contribuição de Paulo Freire na Argentina? E a resposta foi que há duas dificuldades: a primeira é de tradução e de interpretação do que Paulo Freire disse e a segunda é a crise da pedagogia moderna. A contribuição de Freire na Argentina está em romper com o mito da neutralidade na educação, uma prática anticolonialista e uma aproximação com a pedagogia da libertação e ao conceito de “povo” como classe social. (MCLAREN, 19??).

Em uma mensagem pessoal no dia 09 de novembro de 2017, conversamos com Adriana Puiggrós por uma rede social. Ela nos disse que a obra de Paulo Freire, ou seja, o que ele disse na Argentina tem muita relevância na formação dos docentes argentinos. Nem sempre isso é parte do currículo oficial, mas se difunde especialmente por vias sindicais. Em muitos casos não se têm lido as obras de Paulo Freire, mas os conceitos freireanos centrais são entendidos. (PUIGGRÓS, 2017. **Mensagem pessoal**).

Em 1984, em discurso na Argentina, Paulo Freire argumentou sobre a Pedagogia da Pergunta que em geral desafia aos professores que têm as perguntas, mas não aceitam as questões dos alunos. Há necessidade de uma coerência entre o discurso e a

²⁶ Tradução nossa do texto: **An interview with Adriana Puiggrós of Argentina: the dilemmas of Latin American educational systems and the work of Paulo Freire**. A entrevista não tem data definida, mas a legitimidade está em pertencer ao Arquivo Paulo Freire,

prática, por exemplo, “não posso proclamar minha opção de sociedade socialista, participativa da classe trabalhadora e ao mesmo tempo perguntar a um aluno que me crítica: você sabe quem eu sou?” (FREIRE, 1989, p. 1).

Em 1989 o Periódico, *Página 12*, na Argentina, apresentou as ideias de Paulo Freire que encontraram sentido na Argentina. O que Paulo Freire dizia na Argentina fez com que seus livros fossem proibidos. Ao comentar sua ação na Secretaria de Educação em São Paulo, Freire disse que aceitou o desafio porque não queria ser lembrado como criador de um método de alfabetização e que não teria aceitado a oportunidade de colocar suas ideias em prática. (FREIRE, 1989).

Em 06 de Setembro de 1993, na Universidade de Buenos Aires (UBA), Paulo Freire proferiu a Palestra: *Ideais e Mitos do Final do Século XX*. Discorreu sobre os conceitos de oprimido, opressor e utopia para América Latina e em especial aos argentinos. Disse que o conceito é uma tentativa de abstrair a realidade concreta e que não é possível abstrair uma realidade sem estar ancorada no concreto.

Assim, para o conceito de oprimido não mais existir, não teríamos que ter mais oprimidos e para que o conceito de opressor não existisse mais, os Estados Unidos da América do Norte não poderiam mais existir. Dizer que não há classe social é não sair nas ruas, é não viajar em avião de segunda classe ou vestir um tipo de jaqueta. O que me parece é que os oprimidos estão aí, os opressores estão aí, e a necessidade de sonhar. Sonhar é ontológico, é natureza do ser humano (FREIRE, 1993).

Paulo Freire questionou o discurso neoliberal de que não há mais história e nem classes sociais. O sonho socialista não morreu o que morreu foi o socialismo autoritário. Mostrou o caso norte-americano de pobres do terceiro mundo no próprio país. Não é possível cair na armadilha e parar de pelear. Não podemos acreditar que o capitalismo irá criar uma nova ética. Temos que instigar a curiosidade epistemológica. É insistir que não há projeto pedagógico sem um sentido de sobrevivência popular, uma organização, uma cooperativa etc. Não posso chegar ao Nordeste do Brasil e falar epistemologicamente da fome quando um homem me olha e pede um pão. Se eu disser: não, ele me diz que vá para o inferno com sua epistemologia. (FREIRE, 1993).

No mesmo ano, Paulo Freire reuniu-se com Alfredo Moffatt no Centro de Estudantes de Psicologia Social de Buenos Aires. Alfredo Moffatt apresentou o seu trabalho intitulado *Psicoterapia do Oprimido* onde afirmou que há um grande “buraco”, que é a angústia em relação à morte, e, nas classes populares, agravada pelas condições mínimas de existência. Segundo Moffatt, há “rolhas” para tapar os buracos, que são a

igreja católica, a evangélica etc. Importa menos se as rolhas são verdadeiras, mas sim que o buraco é verdadeiro. O povo sempre se utilizou de suas próprias psicoterapias. A psicoterapia oficial não funciona porque é da classe média para cima, e os pobres não têm esse acesso. Então “as rolhas” permitem aos pobres que possam falar. No caso dos sanatórios, muitos estão ali mais por colonização ideológica do que loucura em si. (FREIRE e MOFFATT, 1993).

Alfredo Moffatt escreveu em 1974, *Psicoterapia do Oprimido* onde mostra o aprimoramento de trabalhos de terapia com comunidades populares. Foi alvo dos governos militares e no período de democracia foi chamado ao Brasil para conferências de saúde mental, inclusive com Paulo Freire. Seu livro é quase um homônimo de *Pedagogia do Oprimido*, e, expressa a admiração de Moffatt a Paulo Freire e vice-versa. (SANTOS, 2016).

Em *Psicoterapia do Oprimido* fica patente a influência da teoria freireana relida por Moffatt e “traduzida” aos argentinos. É um livro de psicoterapia popular que estuda as formas de expressão popular como o tango, traz a problemática da injustiça e opressão popular e o sistema de poder. Uma análise dos oprimidos que estão nos sistemas de manicômios argentinos. A metodologia consistiu em partilhar os temores, a saúde mental vai do resgate da identidade pessoal do paciente, negada e degradada em hospícios que fabricam os “profissionais da loucura”. (MOFFATT, 1974, p. 9).

Voltamos ao encontro de Paulo Freire com Alfredo Moffatt na Argentina em 1993 para ver o que Freire disse aos argentinos em especial no diálogo com Moffatt. A crise e o momento tenso, são em geral produzidos pelos dominantes, não é obra de Deus ou do Diabo, é histórica de aqui e de agora, de brasileiros e de argentinos, é uma convivência de denúncia e anúncio. Há duas possibilidades, uma do imobilismo e determinismo e outra da luta para transformar, a gana de cambiar. Em geral os dominantes buscam criar obstáculos à identidade local e cultural e a memória que torna as pessoas perdidas em seu tempo e em seu contexto. Há muita coerência entre Paulo e Alfredo tanto na teoria como na prática. Em seu discurso Alfredo Moffatt lembra que criou em 1982, a Organização não Governamental Bancadero de assistência grupal e individual, uma cooperativa de ajuda psicológica para compartilhar angústias e sofrimentos, como também êxitos e alegrias, assim como Paulo Freire fez nos círculos de cultura. (FREIRE e MOFFATT, 1993).

Em 16 e 17 de agosto de 1993, na Universidad Nacional de San Luis na Argentina, Paulo Freire recebeu a entrega do prêmio Doutor *Honoris Causa*. O

auditório recebeu 2500 estudantes para um seminário onde disse: (a) sigo sendo um homem da esquerda; (b) a crise não é só da educação, mas de toda sociedade capitalista; (c) temos que lutar como brasileiros e argentinos para que o Estado Burguês cumpra seu dever com a educação. (GADOTTI, 1996).

2.5 O que os argentinos disseram sobre Paulo Freire.

Depois de verificarmos o que Paulo Freire disse na Argentina vamos apresentar o que os argentinos disseram sobre Paulo Freire, desde os mais notórios do país até meus colegas professores argentinos da fronteira.

A Folha de São Paulo, em 25 de maio de 2015, publicou reportagem sobre a audiência particular entre o Papa Francisco e a viúva de Paulo Freire, Ana Maria Araújo Freire. Papa Francisco disse ter lido *Pedagogia do Oprimido* e Anita entregou uma caixa com livros de Paulo Freire e pediu ao pontífice que abrisse os arquivos do Vaticano onde estão as cartas de Paulo Freire sobre Teologia da Libertação e podem revelar a influência de Paulo Freire no papado de Paulo VI. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2015),

Podemos inferir aqui que há um respeito de um grande argentino, Papa Francisco, ao trabalho de Paulo Freire. Confirmamos pela recepção dada à Anita, por ter citado os livros de Freire e comungar de algumas ideias, segundo Anita. A corrente de origem latino-americana que defende uma igreja voltada aos pobres, sempre próxima do marxismo, assim como Freire, voltou a ter acesso ao Vaticano com a chegada de Francisco ao poder. A mesma ideologia foi perseguida no papado de João Paulo II entre 1978 e 2005. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2015).

Em 1993, outro argentino brilhante, Alfredo Moffatt, defendeu abertamente o nome de Paulo Freire para o Prêmio Nobel da Paz. (FREIRE e MOFFAT, 1993). Carlos Alberto Torres, outro argentino notório, em 1995, também participou de um movimento no Brasil e na Argentina para que o Professor Paulo Freire recebesse tal honraria pelo conjunto da obra. Em resposta, o Comitê Nobel Noruego diz que recebeu e registrou 118 candidatos para a premiação. (GADOTTI, 1996, p. 254). Em 1995, o laureado foi Joseph Rotblat, cientista e ativista contra armas por seus esforços para diminuir o papel das armas nucleares na política internacional e, no longo prazo, para eliminar estas armas.

Estamos falando em Prêmio Nobel da Paz, para mostrar que Paulo Freire, esteve em condições de tal honraria. Em 1980, o laureado foi o Argentino Adolfo Pérez Esquivel por seu trabalho em defesa dos direitos humanos. Em entrevista ao *La*

Pulseada, Pères Esquivel chamou Paulo Freire de amigo por quem tem enorme admiração em especial, como referência em centros de educação para gerar consciência crítica, a relação entre educador e educando e a formação para o trabalho docente. (BERNARDO, 2010).

Na mesma direção, Carlos Alberto Torres, diretor do Latin American Center da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), esclareceu sobre a influência de Paulo Freire: “Por isso, hoje, em pedagogia, pode-se estar com Freire ou contra Freire, mas não sem Freire”. (TORRES, 2003, p. 8).

Vamos agora a algumas conclusões sobre a influência de Paulo Freire na Argentina a partir do que disseram “professores comuns”, ou seja, professores de sala de aula com quem conversamos a partir de 2010. Chamamos isso de Pedagogia do Encontro e Pedagogia da Conversa.

Em 2012, estive na Universidade Nacional de Misiones em Posadas e conversei com os Hernán Carnazziga e Miguel Ángel Franco, que atuam no campo da História da Universidade e confirmaram que Paulo Freire é o principal autor brasileiro no campo da Pedagogia, utilizado pelos movimentos de esquerda na Argentina.

Ainda em Posadas em 2012, estive no Instituto Antonio Ruy Montoya com a Professora e historiadora Maria Angélica Amable. Conversamos sobre a História da Educação Argentina e ela confirmou a influência de Paulo Freire, em especial, não pela teoria completa, mas os principais conceitos do autor são ainda discutidos na História da Educação e na Pedagogia na Argentina.

Figura 06: Conversa com Professores do Instituto Antonio Ruy Montoya.



Fonte: O próprio autor, 2012.

Temos uma relação muito próxima com Graziela Franzen, nos últimos quatro conversamos muito. Graziela que aparece na figura abaixo com uma fotografia do irmão morto pela Ditadura Militar Argentina foi presa e exilada.

Figura 07: Com Graziela Franzen e militantes peronistas em Chaco na Argentina.



Fonte: O próprio autor, 2016.

Graziela nos contou sobre sua militância no peronismo e sua origem no movimento da juventude católica, onde leram fragmentos da obra de Paulo Freire. em 2015 e 2016 estivemos em algumas mobilizações em memória dos desaparecidos políticos na Ditadura Militar e ouvimos muitas histórias das famílias que buscam ainda informações sobre os seus mortos.

Em 2016, juntamente com o Professor Jonas, do Brasil, gravamos entrevistas com professores da Escuela Normal Superior N° 12 de Bernardo De Irigoyen na Fronteira do Brasil com a Argentina.

Figura 08: Entrevista com professores da Escuela Normal Superior n° 12.



Fonte: O próprio autor, 2016.

O depoimento dos professores confirma que a Teoria de Paulo Freire circulou na Argentina, foi apropriada pelos educadores, em especial os progressistas e do campo político da esquerda. Além disso, Paulo Freire, é um clássico hoje entre os professores argentinos, de forma que é o autor brasileiro de maior referência no campo da pedagogia naquele país.

2.6 O que os documentos dizem da subversividade de Paulo Freire na Argentina.

Vamos a definição dada para subversão pelos militares argentinos em 1978.

Subversão é toda ação clandestina ou aberta, insidiosa ou violenta que busca alteração ou destruição dos critérios morais e a forma de vida de um povo, com a finalidade de tomar o poder e impor uma nova forma de governo com valores diferentes. É uma ordem político-ideológica dirigida a vulnerar a ordem político-administrativa. A subversão afeta todos os campos da nação, em especial o âmbito educativo (ARGENTINA, 1997, p. 17).

O conceito de subversão estava intimamente ligado ao conceito de marxismo ou comunismo. Os livros de Paulo Freire foram proibidos. Vejamos a explicação.

A obra do autor Paulo Freire serve como meio para penetração da ideologia marxista nos âmbitos educativos. A metodologia utilizada é manifestamente tendenciosa. As fontes inspiradoras do pensamento de Paulo Freire são de inspiração marxista. Os professores em todas as instâncias não utilizarão e nem recomendarão os livros de Paulo Freire. Os docentes da área de educação de adultos não aplicarão nem a fundamentação e nem a metodologia proposta pelo autor (ARGENTINA, 1978).

Foram proibidos os livros de Paulo Freire: (a) La educación como práctica de la libertad; (b) Pedagogía del oprimido; (c) Acción cultural para la libertad; (d) Concientización, teoría e práctica de la liberación; (e) Las iglesias, la educación e el proceso de liberación humana en la historia. As publicações citadas foram excluídas das bibliografias de todas as bibliotecas e instituições de formação de docentes (ARGENTINA, 1978).

A proibição de livros de Paulo Freire teve uma especificidade, os livros desapareceram das bibliotecas, estavam nos fichários, mas sumiram das prateleiras (as autoridades escolares foram forçadas a dar fim às obras de Freire). Quem era flagrado lendo Paulo Freire, era considerado subversivo. Desapareciam as obras de Paulo Freire e provavelmente alguns que leram as obras de Paulo Freire. Não existia uma lista de

livros proibidos, mas de permitidos. Em resumo se as bibliografias não estavam na lista dos livros permitidos eram considerados subversivos. A categoria que permitia o uso dos livros era de “livros sugeridos” ou “livros permitidos”. Para a lógica da ditadura todo feito social era um feito político, todo feito político era subversivo e tudo que era subversivo deveria ser reprimido. (PINEAU, 2011. Entrevista ao Ministério da Educação Argentina).

O General Albano Harguindeguy, em 1978, ao justificar a proibição dos livros de Paulo Freire afirmou que eram meios de penetração da ideologia marxista. As fontes de Paulo Freire, mas também os modelos e exemplos. Atentariam contra a sociedade ocidental e cristã presente na Argentina. A figura abaixo mostra uma coleção preservada pelo Arquivo da Memória de Córdoba com o título de Biblioteca Proibida. (ARCHIVO PROVINCIAL DE LA MEMÓRIA DE CÓRDOBA, 2012).

Figura 09: Biblioteca Proibida.



Fonte: Argentina, 2012, p. 16.

Destacamos entre os livros do arquivo o primeiro da direita para esquerda, ou seja, *Ação Cultural para Liberdade* de Paulo Freire. Desde o ano de 2007, o Arquivo Provincial da Memória conta com uma exposição permanente na Biblioteca de Livros Proibidos onde se encontram livros censurados, em especial durante a última Ditadura Militar Argentina, entre 1976 e 1983. São livros originais que resistiram à destruição. Por que esta biblioteca foi construída? A prática da leitura em um contexto histórico tem

a poderosa capacidade de ativar o leitor no campo de outras experiências vividas, que tem a ver com o pensamento e a liberdade no período do terrorismo de estado, que atuou sistematicamente na destruição de muitas obras. (ARCHIVO PROVINCIAL DE LA MEMÓRIA DE CÓRDOBA, 2012, p. 5).

Este evento da destruição dos livros de Paulo Freire foi testemunhado por outros professores argentinos como Gabriela Jesús González do Instituto Superior de Formación Docente N° 6- Nivel Terciario da Província de Neuquén.

Em uma oportunidade, três militares se apresentaram em minha escola. Estavam realizando explorações próximas. Quando fui buscar água com Dioli, minha amiga, e retornamos, sobre a mesa estavam meus livros de Paulo Freire e o Capital de Marx. Isso me disse tudo, deixei que falassem, tomavam mate e perguntavam sobre a escola. Com bom trato me explicaram que os livros estavam proibidos. Disse que eram de minha formação, mas me fizeram entender que devia desprender-me deles. Enterrei os livros em uma vala, e não voltei busca-los (ARGENTINA, 2010, p. 169).

Os livros de Paulo Freire foram queimados em um contexto de endurecimento das tratativas da Ditadura Militar Argentina entre 1976 e 1983. Um verdadeiro espetáculo de biblioclastia e bibliofobia. Zeballos (2012) nos ajuda entender de forma quantitativa essa questão. Entre 1973 e 1974 foram lidos em média *per capita* 3,3 livros ao ano na Argentina. Em 1976, cada argentino leu em média um livro por ano. Em 1981, a marca chegou à média de 0,8 livros por habitante. Por consequência houve uma queda na bagagem linguística dos argentinos. Entre 1973 e 1976, cada habitante dominava entre 4000 e 5000 vocábulos e, entre 1976 e 1980 a média caiu para o intervalo entre 1500 e 2000 vocábulos. Reforçamos a correlação entre democracia (ler mais) e ditadura (ler menos). (Manifesto da UNESCO (1994) a favor das bibliotecas públicas *in* ZEBALLOS, 2012).

Vamos tomar alguns exemplos elucidativos do evento da biblioclastia e como os livros de Paulo Freire foram queimados. Em 13 de setembro de 1976, os bibliotecários da Universidade de Córdoba receberam a ordem de retirar todos os exemplares de Hegel, Feurbach, Marx, Engels, Stalin, Lenin, Che Guevara, Lukacs, Bloch, Marcuse, Garaudy, Althusser, **Freire** e qualquer outro de mesmo corte ideológico. Em 30 de agosto de 1980, em terrenos baldios de Sarandi (Argentina), vários caminhões depositaram um milhão e meio de livros e folhetos publicados pelo Centro Editor da América Latina e puseram fogo. (ZEBALLOS, 2013. **Grifo nosso.**).

Figura 10: Queima de livros em Córdoba.



Imágenes de la quema de libros en la ciudad de Córdoba. Archivos de prensa de la época.

Fonte: ARCHIVO PROVINCIAL DE LA MEMÓRIA DE CÓRDOBA (2012, p. 14).

Zeballos (2012, p. 17) nos traz a informação que a queima de livros em Córdoba foi realizada em 29 de abril de 1976, confirmando com uma edição do *Diário La Voz del Interior* em sua edição de 30 de abril de 1976, com a manchete: *incineración de literatura marxista*.

No dia 13 de setembro de 1976 (“presente curioso”, pois é o dia do Bibliotecário na Argentina), na Faculdade de Filosofia e Humanidades de Córdoba o Major Ricardo Romero ordenou mediante a Resolução Decanal Nº 455 a incineração (redução às cinzas) de pelo menos 300 obras, entre elas as de Hegel, Marx, Guevara, Lukacs, Marcuse, Althusser, Paulo Freire, e, “qualquer outra que pertença ao mesmo corte ideológico”. Os bibliotecários foram obrigados a retirar das fichas catalográficas palavras como **vermelho, cuba e revolução**. (RESOLUCIÓN DECANAL 455/76 in ZEBALLOS, 2015. **Grifos meus**).

Aa ações militares na Universidade de Córdoba representou um ataque ao centro cultural (Primeira Universidade Argentina). Frederico Zeballos parte da seguinte hipótese: Na Argentina, em Córdoba, durante o terrorismo de estado (1976 – 1983), do mesmo modo que se executou um plano sistemático de perseguição às pessoas, simultaneamente, em plano simbólico e âmbito cultural, se perpetrou em plano de censura, perseguição, e, destruição bibliográfica. (ZEBALLOS, 2015).

A defesa da tese de Zeballos dá-se por documentos, entrevistas com bibliotecários da época e análise documental. Os números impressionam. Em Córdoba,

são 1100 casos de desaparecidos, das quais 706 tinham entre 16 e 30 anos. Quanto à ocupação ou profissão, 410 casos eram estudantes. Dentre estes 91 pertenciam a Faculdade de Filosofia e Humanidades, 108 com estudos concluídos, e o restante de outras áreas. (ZEBALLOS, 2012).

Uma das coisas que aprendi na Argentina é o respeito à memória e aos mortos. Em muitos eventos as pessoas são chamadas pelo nome. Então optamos a partir de uma lista apresentada por Zeballos (2012, p. 16) recordar os nomes de alunos e ex-alunos da Escola Superior Manuel Belgrano da Universidade de Córdoba que foram assassinados ou estão desaparecidos: Gustavo Daniel Torres (Sequestrado em 11/05/1976 - 16 anos). Oscar Andrés Liñeira (08/07/1976). Graciela Ivonne Vitale (Sequestrada em 13/05/1977 - 17 anos). Daniel Bacchetti (Sequestrado em 13/05/1977 - 17 anos). Silvina Mónica Parodi de Orozco (Estudante de Ciências Econômicas. Ex-aluna. 26/03/1976). Jorge Raúl Nadra (Estudante de Ciências Médicas. Ex-aluno. 03/07/1976). Raúl Alberto Castellano (Estudante de Ciências Econômicas. Ex-aluno. 19/10/1976). Walter Román Magallanes (Sequestrado em 01/12/1976). Pablo Hipólito Schucler (Sequestrado em 28/01/1977). Fernando Alfredo Ávila. (Sequestrado em 24/02/1978). Miguel Ángel Árias (Estudante de Filosofia y Humanidades. Ex – aluno, 29/06/1976) Claudio Luis Román (Apareceu torturado e com queimaduras de cigarros em 27/07/1976 - 16 anos). Diante do contexto, é possível dizer que alguns desses jovens tenham desaparecido, e, que podem ter lido Paulo Freire. A eles dizemos sempre que estão presentes!

Outro exemplo, de biblioteca que foi atacada, pela Ditadura Militar Argentina entre 1976 e 1983, e que continha obras de Paul Paulo Freire, foi a Biblioteca Del Vigil de Rosário. Em 25 de Fevereiro de 1997, um importante grupo armado da polícia de Santa Fé tomou as instalações para uma “intervenção normalizadora”. A instituição contava e se beneficiava de expoentes do pensamento crítico, em especial da filosofia e das artes, alguns deles influenciados por leitores de perspectiva freireana. (GARCIA, 2010, p. 9).

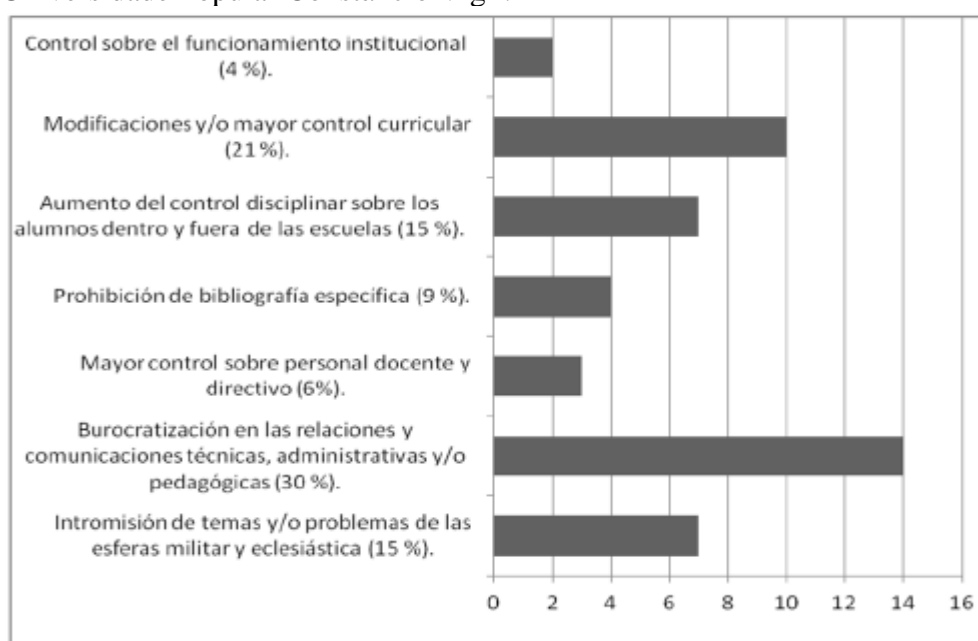
A Biblioteca Del Vigil sofreu intervenção durante a “dantesca biblioclastia”. A instituição contava com mais de 50.000 livros. Foi uma das maiores experiências em educação popular da América Latina. Gestada por gente simples de um bairro de Rosário que com “rifas” contribuía para fortalecer uma educação de excelência onde estavam integradas as diferentes ciências. Era escola do povo, uma pedagogia integrada desde o maternal ao superior com relação com os centros mais desenvolvidos do mundo. Existia material didático de diferentes áreas do conhecimento. Os problemas

econômicos foram uma desculpa, essa vontade dos militares vinha de muito tempo. “A Vigil teve intervenções por questões ideológicas”, um verdadeiro genocídio cultural. (DURI, 2003, YOUTUBE).

Antônia Frutos (2014) foi membro da comissão da Diretiva da “El Vigil” e afirma que esse nome (Vigil) não poderia ser pronunciado na Argentina (1976 – 1983). A Ditadura Militar Argentina o incluiu no rol das palavras “marxistas e apátridas”. (FRUTOS, 2014, Entrevista YOU TUBE). A intervenção em “La Vigil” mostra que as mudanças pedagógicas que se instalaram na Argentina (1976 – 1983) em especial pelo reforço ao trabalho individual do aluno foram um duro golpe à proposta “vigilista”. Os testes psicológicos que a escola realizava serviram de instrumentos aos militares na busca de subversivos, as reuniões foram proibidas, e a bibliofobia militar instituída. (GARCIA, 2013).

Essa forma de intervenção foi recorrente. É possível identificar o que Garcia (2014, p. 6) chama de “militarização educativa”. Por um lado, criam-se os discursos que “podem matar, discursos de verdade e discursos que fazem rir”. A autora toma emprestada essa citação de Foucault (1987) para dizer que o discurso em que os militares justificaram a ocupação da Biblioteca Popular Constâncio Vigil em Rosário – AR está na categoria daqueles que fazem rir. Dentro do “ritual” de ocupação, outro elemento frequente é normatização. A lei busca validar as ações do Estado Burocrático e autoritário.

Figura 11: Percentual e distribuição de normativas em arquivo após ocupação militar na Universidade Popular Constâncio Vigil.



Fonte: (Garcia, 2013, p.8).

As normativas da intervenção militar na Biblioteca Del Vigil buscam aparentar uma neutralidade. Esta burocracia tem um discurso técnico de que a intervenção era contra a má gestão, quando na verdade, buscava fechar uma instituição que tinha na gênese um movimento progressista em educação popular, tanto na gerência como na metodologia de trabalho. Percebemos pelas normativas, o cerceamento de qualquer manifestação popular, uma ojeriza aos militares. Isso veio na contramão da autonomia universitária. Desde março de 1976 emergiu um conjunto documental que começou a circular pela direção, salas de professores, hierarquia burocrática, despachos ministeriais, decretos, disposições, decretos, recomendações e supervisões. (GARCIA, 2014, p. 8).

Reforçamos a circulação e apropriação da teoria de Paulo Freire na Argentina pelos meios de comunicação. Em 16 de Dezembro de 1976, a Revista Gente publicava um editorial sobre Cartas Abertas aos pais.

Hoje a educação de seus filhos não é apenas obrigatória. Também uma responsabilidade. Os tempos mudaram. A escola é um terreno onde **a subversão** tem dirigido suas armas para ganhar neste campo aquilo que não conseguiu lograr com a violência. Este é um toque de atenção. Um chamado à cautela e a reflexão. Uma apelação concreta a sua responsabilidade como mãe ou pai. Leia a carta que segue e depois atue. É para seu bem (ARGENTINA, 2007, p. 25. **Grifo nosso.**).

Paulo Freire foi nominalmente citado na carta aos pais feita pela Ditadura Militar Argentina

Por isso, por tudo isso e muito mais, prudência. Vigilância. Analise as palavras que seu filho aprende todos os dias na escola. Há palavras sonoras, musicais que formam frases cheias de beleza. Porém carregam a chave que o inimigo usa para invadir a mente de seu filho. Certo tom classista nos comentários, a palavra compromisso, a descrição do mundo como de pobres e ricos, a história como uma eterna luta de classes. Por esse trampolim se salta rapidamente da educação bancária (a tradicional, a que conhece hierarquias: o aluno no banco e o professor no estrado) e a educação libertadora que preconizava **Paulo Freire**, um ideólogo de Salvador Allende. Sabe o postula a Educação Libertadora? Eu lhe digo. Nada de hierarquias. Igualdade entre professor e aluno. O mesmo entre o que sabe e o ignorante. Em uma só palavra: anarquia (ARGENTINA, 2007, p. 28. Grifo nosso).

Demonstramos o contexto acusatório e condenatório a Paulo Freire na Argentina, como prova inequívoca que sua teoria, na Argentina, assim como no Brasil,

foi objeto de “ojeriza” pelos governos militares que o descreviam como comunista, marxista, inimigo da nação e da igreja.

2.7 A experiências da aplicação do método Paulo Freire na Argentina: o caso da Campanha de Reativação Educativa de Adultos para a Reconstrução (CREAR).

A Resolução nº 897, do Ministério da Educação Argentina estabelece como Prioridade Nacional a Campanha de Reativação Educativa de Adultos para a Reconstrução (CREAR). O Art. 1º autorizou a

Direção Nacional de Educação do Adulto (DINEA) a outorgar o certificado de alfabetizado dos egressos dos grupos de alfabetização dos Centros de Cultura Popular da CREAR e os egressos de ciclos equivalentes de educação do adulto (ARGENTINA, 1974, p. 2).

Nossa intenção é dizer o que foi a CREAR e comprovar que foi uma campanha subversiva que teve Paulo Freire como referência.

A CREAR foi impulsionada pela Direção Nacional de Educação de Adultos-DINEA, sob os auspícios do governo de reconstrução nacional. Os coordenadores, os quadros técnicos e os alfabetizadores que participaram da formação eram oriundos de distintos espaços de militância política de organizações religiosas, e estudantes que se formaram a partir das primeiras obras de Paulo Freire, em particular Pedagogia do Oprimido. Paula Medela analisou documentos e testemunhas que comprovam isso. (MEDELA, 2013).

Em 2013, por ocasião da comemoração dos 40 anos da CREAR, o Ministro da Educação, Alberto Sileoni, reconheceu os avanços da campanha educativa de 1973, em especial pela aula inaugural que foi realizada por Paulo Freire. Na fala, Orlando Balbo, que foi discípulo de Freire e coordenador da CREAR em Neuquén disse que a campanha propôs alfabetizar no contexto em que a pessoa estava inserida, seu bairro, a igreja. (PÁGINA 12, 2013).

Mesmo em um curto espaço de tempo a CREAR permitiu que se alcançassem as metas propostas como o processo de erradicação do analfabetismo e semialfabetismo por desuso, ações contra deserção escolar, exames de nivelamento etc. Houve avanços na capacitação de alfabetizadores e coordenadores. No entanto, a política justicialista que sucedeu a presidência de Cãmpora, posterior a morte de Perón (1º de julho de 1974 e que levou sua esposa e vice-presidente ao governo) determinou a polarização de

muitas ações da DINEA, incluídas a CREAM com seu extermínio com o Golpe de Estado de Março de 1976. (PEREIRA e FAREM, 2011, p. 20).

Retomamos a descrição do Ministro da Educação, Alberto Sileoni, que nos mostrou que a CREAM tinha um sentido mais amplo que alfabetização, no governo de 1973, que se resumia na formação de uma simples e profunda necessidade de construir o novo homem argentino. Foi breve, mas significativa, as ações foram rápidas e brutalmente truncadas. A educação deveria olhar prá isso, um país com justiça, soberania e liberdade e uma América Unida que destruísse as barreiras do ódio. (SILEONI, 2013).

A CREAM foi uma campanha de alfabetização como outras na América Latina, como uma forma de intervenção do Estado na educação de adultos. Na Argentina, a educação de adultos se institucionalizou em paralelo da consolidação da escola para crianças e tem como marco jurídico a Lei nº 1.420 de 1884 que institui a educação elementar, a alfabetização inicial e os requisitos para exercício da cidadania. Neste sentido, se introduziu reforma na DINEA, o conceito de Currículo-comunidade. Este conceito teve origem nas experiências da CREAM. (TOSOLINI, 2015).

Esta ideia de currículo-comunidade, contexto, palavras geradoras, conscientização, aproximou Paulo Freire da CREAM. A teoria freireana tinha correspondência com a prática ao mesmo tempo em que guiava as ações.

Paulo Freire esteve na CREAM dialogando sobre o método de alfabetização. Algumas categorias explicativas de Paulo Freire se aproximavam das abordagens dos militantes da esquerda peronistas, no entanto havia também contradições. A aproximação dava-se no sentido da necessidade de um novo homem argentino, e a alfabetização como protagonista do processo. Os fundamentos pedagógicos da CREAM estavam em harmonia e articulados com a teoria de Paulo Freire, de igual forma o método de alfabetização e as palavras geradoras tinham correspondência. Os depoimentos também mostram a articulação entre o discurso pedagógico e a política. (NICOLAU, 2016).

Vamos ver como isso é próximo através de algumas palavras geradoras utilizadas pela CREAM em 1973: **Trabalho, Carne, Roupas, Companheiro, Sapato, Filho, Família, Mate, Vizinho, Vila, Campesino, Escola, Hospital, Leite**. (CREAM, 2008). Vamos comentar duas dessas palavras geradoras. No caso de MATE foi apresentada toda a forma de junção silábica com outras possibilidades em “um universo semântico”. No caso de LEITE, nos traz a satisfação de lembrar que no 16º parágrafo,

no PVR, no ano de 2000, também utilizamos esta palavra geradora. Em ambos os casos a problematização gira em torno do alimento, de quem produz, do trabalho etc. Tomamos como elucidativo uma das lâminas utilizadas pela CREAM.

Figura 12: Compañero.



Fonte: CREAM, 2008, p. 262.

Nesta lâmina o objetivo político era refletir sobre a relação entre companheiros para descobrir o verdadeiro companheirismo na solução de problemas comuns. A pergunta era: que tipo de relação há entre homens que se associam para trabalhar? Quem se beneficia do trabalho obreiro? Esta relação entre pobres e ricos também se dá entre as nações? Do ponto de vista semântico os objetivos da leitura-escrita era o ensino da letra Ñ, do grupo MP o CA, QUE, QUI, CI. (CREAR, 2008).

O Material mais elucidativo sobre a CREAM é o vídeo *Uso mis manos, uso mis ideas*, produzido pela produtora Mascaró Producciones, em Villa Obrera, Neuquén, no ano de 2006, com filmagens da CREAM em 1973 e com depoimentos e testemunhos dos envolvidos. Neste material se resgata a imagem da época e a voz dos alfabetizandos e alfabetizadores, as condições de produção de sentidos da alfabetização e a perspectiva política da educação freireana. O material tem um valor histórico inestimável por sua densidade conceitual, sua estética documental e sua força testemunhal. (NICOLAU, 2016, p. 35).

O documento traz o legado de Paulo Freire na Argentina ontem e hoje. Os testemunhos citam Freire no sentido de que quando o sistema se fecha na opressão, deve-se buscar a esperança para romper o círculo de dominação. As imagens da época,

1973, mostram alunos buscando alfabetização com seu universo vocabular, mas mais que isso, discutindo grandes problemas como a falta de água, de moradia. Aprendiam a pensar juntos, os problemas do bairro. (MASCARÓ PRODUCCIONES, 2006).

As palavras geradoras tinham como característica representar uma situação com uma problemática socialmente significativa. Assim, em 1973, algumas palavras expressavam esta situação, como por exemplo, POVO e CHILE. Na CREAM a discussão sobre CHILE era mais que silábica, ou como também pode se escrever CHICO, mas pensar que havia um golpe contra ALLENDE no Chile. (MASCARÓ PRODUCCIONES, 2006).

Os vocábulos utilizados, a forma de metodologia, a pedagogia da esperança, a dissertação de cartas aos pais, um telegrama aos amigos escrito pelos alunos. O respeito ao escutar aos outros. Ao separar as sílabas e as consoantes, havia uma comunicação profunda, de entender e escutar. O assunto era do contexto, as pessoas sabiam que faltava água, e por isso essa palavra tinha sentido. Por isso Paulo Freire fazia todo sentido. (MASCARÓ PRODUCCIONES, 2016).

A partir da CREAM estamos de acordo com duas coisas que reforçam a tese da circulação, apropriação e transformação da realidade a partir da teoria freireana na Argentina. Resumimos isso pelo título da gravação da Mascaró Producciones (2016), *ou seja*, O Legado de Paulo Freire na Argentina: Experiências Ontem e Hoje e reforçamos de forma patente a defesa de Tosolini (2015): “No era solo una campaña de alfabetización”.

A propósito, se uma teoria ainda tem relação e sentido com a realidade ela é retomada e não fica no ostracismo. A teoria de Paulo Freire ainda é clássica, ou seja, o autor permanece na discussão dos educadores argentinos a partir do seu legado. Tomamos como exemplo a Resolução nº 636 de 1997, do Ministério da Educação Argentina, que estabeleceu no Art. 1º o nome de Paulo Freire como Maestro Exemplar que será anualmente, um prêmio solene, às destacadas personalidades da docência na Argentina. “Existe reconhecimento da comunidade latino-americana à vida e à obra de Paulo Freire que o colocam como um dos principais pedagogos do Século XX”. (ARGENTINA, 1997).

Por fim, o Ministério da Educação da Argentina em 2004, em seu Programa Nacional de Alfabetização e Educação Básica para Jovens e Adultos, retomou Paulo Freire, como por exemplo, na não existência de sábios ou ignorantes absolutos, que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, antes de ler o alfabeto, lê-se o expressado

pelo mundo. O documento trouxe recomendações aos alfabetizadores que muito se aproximam da metodologia de alfabetização de Paulo Freire.

Observa-se a lâmina no livro. Faz-se a conversa sobre o tema. Cada um expõe o que sabe sobre o mesmo. O alfabetizador lê a frase, a letra e o grupo consonântico, a nova palavra que se forma. Os alfabetizados observam, lêem e escrevem. Destacam a nova letra. Formam sílabas. Armam palavras [...]. A metodologia de alfabetização diz que o essencial do alfabetizador é respeitar os saberes e a cultura das pessoas adultas (ARGENTINA. 2004, pp. 20 – 21).

Demonstramos que a teoria de Paulo Freire permaneceu viva entre os educadores populares na Argentina e a depender da opção política do governo (governos populares citam Paulo Freire), Paulo Freire permaneceu como um clássico.

2.8 O método de alfabetização de Paulo Freire é uma opção política, um conjunto de métodos e técnicas que podem ser revigoradas pelos movimentos sociais na alfabetização de adultos e de crianças.

Paulo Freire desenvolveu um método de alfabetização. Vamos aos fatos. O primeiro é uma descrição do próprio autor indiferente de como isso pode ocorrer tanto no português quanto no espanhol. Vejamos a entrevista que Paulo Freire concedeu ao Argentino Carlos Alberto Torres.

Nas línguas silábicas como o português ou o espanhol, por exemplo, as palavras geradoras são aquelas que, sendo silábicas, possibilitam a formação de outras palavras. Por exemplo, há no espanhol a palavra PALOMA, a ave da paz. Dividindo a palavra PALOMA, as famílias de palavras serão: PA, PE, PI, PO, PU, LA, LE, LI, LO, LU, MA, ME, MI, MO, MU. A divisão desta palavra em sílabas nos dá três famílias linguísticas que, através de novas combinações podem gerar mais de 80 palavras (TORRES, 2003, p. 35).

Estas palavras geradoras são do contexto popular, mas têm com relação com o global, o científico ou clássico. Por exemplo, Paulo Freire utilizou a palavra TIJOLO no Nordeste do Brasil. Nós utilizamos LEITE no Projeto Vida na Roça e a CREAM, em 1973, na Argentina também utilizou a palavra LEITE. O que nos interessa é que estas palavras são próximas do educando e formam um universo vocabular amplo. Com LEITE é possível escrever várias palavras com estas sílabas, discutir preço e orçamento do produtor e do consumidor, o trabalho humano, as proteínas do produto, a história da produção do LEITE no mundo etc. Em si, o tema gerador é interdisciplinar. A palavra deve ser tão significativa que a escolha é coletiva e deve

ter o parecer dos educadores, ou seja, uma palavra que de fato sintetize várias situações de aprendizagem.

Na CREAM, por exemplo, a palavra CHILE foi discutida como um tema político, e nisso Paulo Freire nos ajuda a se contrapor aos golpes, mas não é só isso. Ao estudar CHILE apareceu a palavra ALLENDE. Os alunos questionavam o “duplo L”, que não existe na língua espanhola e só ocorre por ser um nome próprio. (MASCARÓ PRODUCCIONES, 2006). Percebemos que a questão semântica (significado) e sintética (síntese e alfabetização), estão imbricadas, em uma perspectiva social.

O método de alfabetização de Paulo Freire e a escolha dos temas geradores só tem sentido se o professor estiver em comunhão com a comunidade, ou seja, se ele entende do contexto, mas também se tem domínio técnico dos conteúdos clássicos.

Em 1978, a professora María Teresa Nidelcoff, na Argentina, dentro do Departamento da Biblioteca Del Vigil tendo por base Paulo Freire já tipificava os professores utilizando a comparação dos “pês”, o Professor-povo e o Professor- Policial.

O Professor-povo ajuda os alunos descobrirem e assumirem o compromisso diante da realidade, atua para que os alunos sejam livres e se organizem. Está atento para captar as manifestações da cultura popular e incentivar para que sejam mais ricas e libertadoras. Ajuda a criança a desenvolver os conceitos de própria cultura e não impor a cultura dominante. Valoriza os seus gestos, atitudes, expressões, linguagem própria, distintos do professor, mas igualmente válidos. Ajuda os alunos a desmistificar a cultura burguesa. Busca a história de uma verdade mais honesta, como por exemplo, estudar a História dos Escravos. Não tem resposta dogmática, mas sim problematizadora. Preocupa-se com a funcionalidade dos conteúdos (NIDELCOFF, 1985, p. 62).

Quais as características do Professor – policial?

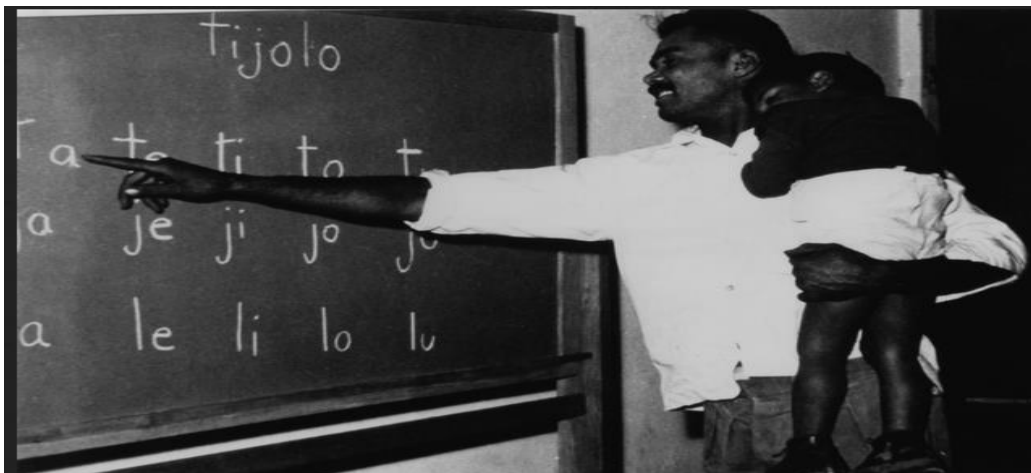
Não percebe as raízes sociais do fracasso escolar. Valoriza apenas os conhecimentos. A avaliação é considerada seu patrimônio exclusivo e como um fim em si mesmo. Busca manter a ordem a ordem vigente e não incentiva a autocrítica, a relação com o aluno é de prestação de contas, não conhece o meio familiar do aluno, fala com os pais como se estivesse em um pedestal, identifica-se com as classes dominantes, sua mentalidade de classe média o impede de considerar os pais e alunos como companheiros trabalhadores, considera a escola como algo apolítico. Preocupa-se com a funcionalidade dos conteúdos. (NIDELCOFF, 1985, p. 99).

O método de alfabetização de Paulo Freire carece de um educador popular. O subversivo nasce de seu povo e com este povo faz as suas lutas. Paulo Freire alfabetizou no Nordeste, região mais pobre do Brasil. Esteve ao lado de professores leigos que

careciam de formação e ao que consta, seu projeto de alfabetização foi uma solução factível e não no campo do idealismo. Um programa de grande impacto, atendendo às massas e com baixo investimento. Assim mostra o documento *Alfabetização: Um das Metas do Rio Grande do Norte*. (IPF, 2017).

Como intelectual orgânico, Paulo Freire estava junto aos simples, aos pobres e subalternos como elucida a Figura 01.

Figura 13: Círculo de Cultura do distrito Federal.



Fonte: IPF, 2017.

A Figura 13 esclarece a opção de Paulo Freire. Na gravura temos um operário que construía a cidade de Brasília, negro pobre e analfabeto. Carregava a filha no colo, como é comum entre aqueles que buscam a educação de adultos. As condições estavam dadas, mas o quietismo foi substituído pela palavra que se fez ato e permaneceu entre nós. Tijolo “soa” nos ouvidos do operário, enche de sentido a alfabetização onde opção não “rima” com facilidade ou neutralidade, rima com compromisso e dedicação.

Em *Pedagogia do Oprimido* (2014), o prefácio assinado por Ernani Maria Fiori é de fato uma síntese do método de alfabetização de Paulo Freire.

Um mínimo de palavras, com a máxima polivalência fonética, é o ponto de partida para a conquista do universo vocabular. Uma pesquisa prévia investiga o universo das palavras faladas, no meio cultural do alfabetizando. Daí são extraídos os vocábulos de mais ricas possibilidades fonêmicas e de maior carga semântica, os que não só permitem rápido domínio do universo da palavra escrita, como também, o mais eficaz engajamento de quem a pronuncia, com a força pragmática que instaura e transforma o mundo humano. Estas palavras são chamadas geradoras porque, através da combinação de seus elementos básicos, propiciam a formação de outras. Como palavras do universo vocabular do alfabetizando, são significações constituídas ou reconstituídas em comportamentos seus que configuram situações

existenciais ou, dentro delas, se configuram. Tais significações são plasticamente codificadas em quadros, slides, lâminas etc, representativos das respectivas situações, que, de experiência vivida do alfabetizando, passam para o mundo dos objetos. O alfabetizando ganha distância para ver sua experiência: admirar. Nesse instante começa a descodificar (FREIRE, 2014, p. 14).

No método de Paulo Freire é patente a pedagogia do curioso, ou seja, a pedagogia da pergunta. Primeiro o educador precisa perguntar a si mesmo sobre suas crenças, depois precisa perguntar ao povo. Não é impossível transmitir um conhecimento novo, uma tecnologia, sem consultar a população, qual o grau de aceitação. Os movimentos políticos também devem se perguntar o que estão fazendo. O povo tem suas perguntas fundamentais que o torna feliz, que são mais e mais complexas. Não são sempre as mesmas perguntas, elas não são fixas e não são perguntas com uma resposta simples. É uma pedagogia contra o silêncio e por isso os temas são geradores. (FREIRE e FAUNDEZ, 1985).

Neste sentido, acreditamos que a língua espanhola tem uma variante importante na interrogação que não temos no português, ou seja, dois pontos de pergunta “¿ e ?”. Assim a gente começa perguntando e termina perguntando, evidentemente em um nível mais avançado.

Com relação às contribuições de Paulo Freire em relação ao método de alfabetização, não há ordem alfabética ou silábica de situações mais fáceis ou *difíceis a priori*, por isso, as cartilhas não têm muito sentido. Podemos dizer que uma das heranças de Paulo Freire no Brasil, é que, apesar de toda complexidade metodológica que temos ao ensinar e aprender, uma escola para crianças começa ensinando pelo nome da criança e o nome dos seus colegas. Por isso, a MARIA, minha filha, aprendeu que tem a mesma família fonética inicial de MAMÃE, isso nos primeiros dias de aula em uma escola pública.

2.9 A teoria freireana permite na práxis um imbricamento entre o marxismo e a religião através da Teologia da Libertação.

A Teologia da Libertação foi a forma com que Paulo Freire entendeu as aproximações entre o marxismo e a religião. No início de nossa dissertação trouxemos alguns exemplos de subversividade e agora os colocamos na discussão da teoria freireana em aproximação com a religião, em especial, a Igreja Católica.

A ASSESOAR, a mais subversiva das instituições do Sudoeste do Paraná tem sua origem com padres progressistas e que defenderam a Teologia da Libertação. O Projeto Vida na Roça teve apoio da Igreja Católica Local da comunidade de Jacutinga. Lembro que nos cultos dominicais era o momento em que as reuniões eram agendadas e legitimadas. Citamos Jesus Cristo como subversivo e por vezes exemplos do Papa Francisco em especial o evento em que recebe Anita Freire, a viúva de Paulo Freire.

O que foi a Teologia da Libertação? Como a teoria freireana tem significado nessa orientação?

A Teologia da Libertação foi um movimento interno da Igreja Católica que ganhou espaço com o Concílio Vaticano II entre 1962 e 1965, cuja resolução final foi a opção preferencial pelos pobres, já a alfabetização de adultos e Educação Popular são nuances da Pedagogia da Libertação que se aproximam ou são oriundas de um contexto político, social e cultural influenciado pela Revolução Cubana de 1959, o desenvolvimento da Teologia da Libertação, pela Teoria da Dependência e outros movimentos de libertação na América Latina. O representante destacado deste movimento foi **Paulo Freire** através do desenvolvimento da **Pedagogia da Libertação**. (MEDELA, 2013, p. 2. **Grifos nossos**.)

Leonardo Boff nos diz que a Teologia da Libertação tem origem nos anos 1960 a partir do Concílio Vaticano II, uma série de conferências entre 1962 e 1965, o grande evento da Igreja Católica no Século XX. Na esteira do Concílio Vaticano II, a Teologia da Libertação se baseia num conceito de Igreja comunhão, rede de comunidades Povo de Deus e poder sagrado como serviço. Nas duas últimas décadas essa visão de igreja foi anulada, mas temos que entender que ela não acabou, muitas pessoas têm pensado assim por interesse, que ela é coisa dos anos setenta e perdeu atualidade, só mentalidades cínicas podem alimentar tais desejos, totalmente alienadas com o que passa com o planeta Terra e com o destino dos pobres no mundo. O futuro da Teologia é o futuro dos oprimidos. A Teologia da Libertação, na esteira de Paulo Freire, assumiu a ajudou a formular a estratégia do pobre como aquele com força histórica para mudar o sistema de dominação. (BOFF, 2011).

Estamos nos referindo a Leonardo Boff e a Frei Betto na explicação da Teologia da Libertação, porque são nomes relevantes dessa filosofia no Brasil e na América Latina.

A propósito Leonardo Boff tem pessimismo na análise, mas otimismo na ação. A Teologia da Libertação não terminou como querem os reacionários. Ainda mais,

Leonardo Boff tem credibilidade, ele foi profético. Em 2008, em entrevista a Canal de Notícias à Cabo (CNN) internacional Leonardo Boff disse que um papa iria emergir da periferia, da América, da Ásia ou da Oceania para dizer que outro mundo é possível. Afirmou que a disputa e a luta entre pobres e ricos dar-se-iam até o “juízo final”. A Teologia da Libertação surgiu na América Latina nos anos 1960 quando a Igreja percebeu que havia milhões de pobres e muitos deles cristãos, entre eles católicos também. O cristianismo pode ser um processo de libertação, revolucionário, de câmbio social a partir da fé, a partir de figuras proféticas como Helder Câmara e outros. Uma grande mobilização das bases, alicerçada no evangelho, junto com sindicatos, partido, movimentos sociais populares. É possível fazer do evangelho uma boa força, no compromisso da justiça e libertação dos pobres. É uma teologia que pede mudanças. Em resposta dessa Teologia fomos acusados injustamente pela igreja mais tradicional que não gosta de mudanças, que participem as mulheres etc. Por isso participei no mesmo lugar que outras pessoas mais relevantes do que eu como Giordano Bruno e Galileu. (BOFF, 2008a).

De fato, em 2013, Francisco tornou-se o primeiro papa latino-americano, o primeiro pontífice do hemisfério sul, o primeiro a usar o nome de Francisco, o primeiro não europeu depois de 1200 anos e o primeiro Papa Jesuíta da História. E na relação com o que estamos tentando demonstrar, o Prêmio Nobel da Paz Adolfo Pérez Esquivel disse no Brasil que trazia o apoio do Papa Francisco a então Presidente Dilma Rousseff que enfrentava o processo de impeachment. (BOFF, 2008 b).

Frei Betto atentou que Paulo Freire tornou possível o Governo Popular de Lula no Brasil, uma construção no campo da Teologia da Libertação. Em um exemplo simples, relatou o que ocorreu em distintas regiões do Brasil.

Conheci o método Paulo Freire em 1963. Eu morava no Rio de Janeiro, integrava a direção nacional da Ação Católica. Ao surgirem os primeiros grupos de trabalho do método, engajei-me numa equipe que, aos sábados, subia para Petrópolis, para alfabetizar operários da Fábrica Nacional de Motores. Ali descobri que ninguém ensina nada a ninguém, a gente ajuda as pessoas a aprenderem. O que fazíamos naquela fábrica? Fotografamos as instalações, reunimos os operários no salão de uma igreja, projetamos diapositivos e fizemos perguntas absolutamente simples: Nesta foto, o que vocês não fizeram? Bem, não fizemos a árvore, a mata, a estrada, a água. Isso que vocês não fizeram é natureza - dissemos. E o que o trabalho humano fez? - indagamos. O trabalho humano fez o tijolo, a fábrica, a ponte, a cerca <Isso é cultura - dissemos. E como é que essas coisas foram feitas?

Eles debatiam e respondiam: Foram feitas na medida em que os seres transformaram a natureza em cultura (FREI BETTO, 2001).

A Teologia da Libertação é a expressão de uma filosofia que aproxima o sentimento latino de resistência, uma aproximação com uma interpretação do Marxismo, uma mirada à experiência cubana e aos governos populares de esquerda na América latina. Assim Frei Betto escreveu *Fidel e a Religião*.

Antes de temer o marxismo, porque se declarar ateu, sempre nos devemos perguntar que tipo de sociedade justa temos construído no mundo que se confessa cristão. A melhor maneira de dizer é fazer. Para o cristão a melhor maneira de crer é viver. De nada vale a fé sem obras. Em nome de Deus se estabeleceu o projeto de dominação burguesa no continente, ao abrir os evangelhos encontramos um Cristo frágil, que chora a morte do amigo, sente fome, discute com os apóstolos, manifesta raiva aos fariseus, xinga Herodes, conhece a tentação, e, na agonia sente-se abandonado do Pai (FREI BETTO, 1985, pp. 50 – 51).

Paulo Freire deixou muito evidente essa questão do papel dos cristãos e da opção pelos oprimidos.

Estão no caminho certo os teólogos latino-americanos que, comprometendo-se historicamente, cada vez mais com os oprimidos, defendem hoje, uma teologia da libertação e não uma teologia do desenvolvimento modernizante. Estes teólogos, sim, têm a possibilidade de começar a responder às inquietações duma geração que opta pela transformação revolucionária do seu mundo e não pela conciliação dos inconciliáveis. Eles sabem muito bem que só os oprimidos, como classe social, proibida de dizer sua palavra, podem chegar a ser utópicos, proféticos e esperançosos, na medida em que o seu futuro não é mera repetição reformada do seu presente (FREIRE, 1978, pg. 21).

Paulo Freire enfrentou o tema da religião em questões

Eu nunca precisei brigar comigo mesmo para me compreender, para me entender na fé, eu estou na minha fé, eu nunca precisei de argumentações de natureza científica ou filosófica para me justificar. Quando muito jovem fui aos mangues, aos córregos, aos morros, à zona rural. Confesso que fui movido por certa afinidade com o camarada Cristo, mas a realidade dura do camponês e negação do seu ser, a tendência à adaptação essa questão inerte. Tudo isso me remeteu a Marx. Não foram os camponeses que me disseram: tu lêes Marx? Eles não liam nem jornal. Foi a realidade que me levou a Marx. As leituras que fiz de Marx não me sugeriram jamais que eu encontrasse Cristo nas esquinas. Eu fiquei com Marx na Mundialidade a procura de Cristo na Transcendentalidade (FREIRE, 2003)

Paulo Freire adotou a conjunção, marxismo e a religião, e, não a disjunção marxismo ou a religião. Essa aproximação dá-se em contexto específico da Teologia da Libertação, um movimento subversivo na América Latina, com expressão forte nos anos 1960, mas que segundo Leonardo Boff, nunca deixou de existir. Nesse caso, a fé e a crença, passam a ter sentido de materialidade.

2.10 A teoria freireana encontra-se com a Pedagogia Histórico–Crítica na Prática Social.

Vamos mostrar que há aproximações e complementações entre a Teoria Freireana e a Pedagogia Histórico-Crítica. Neste momento não vamos nos atentar para as diferenças ou especificidades, mas sim para complementaridades em especial a prática social.

Vamos a Dermeval Saviani, a Pedagogia Histórico-Crítica e sua odisseia no Paraná. Dermeval Saviani cunhou o termo Pedagogia Histórico-Crítica (PHC), colocando as tendências pedagógicas em uma perspectiva histórica, para além das pedagogias da essência e da existência, para além dos métodos novos e tradicionais, para além da relação autoritária ou democrática em sala de aula. O ponto de partida para o ensino na PHC não é preparação dos alunos cuja iniciativa é do professor (Escola Tradicional), tampouco a atividade que é de iniciativa dos alunos (Escola Nova). Para a PHC a prática social é o ponto de partida e o ponto de chegada da educação o que se evidencia na conceituação segundo a qual a prática educativa é uma prática mediadora no interior da prática social global. Temos ainda a problematização, a instrumentalização e a catarse (SAVIANI, 1999, pp. 71-81).

Houve a circulação da PHC e distintas formas de apropriação pelos professores do Paraná. A professora Tássia Lima de Camargo e o professor André Paulo Castanha entrevistaram Dermeval Saviani à respeito da circulação da teoria da PHC e a forma de apropriação pelos professores do Município de Francisco Beltrão-PR. Vamos à pergunta:

Em algumas conversas realizadas com os professores, durante o levantamento de dados para a pesquisa, eles relatam que a metodologia da Pedagogia Histórico-Crítica é mais demorada que as outras. No entanto, muitas vezes são reféns do sistema avaliativo, e de uma burocracia que se faz presente no cotidiano escolar. Em que medida, poderíamos desburocratizar o ensino? Na lógica capitalista, é possível realmente ter uma avaliação que seja qualitativa? (CAMARGO e CASTANHA, 2016 p. 3).

Vamos à resposta:

Aqui acho que cabe distinguir duas coisas. Uma é a metodologia e as dificuldades de agir segundo essa metodologia e o tempo também que isso requer. E, de outro lado, a avaliação que, sendo feita na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica, também entra em conflito com as avaliações exigidas pelas políticas em vigor. A metodologia, de fato, é mais complexa e os professores, em geral, veem a metodologia com a expectativa de obterem regras mais ou menos mecânicas, que eles possam aplicar nas várias aulas de forma a facilitar o seu trabalho. Então, há certa expectativa – embora a palavra seja um pouco depreciativa – de “receitas”, mais ou menos assim: para dar aula de determinada disciplina, deve-se proceder dessa maneira: primeiro se faz isso, depois aquilo, em seguida esta outra coisa, em quarto lugar aquela outra, e assim sucessivamente. Daí os passos do método. No caso da Pedagogia Histórico-Crítica, em lugar de falar em passos, preferimos falar em “momentos” porque passo se dá um depois do outro e você não pode dar o segundo sem ter dado o primeiro e o terceiro sem ter dado o segundo e assim por diante. No caso da Pedagogia Histórico-Crítica eu até utilizei a palavra “passos”, também, mas para compará-la com as pedagogias Tradicional e Nova que trabalham com passos, explicando, porém, que é mais adequado falar em momentos. A Pedagogia Histórico-Crítica, como se sabe, entende a educação como mediação no interior da **prática social global**. Por isso, a prática social é, ao mesmo tempo, o ponto de partida e o ponto de chegada da prática educativa. Consequentemente, os cinco momentos do método da Pedagogia Histórico-Crítica são: 1) Prática Social; 2) Problematização; 3) Instrumentalização; 4) Catarse; 5) Prática Social. E esses cinco momentos do método devem ser guiados pela finalidade que se busca atingir com a realização da prática educativa. É sempre a finalidade que rege a metodologia e a escolha dos procedimentos. Então, para a Pedagogia Histórico-Crítica não existem procedimentos previamente consagrados nem procedimentos previamente condenados (SAVIANI em entrevista a CAMARGO e CASTANHA, 2016, p. 3. **Grifos nossos**).

A Rede Estadual do Paraná é referência em Pedagogia Histórico-Crítica no Brasil. É mais comum em plena sexta-feira à tarde, no final do corredor, um professor utilizar os cinco passos ou momentos da PHC, a partir de um planejamento com a coordenação da escola do que o contrário. O domínio pleno da PHC vai depender de algumas especificidades, mas podemos adiantar que há certo destaque na consolidação da PHC no Oeste e Sudoeste do Paraná, onde a Universidade do Oeste e Sudoeste do Paraná têm formado um expressivo número de pedagogos e licenciados nas escolas, com uma posição crítica e contra a hegemonia da sociedade capitalista.

A teoria da PHC no Paraná, de forma dialética, apresenta-se ao mesmo tempo como expressão e guia da prática. No primeiro caso permitindo análises concretas de

situações concretas. No segundo caso, no direcionamento, na vanguarda, estabelecendo caminhos a seguir, e, em essência, aquilo de que a PHC não deveria “abrir mão”.

Em sua dissertação de Mestrado, Sandra Tonidandel mostrou a materialização da PHC no Paraná como alternativa às Pedagogias Burguesas e a inserção de intelectuais desta teoria nos partidos políticos e nos sindicatos. Em um percurso de 1980 até 1994, em âmbito nacional, foi sistematizada e em nível local (Paraná), foi incorporada e tecida de modo que o currículo das escolas paranaenses tem correspondência à PHC. (TONIDANDEL, 2014).

A professora Luci Mara Mirandola, pedagoga, diretora geral do Colégio Léo Flach, onde sou professor de Matemática e diretor auxiliar, defendeu uma dissertação pela Unioeste no Campus de Cascavel-PR e nos trouxe uma cronologia da PHC no Paraná. É uma descrição da PHC de Richa Pai (referência ao ex-governador José Richa) até Richa Filho (uma referência ao atual governador do Paraná, Carlos Alberto Richa). Entre 1983 e 1994, período de implantação da PHC no Paraná, o estado foi governado pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), representado, respectivamente pelos governadores José Richa, Álvaro Dias e Roberto Requião. De 1995 até 2002, a PHC sofreu um impacto, dado o direcionamento político do Governo de Jaime Lerner, que priorizou políticas liberais, com práticas de terceirização e privatização. No “chão da escola” circulou a pedagogia das competências. No Período de 2003 até 2010, a PHC teve novo impulso no governo de dois mandatos de Roberto Requião. Depois de 2011 vivemos sob a gerência de um governo do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), que apesar de muitas investidas contra conquistas dos professores, ainda mantém no programa oficial a PHC. (MIRANDOLA, 2014).

Neste parágrafo vamos a algumas especificidades da Pedagogia Histórico – Crítica e da Pedagogia Freireana. A PHC fundamenta-se no que denomina de conhecimento elaborado pela sociedade, ou seja, os clássicos. A Pedagogia Freireana tem como ponto de partida o saber do aluno e faz uma relação com o conhecimento historicamente construído, inclusive com as críticas à escolha desses conteúdos para o ensino na escola. A PHC defende a escola como local central para o cumprimento do propósito da prática educativa e Pedagogia Freireana tem duas nuances: a primeira da não formalidade, quando Paulo Freire estava em projetos de alfabetização de adultos nem espaços escolares e não escolares e a segunda de formalidade quando Paulo Freire foi secretário da educação em São Paulo. Ao nosso modo de ver, a Pedagogia Freireana

tem uma crítica mais “ácida” à escola, enquanto há poucas referências da PHC em projetos que não sejam escolares.

Vamos às aproximações. Tanto a PHC quanto a Pedagogia da Libertação ou Freireana são contra-hegemônicas ao capital, ou seja, colocam-se na perspectiva crítica ao capital. Partem de situações de prática social, leitura de mundo, e retornam com a sistematização de um conhecimento para transformar a sociedade capitalista. São pedagogias emancipatórias, estimulando as atividades e iniciativas dos alunos sem abrirem mão das iniciativas dos professores. Valorizam o diálogo entre discente e docente, sem negligenciarem a cultura acumulada historicamente. Nas duas teorias pedagógicas o problema central envolve uma relação entre a educação e a política, pois enxergam na educação uma possibilidade de colaborar com a transformação da realidade concreta. São teorias das classes subalternas. (MACHADO, 2016).

Mesmo nas questões mais complexas como é marxismo para Freire e para Dermeval Saviani, o importante é sempre dialogar. Assim, lancemos mão de um trecho da conversa que o educador pernambucano estabeleceu com Adriano Nogueira e Dermeval Saviani em 1996.

Veja que interessante. Perguntaram-me, recentemente, num debate: “Paulo, tu te definirias como sendo marxista?”. E eu comentava: “Eu lhes digo que, por respeito a Marx, eu não me defino marxista”. Um teórico que aceite algum a priori da História ou na História não é marxista; e eu dizia, ironizando, que este teórico corre o risco de, encontrando-se com Marx em algum pós-vida, ouvir dele, Marx: “Meu amigo, você está equivocado a respeito de minha contribuição teórica”. Igualmente, se eu aceito Deus como a priori e não admito ouvir perguntas a questões sobre: como é este deus? Como ele age? Ele é homem, é mulher ou é um fluido? Ele mora aqui ou acolá?... Se eu não souber explicitar isso historicamente eu não estarei sendo marxista. Mesmo sobre a natureza do homem, ele não existe como a priori. Ou seja: eu sou homem porque me fiz e ainda me faço homem; inexistiu algo no meu “ser homem” que se constitui fora da história. Nós que nos fazemos homens e mulheres por meio da experiência. Agora, reflitam comigo, meus amigos, penso que isto (de não aceitar a priori) não significa que eu desvalorize a contribuição de Marx. Ele não é apenas moda. Justamente porque é a análise dele que me permite desmontar criticamente essa concepção neoliberal que está aí, na pós-modernidade (Paulo Freire em Entrevista na APP SINDICATO, 1997).

A prática social é que dá sentido tanto à PHC quanto à Pedagogia Freireana. Saviani e Paulo Freire estavam dialogando a respeito de assuntos de base material. Paulo Freire expôs seu pensamento sobre o sindicato, sobre greve e não sobre uma relação que se estabelece no idealismo.

O que a PHC e Pedagogia Freireana têm em comum? O semântico, ou seja, o significado e o sentido do que se explica ao aluno, o conceito que pode ser dado ou construído. O sintático, qual seja a síntese de diferentes determinações, que o aluno e o professor devem fazer na catarse ou na culminância do tema gerador. A perspectiva social, ou seja, mudança da sociedade, neste caso uma prática social global.

A PHC está mais consolidada na Rede Estadual do Paraná, é uma pedagogia defendida e assumida por significativo número de professores e alunos. É uma defesa da escola pública, um movimento de resistência. No entanto, ainda carece de ser assumida pelos pais e a comunidade em geral. Na especificidade da alfabetização de adultos, ainda Paulo Freire tem mais sentido, da mesma forma quando tratamos com pais em reuniões organizadas pela escola e vamos às ruas conversar com as famílias, a teoria freireana é uma excelente ferramenta na transformação social e da relação da escola com a comunidade.

Vejamos o que o próprio Saviani disse em entrevista para a professora Tássia Lima de Camargo, sobre PHC e Pedagogia Freireana.

Eu diria que há uma certa relação em termos do objetivo mais amplo, porque tanto a Pedagogia Histórico-Crítica como a pedagogia libertadora, a pedagogia de Paulo Freire, estão empenhadas em desenvolver um ensino relevante para a classe trabalhadora. Ambas buscam desenvolver um tipo de educação para as camadas populares, que possibilite à classe trabalhadora um poder emancipatório, potencializando sua capacidade de luta, sua capacidade de se libertar da dominação vigente na sociedade. No entanto, elas se diferenciam na medida em que a pedagogia de Paulo Freire se centra mais na chamada cultura popular, na própria iniciativa da população e secundariza de algum modo a importância da escola. Em contrapartida, a Pedagogia Histórico-Crítica valoriza a escola como um instrumento de acesso ao saber sistematizado, ao conhecimento científico. No caso da pedagogia de Paulo Freire esse aspecto é menos enfatizado, ocupando um lugar mais secundário. E, por consequência disso, também a metodologia e respectivos procedimentos se diferenciam (SAVIANI,2015).

Por ora, na presente dissertação, vamos apenas reforçar as aproximações entre a teoria freiriana e a Pedagogia Histórico-Crítica, ou seja, a busca de uma pedagogia para as classes populares e trabalhadoras, uma pedagogia para escola pública na constante luta pela emancipação e pela democracia. O que Paulo Freire responderia Demerval Saviani?

3. A SUBVERISVIDADE PRESENTE NA TEORIA FREIREANA AINDA SERVE DE INSPIRAÇÃO À RESISTÊNCIA AO FANTASMA QUE NOS RONDA

Estabelecemos como Tese 07: *A subversividade presente na teoria freireana ainda serve de inspiração à resistência ao fantasma que nos ronda*, ou seja, o fantasma das ditaduras como terceiro capítulo de nossa tese. Estamos nos encaminhando para a etapa final de nossa dissertação, uma fase de análise perguntando o que Paulo Freire nos diria hoje no contexto que estamos vivenciando.

Iniciamos este capítulo com uma citação de Mario Sergio Cortella que se assemelha no que escrevemos até aqui e de alguma forma justifica o que queremos fazer, ou seja, dizer o que provavelmente Paulo Freire diria.

Paulo Freire foi meu orientador de doutorado e quando ele foi secretário de educação de São Paulo, eu estive com ele por dois anos e quando ele saiu eu permaneci em seu lugar. Às vezes me perguntam: o que Paulo Freire nos diria se estivesse aqui? Sobre educação, a respeito do Brasil. Eu sempre digo que Paulo Freire afirmava: fazer como Paulo Freire, não é fazer o que Paulo Freire fez, mas fazer o que ele faria se estivesse aqui e agora em nosso lugar. Existe hoje um movimento no congresso para retirar o título de Paulo Freire de patrono da educação brasileira (CORTELLA, 2017)

Como elucidativo, ou metáfora, tomamos um exemplo popular, ou seja, de um time de futebol. Chamamos este time de Subversivos e colocamos uma escalação. Para aqueles que não são familiarizados, o futebol tem onze jogadores. Uma das formas de distribuição da equipe é um goleiro, quatro jogadores na defesa, três no meio campo e três no ataque, como na figura abaixo.

Figura 14. O time de subversivos.



Fonte: Os próprios autores.

Colocamo-nos na condição de “repórteres” que irão entrevistar a estrela principal do time, Paulo Freire. Nosso texto é assumido como polifônico, ou seja, tem muitas vozes. Uma possibilidade aventada por Mikhail Bakhtin em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2016). A polifonia é certa harmonia à diversidade de vozes diferentes em um mesmo texto que produz diferentes efeitos e distintas ideologias, sem comprometer a essência do texto. Em nosso caso, por exemplo, Kant e Marx são obviamente distintos, mas suas vozes podem ser ouvidas para entender subversão em Paulo Freire sem ser um texto polissêmico, ou seja, uma mistura de conceitos que poderia induzir os que nos leem mais de uma interpretação. As “diferentes vozes” que trazemos, “sussurram” com Paulo Freire, tem sentido naquilo que escrevemos e também na comunhão daqueles que nos leem.

Nosso time tem nome e sobrenome. O goleiro é Karl Marx, na lateral direita temos Ana Júlia. Na defesa temos Valdir Duarte e Vonibaldo Rech na lateral esquerda Dermeval Saviani. No meio de campo Nelson Mandela, Heley de Abreu (perdeu a vida salvando crianças em uma creche em Minas Gerais) e a “camisa dez”, do capitão do time é para Paulo. Na frente, pela direita (mais difícil posição) temos Emmanuel Kant. O centroavante é o Papa Francisco e pela esquerda Dilma Rousseff. Estaremos então “na entrevista” com Paulo Freire, uma coletiva após um jogo.

Vamos utilizar um “eu retórico”, ou seja, a primeira pessoa do singular para simularmos uma exposição de Paulo Freire ao hodierno e ao fantasma que nos ronda. Também utilizaremos uma figura de linguagem, a metonímia, quando quisermos trocar um nome por um movimento. Este é o caso da elucidação do time de futebol. Por exemplo, “Ana Julia”, representa o movimento estudantil, “Dermeval Saviani” a Pedagogia Histórico-Crítica, “Papa Francisco” a Teologia da Libertação etc. Vamos lá.

Entrevistadores: Paulo Freire, o que você nos diria sobre a presente dissertação e metáfora do time dos subversivos?

Rogério e André, eu quero comentar sobre o trabalho de vocês. Essa ideia de um time de subversivo é razoável. Primeiro porque tem essa aproximação de Grupo dos Onze, movimento político das ditaduras e time de futebol, uma linguagem figurada, mas popular, que também tem onze jogadores. Percebo que há um fantasma que vos ronda, nesse caso o fantasma das ditaduras. Um fantasma, no entanto, é um espectro, de forma dialética pode nos rondar ensejando medo, mas também esperança.

Penso que o conceito de subversão que a mim foi atribuído tem relevância. É de fato, obviedade que subversão no Brasil tem a ver mais com movimentos populares, apesar do termo em si ter ambivalência, ou seja, o subversivo também pode ser o opressor quando não quer perder suas regalias. Por que subversão tem mais correlação com os movimentos populares? A historicidade nos mostra que no Brasil a classe dominante, em geral, manteve seus privilégios, e, coube a subversividade àqueles que buscaram transformar a realidade.

Entrevistadores: Paulo Freire, na condição de capitão da equipe, comente de forma rápida sobre a atuação de seus companheiros.

Vou começar pelo meu camarada Dermeval Saviani. Ele joga na lateral avançando muito, mas poderia compor o meio de campo comigo. Em entrevista anterior Dermeval foi sábio ao dizer que tanto ele quanto eu, defendemos a escola para classe trabalhadora, no entanto, apesar de ele ter razão em afirmar que a PHC é mais movimento da escola, isso pode ser um entrave. De forma modesta acho que a teoria freireana poderia ajudar a levar a PHC à comunidade.

Estou satisfeito em atuar com Karl Marx. Ele é o nosso principal defensor. Precisamos de sua força na defesa dos trabalhadores e subversivos. Ana Júlia representa a força juvenil, o time precisa de alguém com essa rapidez de raciocínio. Estou encantado com os intelectuais orgânicos, Valdir Duarte e Vonibaldo Rech que atuaram de forma brilhante na Região Sudoeste do Paraná. Sempre estive preocupado com os professores e seu protagonismo, Heley de Abreu é exemplo claro e honra nossa equipe. Nelson Mandela é exemplo de resistência e amorosidade, veja como ele tratou nossos adversários com respeito em todo o jogo. Eu gostaria que o Papa Francisco desse uma entrevista sobre minha atuação como capitão, é evidente que ele é mais importante do que eu hoje na equipe, mas que tal uma palavrinha, Francisco? A companheira Dilma ainda será lembrada na história, os comentaristas dirão de sua atitude heroica. Façam o

“debate esportivo” e a convidem com abertura do pensamento para entender a conjuntura que vocês estão vivendo. Admiro Dilma Rousseff. Emanuel Kant é nossa referência em esclarecimento e maioria intelectual. Precisamos dele em nossa equipe.

Entrevistadores: qual o papel da torcida neste jogo?

A torcida não deve jogar contra o time. Por outro lado, não podemos culpá-la por nosso fracasso. Precisamos marchar juntos com nossa classe. Gostaria de ver a torcida não sendo manipulada e que de fato entrasse em campo.

Entrevistadores: fale um pouco mais sobre Marx.

Há uma questão do marxismo e do materialismo histórico. As críticas que recebo vem em dois vieses, um totalmente compreensível, que é dos setores mais reacionários, e, outro da esquerda mais ortodoxa que domina Marx, no sentido teórico e no entendimento das revoluções. Neste caso penso que é um equívoco dividir os movimentos progressistas de esquerda, por exemplo, não há problema de um movimento social ler Freire e se declarar marxista, porque de fato são as questões materiais que mudam a consciência e não o contrário.

Eu, no entanto, não tenho problemas com a fé, por isso o Papa Francisco joga conosco. Eu sou bem resolvido na questão da fé, e penso que a fé, por mais herege que possa parecer em minha afirmação, pode ter materialidade. Quando um militante acredita que ao transformar a sociedade, transforma a si mesmo e agrada ao Cristo, está materializando uma ação. Aconselho aqueles que querem ser freireanos que não me sigam às escuras, é muito bom ler Marx.

Toda a minha vida teve práxis, ou seja, ação e reflexão. É pela ação que fui preso. A filosofia que defendi não foi no campo idealista, entendi o camarada Marx e cada vez mais o encontrei nas ruas e nas periferias. O debate sobre minha filosofia é polêmico e complexo, as leituras que fiz sempre foram traduzidas ao mundo pela minha escrita e pela minha prática, foi por isso que assumi funções importantes como assessoria no Instituto de Reforma Agrária no Chile, na Secretaria de Educação de São Paulo, na coordenação de programas de alfabetização de Guiné-Bissau.

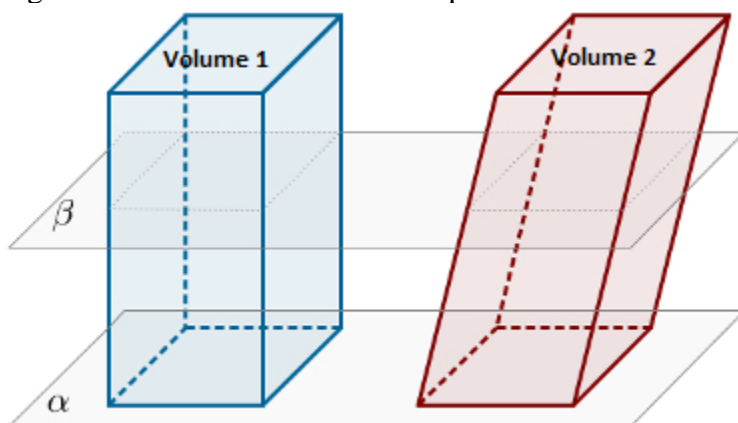
Eu não me considero marxista sendo um marxista. Essa ideia parece contraditória em uma lógica formal, mas compatível em uma lógica dialética. Para ser, às vezes a gente diz que não é. É uma modéstia retórica. Eu de fato tenho algo *à priori*, o que me excluiria do marxismo, no entanto, este *a priori* é material. É uma fé pautada em coisas materiais, em pobres, latinos e cristãos que buscam um Cristo que resolva

seus problemas nesta vida e na outra. Torna-se material a fé, quando o sujeito acorda cedo, trabalha e transforma a realidade pensando nesse mundo e no outro, quando luta no sindicato e na escola pela defesa dos oprimidos pensando em agradar o Cristo. Assim estão minhas cartas no Vaticano, que espero que o “centroavante” de nosso time, o “Papa Francisco” abra-as para o mundo. Esta mensagem trará novos elementos que aproximam Marxismo e religião, ou seja, a subversão como transformação da sociedade capitalista.

Entrevistadores: Neste sentido o que seria a transcendência?

É por isso que uso o termo transcendência, não simplesmente para subir, para ascender, chegar ao céu. Transcender é alçar, mas não na vertical. É escalar e ascender transpondo. Um exemplo elucidativo, ou de analogia, para explicar a transcendência é o Princípio de Cavalieri utilizado na Matemática.

Figura 15: Transcendência e Princípio de Cavalieri.



Fonte: Os próprios autores.

Os dois sólidos têm o mesmo volume, os planos α e β são paralelos e cortam a figura 1 e a figura 2. No entanto, a figura 1 está no prumo, enquanto a figura 2 não está no prumo. Assim se colocássemos infinitos planos paralelos a α e β , teríamos no volume 2 um exemplo de transcendência, ou seja, um subir fora do prumo, no jeito popular de dizer, torto, inclinado e como estamos dispostos a dizer, subversivo. Este é um exemplo que me ocorre neste momento.

Entrevistadores: Você poderia comentar sobre Ana Júlia?

Vamos a “Ana Júlia”. Estou impressionado com o movimento de ocupação das escolas públicas do Paraná realizada pelos secundaristas. Foi uma forma de expressar e cobrar as promessas da democracia, ora, os projetos pedagógicos das escolas públicas

não contemplam a ideia de formar alunos críticos? A turma de “Ana Júlia” não se curvou às decisões autoritárias, exigiu ser ouvida. Pela primeira vez temos no Brasil uma manifestação secundarista de tanta proporção.

Penso que os alunos aprenderam a utilizar as mídias alternativas como o Facebook e o Instagram em contraposição a mídia oficial representada pelos grandes veículos de comunicação. O movimento estudantil dos secundaristas não foi uma coisa natural, simplesmente rebeldia da tenra idade. Os educandos defenderam a escola pública e os recursos para sua expansão. Neste caso professores e alunos estavam juntos. As marchas são necessárias como já afirmei. Quando o diálogo foi negado aos secundaristas, houve a imediata reação. A ocupação mostrou uma reação contrária ao quietismo e ao carneirismo.

Figura 16: Ocupação da Primavera Estudantil no Paraná.



Fonte: <https://www.facebook.com/ocupasim/>.

No contexto das ocupações estudantis de 2015 e 2016 já se percebia o espectro da ditadura que nos ronda. Percebi que o movimento paranaense fazia parte de um movimento mais geral que percebeu que a contradição entre a Proposta de Emenda Constitucional - PEC 241, que se transformou em Emenda Constitucional nº 95 de 2016 (PEC do teto dos gastos públicos) e a Medida Provisória 746, que reformula o Ensino Médio, porque não se faz expansão do Sistema Educacional com menos recursos. Professores e alunos marcharam juntos, mas penso que faltou a comunidade. Teria sido

importante a participação da comunidade escolar, neste sentido a teoria que escrevi poderia ter ajudado.

A propósito vou transcrever o que disse Ana Júlia, nossa ala pela direita no time dos subversivos.

É de consenso de grande parte dos estudantes que 2016 foi um ano turbulento e de muita aprendizagem, nisso incluímos o total protagonismo das Ocupações Secundaristas iniciadas em outubro e que foi a maior resistência dos retrocessos que estamos vivendo. Esse movimento lindo, que em seu auge ocupou 1.100 escolas enfrentou muitas dificuldades, mas, também foi o responsável por inúmeros momentos de felicidade. O que fomentou a reação dos estudantes entre outros motivos foi a Medida Provisória 746, publicada dia 22 de setembro, nela, se propõe o Novo Ensino Médio. Com esse nome até parece ser coisa boa, não é mesmo? Mas infelizmente não é. A reforma do ensino médio diz trazer mais autonomia para os estudantes, pois, poderão escolher o que estudar, o que é uma grande farsa. Na realidade o que o documento da MP 746 propõe é que a escola irá escolher qual itinerário oferecer, tendo a instituição de ensino cinco opções: Matemática e suas tecnologias, Ciências da Natureza e suas tecnologias, Ciências Humanas e suas tecnologias, Linguagens e suas Tecnologias e Formação Técnica Profissional. Com isso o estudante perde o que seria o ponto positivo da proposta, pois o que vai acontecer é que a área em que o estudante escolher não vai ser a fornecida na sua região forçando-o a cursar o itinerário que a escola mais próxima da sua casa optar. Entre os maiores agravantes está a contratação de profissionais de “notório saber” (sem formação apropriada), o que dificulta a qualidade do ensino. Por mais que a proposta só coloque essa questão para os professores da área Formação Técnica Profissional, questionamos o motivo dessa área não merecer profissionais com licenciaturas e qualificados, e também lembramos que com isso se abre a possibilidade de que as outras áreas também se entreguem a essa comodidade. Para nós estudantes a MP 746 tem dois únicos objetivos: robotizar estudantes, nos formando apenas para força de trabalho, e a privatização do ensino público. Por entender isso é que também somos contra o aumento da carga horária, pois sabemos que as escolas não têm estruturas e nem recursos para terem alunos por 7hrs diárias. Com esse aumento na carga horária o que vai acontecer é que vamos ficar mais tempo sentados em frente ao quadro tentando decorar o máximo de coisas possíveis. Sabemos que há diferença em ensino integral e ensino de tempo integral, o ensino integral tem como objetivo trabalhar a integralidade do Ser Humano, incentivando a prática de esportes, o aprendizado e acesso a diversas culturas, o desenvolvimento do pensamento crítico. Justamente tudo que a MP 746 nos surrupia, retirando a obrigatoriedade de quatro disciplinas: Artes, Educação Física, Filosofia e Sociologia. Além dessa “reforma” também tínhamos que enfrentar a Proposta de emenda constitucional 241 ou “PEC da Morte” (que limita os investimentos públicos nas áreas sociais por 20 anos). (Entrevista de Ana Júlia para PRATES *et al*, 2017).

Eu sei que houve uma reação imediata dos setores mais conservadores, de qualidade duvidosa, contra as ocupações que utilizaram os velhos bordões: “Vai prá Cuba”, “Fora Paulo Freire”, “Comunista!” etc. Vamos diferenciar os conservadores dos reacionários. Os primeiros querem manter os *status quo*, já os segundos querem voltar a ter privilégios históricos que hoje não se justificam. Os reacionários desrespeitaram o movimento estudantil, o momento era de reconhecer a função da escola, empoderar professores e alunos.

Na ocupação estudantil os estudantes mostraram que entendem a legislação em seu contexto, ou seja, a justiça não tem a pretensa neutralidade, é um jogo de interesses onde a burguesia tem domínio técnico dos procedimentos. No entanto, os secundaristas começaram a entender e fazer valer a lei. Citaram trechos da Constituição Federal. Houve uma organização interna das escolas, os secundaristas aprenderam sobre o trabalho como base da formação e por isso fizeram escalas para limpar as escolas. Isso tem a ver com o adolescente, pois não se prepara apenas para viver, mas já vive uma verdadeira vida. A auto-organização deve ser para eles um trabalho sério, compreendendo obrigações e sérias responsabilidades. Vocês podem perceber isso na teoria de Pistrak (2000), no livro *Fundamentos da Escola do Trabalho*.

Considerando que nossas escolas ainda não se estruturaram para refletir sobre o trabalho, e que a sociedade não tem distribuído a riqueza, Pistrak (2000 p. 30), nos disse que a escola sempre foi uma arma nas mãos das classes dirigentes, existindo então a necessidade de mostrar a natureza de classe da escola em uma sociedade de classes. Desenvolver a educação das massas significa fazê-las compreender seus interesses de classe e prepará-las para saber lutar e saber construir, sugerindo ainda que a base de uma escola do trabalho deve se encontrar em dois princípios: a relação com a realidade atual e a auto-organização dos alunos.

Quero estar ao lado dos professores do nosso país em seu movimento legítimo em especial aqueles que dão à vida no sentido literal e figurado. No primeiro, assim foi com Heley de Abreu que faleceu ao salvar as crianças em um Centro de Educação Infantil. No caso figurado, queimam-se pessoas como se queimam livros. Assim os professores estão sendo intimidados porque assumem uma posição ao lado de sua classe social. Condeno o Projeto da Escola sem Partido pelo seu primeiro princípio, ou seja, neutralidade política. Já descrevi que essa neutralidade é impossível.

O denso artigo de Gaudêncio Frigotto mostra o contexto de onde brota o projeto da Escola sem Partido com duas metáforas da “esfinge” e do “ovo da

serpente”. No primeiro caso esfinge da mitologia grega, uma serpente que estrangula quem não sabe um enigma e no segundo caso, ovo da serpente é uma alusão ao filme de Ingmar Bergman que contextualiza os dramas de seus personagens no nascimento do Nazismo. A esfinge descrita por Frigotto não deixa de ser um fantasma.

Com a Escola Sem Partido, a pedagogia da confiança e do diálogo está sendo substituída pela pedagogia da delação, ou seja, um estímulo aos alunos e seus pais a se tornarem delatores dos colegas e dos professores. O que incomoda os setores mais conservadores do país é que o ato de educar seja um confronto de visões de mundo, de concepções científicas e de métodos pedagógicos, desenvolver a capacidade de ler criticamente a realidade e constituírem-se sujeitos autônomos. A Escola Sem Partido é uma afronta ao diálogo e a democracia.

As teses do Projeto Escola sem Partido têm sua elaboração e desenvolvimento em setores cada vez mais amplos das forças que construíram e consumaram o golpe jurídico, parlamentar e midiático de 31/8/2016. Alguns de seus sinais já estão tendo efeitos práticos na sociedade e na escola, sob o signo do medo e da violência. Antes que a esfinge se torne indecifrável e nos devore, cabe acumular energia intelectual e ética e organização política coletiva para, sem medo como fez Édipo da lenda da esfinge, confrontá-la e derrotá-la. Uma tarefa necessária para que haja futuro humanamente suportável em nossa sociedade (FRIGOTTO, 2017, p. 34).

Vamos reforçar a ideia de Frigotto. Na Mitologia Grega a esfinge tinha o corpo composto por uma parte leão e a outra parte mulher; ficava na porta da cidade de Tebas e devorava todos que passassem e que não soubessem responder ao enigma: *que criatura pela manhã tem quatro pés, ao meio-dia tem dois e à tarde tem três?* Consta da lenda que a esfinge devorou todos que passaram, pois ninguém havia decifrado o enigma. Somente Édipo não se intimidou e a enfrentou dando a resposta certa, derrotando-a, livrando os viajantes daquele terror. Édipo respondeu que são os humanos. A manhã significa a infância, quando os humanos engatinham. A tarde significa a vida adulta, quando caminham com os dois pés. A noite significa a velhice, quando os idosos utilizam uma bengala para se apoiarem. Assim como Édipo precisamos decifrar rapidamente os enigmas que se apresentam, em especial a Escola sem Partido e o produtivismo na educação, ou seremos engolidos.

Entrevistadores: E sobre Nelson Mandela?

Nosso time não ficaria completo sem a sua presença. Vocês já explicaram isso na Página 19, pois não importa o castigo ou a sentença, eu sou o dono do meu destino, eu sou o capitão da minha alma, disse nosso jogador de meio-campo. Em nosso time há quatro subversivos que foram presos: Eu (Paulo Freire), Mandela, Dilma e Vonibaldo Rech. Mandela, representamos a defesa das minorias e ausência do ódio, é a expressão daquilo que afirmei que o oprimido não pode se tornar opressor.

Entrevistadores: Paulo Freire, e sobre Dilma Rousseff?

O lateral-esquerdo de nosso time, Dermeval Saviani (2018), em entrevista tratou sobre o caso de nossa avante pela esquerda, impedida de atuar. Sempre tivemos tempos difíceis na educação pública, mas agora estamos diante de um golpe parlamentar, midiático e jurídico. Com isso pequenos avanços que tivemos com o Plano Nacional de Educação estão inviabilizados. A meta de investir 10% do Produto Interno Bruto (PIB) e os recursos do pré-sal para educação também foram extirpados nesse governo. É possível reverter? Sim, tanto o golpe quanto a retomada dos avanços da educação. Os tempos são difíceis, mas não impossíveis, vamos nos concentrar no Fórum Nacional Popular de Educação.

Entrevistadores: Fale mais sobre a defesa do time.

O nosso organizador da defesa do time dos subversivos é Valdir Duarte. Ele sempre usou uma estratégia de “contrafogo”, ou seja, quando o incêndio é enorme, fantasmagórico, a gente cria ou fogo menor que também consome “oxigênio” e consegue estancar os grandes eventos do capitalismo central. Valdir Duarte nos ajudaria hoje a entender a questão da Agroecologia e a Educação do Campo no Desenvolvimento Regional.

Agroecologia tem sido reafirmada como uma ciência ou disciplina científica, ou seja, um campo de conhecimento de caráter multidisciplinar que apresenta uma série de princípios, conceitos e metodologias que nos permitem estudar, analisar, dirigir, desenhar e avaliar agroecossistemas. Por outro, em que pese o discurso englobante da Agroecologia e das diretrizes políticas do enfrentamento ao produtivismo e ao agronegócio, os encaminhamentos amplamente hegemônicos daí derivados centram-se nos debates da formação técnica de perfil ecológico. O provocativo deste enfoque é que a Agroecologia pode, do ponto de vista científico, ser considerada como uma ideologia na medida em que parece estar tratando/encaminhando soluções tecnológicas, mas refere-se a uma problemática de ordem filosófico/política que tem a ver com a concepção de desenvolvimento em curso e que não se resolverá com encaminhamentos técnico-científicos distintos, pois não se trata de um problema de caráter científico. Evidentemente, esta problemática

exige uma solução baseada na interação entre conhecimentos de mais de uma ciência (DUARTE, 2008, p. 12).

Esta é a mensagem para o Sudoeste do Paraná. A agroecologia é uma simbiose entre uma ciência e uma prática. É uma filosofia que assume que há dois grandes projetos para a agricultura, um representado pelo Agronegócio e outro de um movimento endógeno. O primeiro é representante do capital e o segundo tem bases ecológicas, um cuidado com o planeta, como produção sem agrotóxicos, com técnicas de manejo e tecnologia adaptadas às condições locais e a valorização dos diferentes saberes da cultura local, entendida como aquilo que herdamos dos nossos antepassados de nossa Unidades de Produção e Vida, e, aquilo que semeamos no sentido literal e figurativo. Não é uma apologia à pobreza ou ao pequeno produtor, mas uma apologia à sobriedade.

No contexto regional do Sudoeste do Parece, no meu entendimento, há um movimento importante que é a Educação do Campo que serve de referência para outras regiões do Brasil. Educação do Campo é um conceito em construção, mas tem pelo menos três vieses: o político, pedagógico e conceitual. O político na construção da solidariedade, o pedagógico no sentido de métodos e neste caso nossa teoria freireana tem sentido, e conceitual que é a definição de novos termos como Educação do Campo em contraposição à Educação Rural, a Agroecologia em contraposição ao Agronegócio.

Mesmo considerando que as dificuldades desse trabalho da construção de uma Educação do Campo, tem-se hoje uma Articulação Sudoeste de Educação do Campo que é composta por diferentes entidades de classes, universidades. Existe na rede estadual de ensino um departamento que cuida da educação do campo e alguns municípios em que se aborda a temática inclusive com grupos de estudo. É preciso requerer esta autenticidade e originalidade do Sudoeste do Paraná em relação a uma educação dos camponeses e para os camponeses. Ainda há espaço para projetos de educação emancipatórios de jovens e adultos nas comunidades da região.

Há uma coisa que aprendi com o companheiro Valdir Duarte que na concentração sempre me falava sobre o potencial do Sudoeste do Paraná em relação às cooperativas. Um exemplo disso foram as cooperativas que compraram enormes terrenos e dividiram em pedaços menores para cada associado com preço abaixo do mercado imobiliário. Prossigam nisso.

Entrevistadores: E sobre no Sindicato dos professores. Fale como capitão do time?

Outra provocação que gostaria de deixar para vocês é em relação à representação de vocês no Sindicato dos Professores do Paraná. Vou repetir um diálogo que fiz com Adriano Nogueira quando estive com ele e com Dermeval Saviani em relação às greves e que foi publicado pela APP – SINDICATO do Paraná.

Um dia destes me perguntavam sobre minha opinião sobre greves. E eu comentava com um amigo se os professores deste país não agirem, eles e elas nunca terão saírem desta remuneração vergonhosa. Em segundo lugar, eu dizia ao amigo, hoje em dia é preciso é preciso interrogarmo-nos pela qualidade da ação, ou seja, se a greve é a forma mais eficaz das ações. Esta reflexão sobre a qualidade da ação é necessária à categoria profissional. (FREIRE, 2002, p. 46).

Na época fui mal interpretado pela imprensa que disse que era contra a greve. Na verdade, não é isso, estou me referindo sobre a qualidade da ação e de como a comunidade reage em relação às paralizações. Isso que deve ser mudado, é preciso que a escola tenha apoio popular e comunidade não é um conceito idealistas, são professores, pais, representantes da Associação de Pais e Mestres, os dirigentes das associações do bairro, os conselhos, os alunos. Todos deveriam marchar juntos nas mobilizações. Vamos imaginar a escola de vocês com essa força em uma paralização. O tempo de duração da greve seria menor e os resultados mais efetivos.

Os tempos no sindicalismo são outros e as atitudes não podem ser as mesmas. Precisamos nos reinventar e isso só é possível com amplo envolvimento. É necessário abrir um novo ciclo de organização em nosso sindicato, torná-lo mais democrático para reunir o acúmulo das lutas do passado com as mudanças que o presente nos exige para evitarmos o futuro catastrófico que é anunciado pelo grande capital e seus governos.

Precisamos de um Sindicato mais democrático internamente, retomar o diálogo com a comunidade, estar disponível a reunir as diferentes contribuições da base e dos coletivos existentes. Vamos evitar o discurso frágil da unidade que reprime o contraditório, é necessário reconhecer tais diferenças e contradições existentes entre nós para, aí sim, construir uma unidade mínima que resgate a participação daqueles tantos descontentes ou perseguidos que se afastaram da atividade sindical, bem como valorizar e trazer aqueles/as que não são sindicalizados. Precisamos trazer o sentimento de pertencimento não só aos sindicalizados, mas também aos diretores de escola que têm se afastado da luta.

O Sindicato dos professores do Paraná e em especial o do Sudoeste, precisa olhar para a questão do indivíduo. Não estou dizendo que as classes sociais não existem, a superposição do indivíduo em relação à classe, não é isso. A questão que se apresenta é como esse professor, funcionário de escola ou aposentado está se sentindo no sindicato. Quais são suas necessidades? Quando o sujeito não se sente pertencente ele busca “nichos de poder”, ou seja, não atende mais à classe e nem sua subjetividade e busca justificar ações em desfavor da luta com argumentos do tipo: “na nossa escola decidimos”. Isso enfraquece as decisões de assembleias, mas como disse o “nicho de poder” é um vácuo entre o conceito distante de classe e o não atendimento ao indivíduo.

Não podemos acreditar no mantra pessimista de que a categoria dos professores é apática. Este mesmo discurso é dado pelas elites econômicas e por líderes sindicais que culpam os professores pela falta de mobilização. Veja o exemplo do Professor Léo Moraes representante da Escola de Samba Paraíso do Tuiuti que fez críticas à reforma trabalhista.

Figura 17: Críticas aos movimentos de rua que pediram afastamento de Dilma Rousseff.



Fonte: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2018/noticia/desfile-da-paraíso-do-tuiuti-tem-presidente-vampiro-de-destaque-e-ala-de-manifestantes-fantoches.ghtml>.

Entrevistadores: Gostaríamos que falasse um pouco mais sobre o papel da torcida.

Levem as manifestações aos estádios. Por isso do meu apreço por formas inteligentes de manifestação e como os professores se articulam aos movimentos populares, neste caso o samba que é a expressão da periferia e a retomada dos enredos críticos onde os proletários precisam extravasar. Como sindicato, nós temos que atentar para essas coisas e o impacto que elas têm. As imagens “correm” o mundo a partir dos meios de comunicação que temos. Veja que as escolas de samba (campeã e vice-campeã) no Rio de Janeiro trouxeram temas críticos a corrupção e a alienação.

A imagem anterior é elucidativa. Faz entender que a torcida não pode ser manipulada em nome da mão invisível do mercado. Os professores podem aprender com os movimentos sociais as formas de manifestação. O carnaval foi um exemplo.

Gostaria de falar um pouco mais sobre o sindicato. Penso que há quatro coisas que fortaleceriam nossa categoria sindical. A primeira é a democracia. A democracia implica em algumas coisas, entre elas a alternância de poder. Alternância de poder e transparência. É preciso que cada sindicalizado tenha noção exata do que acontece em seu sindicato e sinta-se preparado e com espaço político para a qualquer momento assumir a direção.

A segunda é o atendimento jurídico ao indivíduo. Em geral nosso sistema de defesa jurídica atende bem as grandes causas junto aos desembargadores, mas o processo é centralizado em Curitiba. Precisamos estar atentos às demandas locais, o indivíduo precisa de lutas da classe como as questões salariais, no entanto, em alguns momentos da carreira pode ser atacado como pessoa e então precisa defender-se sem buscar outros advogados por caminhos que não sejam de nosso sindicato. Podemos ter uma assessoria jurídica dentro do Sindicato para estes casos.

Nossos professores estão doentes. A falta de saúde física e mental é um dos grandes problemas da classe. Penso que uma terceira coisa a fazer é criar uma equipe multidisciplinar com médicos, psicólogos, professores, aposentados e funcionários para um grande programa de saúde. Isso vai desde o atendimento médico até políticas preventivas de saúde como esporte, lazer, viagens etc. Precisamos retomar a mística no sindicato, os homens precisam “abrir a porta do mundo” e uma das maneiras é quando cantam. Essa é uma antologia, cantar e recriar o mundo.

A quarta coisa a fazer é melhorar a comunicação. Não estou falando apenas na utilização de novas mídias. A comunicação implica em diálogo e diálogo só ocorre

quando alguém escuta. Como dirigentes precisamos ouvir mais o povo e encaminhar nossas ações a partir deste encaminhamento.

Quero refletir umas questões mais gerais da dissertação. A extensão universitária é muito importante ainda. Foi assim que vocês se construíram no Sudoeste do Paraná. Como está isso? As universidades têm feito isso? O Sudoeste é um centro de formação superior, vamos fortalecer as práticas de extensão agrícola e para as comunidades onde o atendimento do Estado é precário. Eu (Paulo Freire), Brizola e seu tio Vonibaldo fomos interrogados sobre o Grupo dos Onze. Em comum defendíamos eleições. Continuemos a defendê-las. Quando a burguesia está muito armada e articulada precisamos vencer as eleições, no geral, nos votos nós vencemos.

No Sudoeste do Paraná vocês têm a ASSESOAR, fiquem perto dela. O Projeto Vida na Roça ainda precisa ser estudado. É muito próximo ao que escrevi em Extensão ou Comunicação. Fico honrado que há coisas na essência no método de alfabetização que desenvolvemos. Em distintos lugares do mundo as pessoas aprendem a ler e escrever com palavras geradoras de seu contexto. Assim foi no PVR, em Cuba, na Argentina, no Chile, em Guiné-Bissau. A palavra TIJOLO foi clássica em meu trabalho no Nordeste, para vocês parece que foi LEITE.

Há de fato um fantasma da ditadura que nos ronda. Em 1964, eu pensava que a ditadura seria breve, todos sabem hoje, que as coisas não foram assim. Por favor, vamos estar atentos ao ataque do capital e a evidente precariedade do trabalho que atinge às classes populares.

A Teologia da Libertação não acabou como querem os deterministas históricos. Rogério, você é testemunha ocular de que em março de 2018, o líder religioso de sua comunidade que atendendo às orientações da Igreja Católica e do Papa Francisco as celebrações sacras de sexta-feira não deveriam ser feitas na igreja, mas por proximidade nas casas dos vizinhos, em especial onde moram os enfermos. É o que o Papa Francisco tem chamado de Uma Igreja “em saída”.

Bom, vocês já fizeram coisa parecida há vinte anos, mas hoje é relevante dizer que acreditamos que nosso centroavante, Papa Francisco, apesar de todas as contradições que há em uma igreja, possa estabelecer uma pauta progressista.

Nosso time de subversivos tem pela direita do ataque Emmanuel Kant. Ele nos ajuda nessa questão do sujeito e suas escolhas. Devemos ousar fazer, passar da minoridade intelectual onde dependemos sempre de alguém para decidir pela gente, para a maioria intelectual, capacidade de ver, julgar e agir. Essa maneira como vocês

dedicaram à dissertação é buscando a maioria intelectual, não é pedantismo acadêmico, é esforço para uma escrita que mostre atitudes possíveis em defesa dos espoliados deste mundo em desfavor daqueles que muito têm e pouco fazem pela causa da justiça e da liberdade.

Como o assunto é o fantasma que nos ronda, ou seja, as ditaduras, exemplo disso é a nossa subversiva que joga pela esquerda, Dilma Rousseff. No dia 31 de agosto de 2016, o congresso nacional aprovou a deposição da presidente eleita. Nesse caso é possível perceber três coisas que nos assustam. A primeira é a justificativa dada ao microfone pelos deputados que em geral saudaram a família a religião e a propriedade. Essa retórica nós já conhecemos. A segunda é a cobertura midiática em pleno domingo quando as sessões do congresso nunca aconteciam neste dia. Em terceiro lugar o judiciário que não aceitou em nenhum momento a interrupção do processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ditaduras militares e as intervenções são fantasmas que nos rondam. Como nos disse Antonio Gramsci (2001): “o velho mundo agoniza, o novo mundo tarda a nascer, e, nesse claro-escuro, irrompem os monstros”.

Que momento é esse? Por que acontecem tantos ataques aos direitos sociais? Como visualizar este espectro? Estamos perguntando assim como a canção da fanqueira²⁷: “que tiro foi esse”?

A partir de 2013, abriu-se no Brasil uma situação de confronto de classes. Os governos anteriores desde Fernando Henrique Cardoso até Lula e Dilma trabalharam com um pacto possível entre burguesia e trabalhadores. O preço internacional de commodities, e o crescimento econômico do país permitiram que os trabalhadores tivessem acesso a algumas políticas sociais sem que os banqueiros e a burguesia nacional, donos dos meios de produção perdessem sua margem de lucro.

O “fantasma aparece” quando o capital não concilia mais com os trabalhadores e exige ataques e desmontes rápidos e profundos na legislação que dava alguma garantia aos trabalhadores. Abrem-se possibilidades à esquerda e à direita. A grande mídia, controlada pelos empresários, setores conservadores foram para ofensiva e os movimentos sociais ficaram na dúvida entre o isolamento radical ou defesa do governo.

A estratégia dos trabalhadores perante “ao fantasma” esbarra no limite das contradições do próprio sistema capitalista. A conciliação de classe consiste no aceite às regras do jogo, ao mercado e à ordem. São feitas alianças eleitorais com oligarquias e o empresariado com financiamento dos grandes grupos econômicos e empreiteiras nas campanhas políticas. Os conselhos de políticas públicas ficam vinculados aos setores empresariais. O próprio projeto de classe é substituído por emendas e a centralidade nas eleições como saída política. Em nome da governabilidade houve acordos espúrios, troca de cargos, clientelismo. As reformas buscam beneficiar o capital. Em favor dos votos do congresso há renegociações das dívidas dos grandes produtores, assim passou a proposta de teto dos gastos e a reforma trabalhista.

Estamos em uma situação defensiva, ou seja, manter os direitos mínimos que conquistamos e, por isso, a luta pela livre expressão e o fortalecimento da democracia. Os mais pobres estão desorganizados e os organizados formam corporações. O mais

²⁷ Jojo Maronttinni - Que Tiro Foi Esse. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qw4uBk7DOa8>. Acesso em 02 de março de 2018.

provável é que a burguesia continue na ofensiva para aumentar suas margens de lucro à custa do rebaixamento das condições de vida e de trabalho, impossibilitando a retomada do crescimento. Assim reduzem-se os direitos sociais, há um desmonte da proteção social dos brasileiros, intensificação do trabalho e aumento das enfermidades nos professores, redução da distribuição de renda e aumento dos lucros, retirada do Estado de setores produtivos e aumento das privatizações, desvalorização do salário e aumento do desemprego.

Adota-se uma agenda regressiva com ajuste fiscal, renegociação de dívidas da Nação com os Estados. Nas escolas há redução da autonomia e da ação popular. Retirada das decisões da esfera pública para a privada. Submissão à objetividade mercadológica, controle dos conteúdos e sistema de avaliação. O ataque aos serviços públicos torna os servidores como “privilegiados”. Temos a terceirização e o sistema precário de contratos temporários. Ataque direto ao direito de greve, o recuo da teoria em nome de uma prática simplista. Controle sobre a vida dos trabalhadores (trabalho em casa). Em resumo, a população mais pobre está destituída dos direitos fundamentais.

Nesse contexto descrito é que o fantasma aparece, como esfinge, como monstro etc. Quando o velho está para morrer e o novo ainda não surgiu. As ditaduras nos rondam. É indiferente se mais branda ou menos branda, se é militar ou civil, é uma forma de silenciamento e coerção. Os subversivos irrompem contra este modelo e buscam garantir a lei e alterá-la ao favor dos despossuídos.

Quando começamos a investigação tínhamos a preocupação da simplicidade e obviedade do conceito de subversão, mas no transcorrer do trabalho percebemos que a temática era complexa. Iniciamos com uma busca por descritor ao Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)²⁸.

Utilizamos o descritor “subversividade” e encontramos apenas uma dissertação com este resultado, no entanto, sem relação com a teoria freireana. Encontramos 668 resultados para o descritor “subversão”, dos quais uma dezena tratava das ditaduras, em especial às argentinas, e, uma vintena às brasileiras. Subversão é um conceito próximo ao conceito de juventude, uma centena de resultados, mas a esmagadora maioria de títulos de teses e dissertações aponta para o conceito de subversão associado ao campo

²⁸ Disponível em: [http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#!/.](http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#!/)

do direito. Encontramos uma trintena de trabalhos que ligam subversão no âmbito educativo, mas nenhum título arremete a Paulo Freire. (CAPES, 2018).

Fizemos a leitura de 500 resumos para termos uma ideia sobre o que se escreve sobre Paulo Freire. (CAPES, 2018). Os resumos mostraram que os assuntos da teoria freireana são colocados em três vieses: político, pedagógico e conceitual. No político há termos associados como política educacional, cidadania, autonomia, inclusão, protagonismo, conscientização, formação democrática, educação popular. No pedagógico temos conceitos correlatos e de aproximação como o construtivismo, o letramento, a alfabetização, o currículo, a educação dialógica e problematizadora; saberes populares; o empírico e o ativo, o significado do erro. No conceitual temos a descrição de termos como: progressista, conscientização, oprimido e opressor, emancipação, protagonismo, práxis, pertencimento, emancipação, educação bancária, educação libertadora; educação popular; multidisciplinar; empoderamento, marginalidade, utopia. (CAPES, 2018).

Então fomos aos arquivos disponibilizados pelo instituto Paulo Freire no Brasil. De imediato fomos aos assuntos que começam com a letra “s” na busca do conceito subversão e não o encontramos. O mais próximo foi o conceito de subalternidade, que se inicia com a letra “s”, descrito por Eduardo Fernández Rodríguez em 2006 no V Encuentro Internacional Fórum Paulo Freire. (RODRIGUEZ, 2006).

O conceito de subversão estava ausente nos Arquivos do Acervo Paulo Freire no Brasil. “Garimpamos” 1.753 temas, e percebemos que em muitos casos apareceu a mensagem “não existem registros no índice” ou “não existem registros no repositório”. Defendemos que há duas motivações para isso. A primeira é que o conceito é muito evidente. A segunda é que os pesquisadores brasileiros que estudam Paulo Freire no Brasil, em sua maioria, são dos campos progressistas, da esquerda e dos movimentos sociais. Nesse caso, subversão carrega em si um sentido depreciativo.

Incorporamos o conceito de subversão como reação ao fantasma que nos ronda. A história brasileira mostra que subversão, em geral, é movimento dos despossuídos, as classes subalternas. No entanto, essa questão é dialética. Em 1963, Paulo Freire disse que os subversivos, naquele momento, pertenciam às classes dominantes que não aceitavam perder os privilégios.

Trouxemos por metonímia alguns exemplos de subversivos para facilitar o entendimento. Destacamos Ana Júlia, Vonibaldo Rech, Karl Marx, entre outros. E desta forma apresentamos a tese principal, ou seja, que Paulo Freire é um subversivo na vida

e na obra. Podemos dizer que Paulo Freire foi um subversivo internacional, e por isso de nossa intenção de fortalecer o entendimento do alcance da teoria freireana na Argentina.

Comprovamos uma segunda tese, a de que a teoria freireana serviu de expressão e guia da prática no Brasil e na Argentina. Os processos de acusação dos governos militares trazem de forma patente a acusação de subversão ao autor. Seus livros foram proibidos e queimados. Paulo Freire, no exílio, teve seus próprios livros “importados” no Brasil. É especial esta situação. Um autor brasileiro, que escreve fora do país e tem suas obras traduzidas de forma clandestina no próprio país. Este cenário é fantasmagórico em sua essência.

Paulo Freire foi condenado, preso por subversão, prova de que, de fato houve acusação e no contexto que analisamos, ou seja, das ditaduras militares, a subversividade é uma afronta ao autoritarismo. No caso argentino, as questões da ditadura foram mais intensas, um maior número de desaparecidos, uma forma peculiar de violência. Assim o conceito de subversão aos argentinos é “encharcado” de sentido, é mais condenatório do que no Brasil. Mesmo assim, Paulo Freire pode ser considerado subversivo aos “moldes argentinos”.

Quando digitamos “subversão em Paulo Freire”, no Google, os primeiros trabalhos que aparecem mostram um Paulo Freire que faz propaganda do marxismo, ideólogo e superficial. Então são correlatos ao conceito de subversão os conceitos de comunista, marxista, doutrinador que são atribuídos pelos conservadores. Este ataque a Paulo Freire ocorre ainda hoje. Essa é umas das provas de que sua teoria é clássica, ou seja, permanece em discussão no Brasil e na Argentina, contra ou favor de Freire, mas nunca sem Freire.

Além das questões políticas, o método de Paulo Freire tem competência técnica, ou seja, serve como instrumento de alfabetização e letramento, em especial na alfabetização de adultos, onde os temas geradores partem de concretude, a realidade é expressa em símbolos que são assimilados e retornam transformando a realidade. Um viés semântico, um sintático e outro de perspectiva ou prática social. É nesta prática social global que a teoria freireana encontra-se com a Pedagogia Histórico-Crítica em plena efetividade no Paraná. Podemos dizer que a PHC está nas escolas, mas ainda tem dificuldades em relação à comunidade, e que a teoria freireana tem entraves na alfabetização de crianças, ou seja, na escola formal.

A teoria e as ações de Paulo podem se materializar ainda hoje em um movimento de reação ao fantasma que estamos enfrentando. É uma teoria viva e por isso defendemos o seu legado.

O Marxismo em Paulo Freire é um assunto complexo, por isso não podemos fugir dele. No entanto, há limites de tempo em uma dissertação. Um assunto que não se esgota, mas por ora podemos dizer que Paulo Freire colocava as “ideias no cantinho da cabeça”, como ele mesmo dizia, e depois às efetivava. Pensamos que ao fazer isso já havia materialidade, este pensamento já é ação, é práxis. Vamos tomar um exemplo corriqueiro. O sujeito, dentro de determinadas condições, acorda cedo e pensa em transformar o mundo que vive. Tem uma ideia de reunir os vizinhos e fazer um manifesto. Por essa ação vai preso. Perguntamos: onde começa a materialidade? Quando está com os amigos, ou quando o pensamento é maduro, com sentido e aplicável, em uma só palavra, concreto. Defendemos a ideia do pensamento refletido como material, porque é transformador e princípio da ação.

Nesse caso é compreensível que movimentos como a Teologia da Libertação possam dialogar com o Materialismo Histórico, e, nessa particularidade, Paulo Freire foi perito e protagonista. Apresentou aos intelectuais tradicionais os intelectuais orgânicos e desta relação tivemos avanços progressistas. Entendemos que há materialidade quando a estrutura da Igreja é colocada a serviço dos simples e dos subalternos.

Por isso que podemos afirmar que a Teologia da Libertação não terminou como querem os deterministas. Há vários movimentos que se renovam a cada dia, e enquanto houver oprimidos, Paulo Freire é indicado para esta aproximação, entre intelectuais tradicionais e intelectuais orgânicos.

Nossa contribuição foi mostrar que os eventos do capitalismo não são exclusivos de um país. Eles ocorrem de forma singular, mas seguem uma lei geral, ou seja, do capitalismo central. Assim os argentinos também têm uma pergunta ao passado. Também encontram sua assombração ou visagem.

Um brasileiro em especial ajudou os argentinos nos dias de resistência às ditaduras. Confirmamos isso com entrevistas e documentos. Em especial a fala de Adriana Puiggrós. A circulação de sua obra na Argentina tem sua culminância entre 1973 e 1976, no Governo Cãmpora. Nesse momento, Paulo Freire fez vários encontros com reitores de universidades, militantes e alunos. Um grande projeto de alfabetização o CREA, na Argentina, em 1973, teve como base teórica a teoria freireana. Paulo Freire

retornou à Argentina no período de democratização, e novamente foi às universidades, sendo saudado pelos argentinos.

Os testemunhos de professores argentinos e envolvidos no CREAM mostram que Paulo Freire tornou-se um clássico entre os educadores. No vídeo *Uso minhas mãos, uso minhas ideias*, há depoimentos de professores e alunos do CREAM que mostram as técnicas de alfabetização tomadas a partir da teoria freireana.

Outro exemplo que comprova a subversão de Paulo Freire foram os inúmeros prêmios *honoris causa* recebidos e o reconhecimento do Governo Federal com o Prêmio Maestro Exemplar denominado Prêmio Paulo Freire. Outra prova de sua relevância na Argentina foi a criação no Instituto Paulo Freire em Buenos Aires.

Em nossa cultura o fantasma veste-se de branco e grita “Boh”. Há várias explicações para esse grito que nos assusta. Uma delas é que esta exclamação usada para surpreender e assustar seria a primeira pessoa do verbo *boare* (latim) que é mugir, retumbar e gritar. Também pode ser entendido como clamar.

Figura 18: O fantasma.



Fonte:

https://www.google.com.br/search?q=imagem+de+um+fantasma&dcr=0&tbn=isch&source=iu&ictx=1&fir=NTX6mWgoLOOKZM%253A%252C5X_2id2zoV1uGM%252C_&usg=__DtwEUeeayvSZcK6cQDW75HeROr8%3D&sa=X&ved=0ahUKEwjagbC1-7vZAhXJUJAKHXCGDCwQ9QEIKjAA#imgrc=NTX6mWgoLOOKZM:

Por comparação, sabemos que os fantasmas gritam Boh, vestem branco e assustam as nossas crianças e os “fantasmas”, como conceituado em nossa dissertação nos causam temor. No entanto, não há maniqueísmo em nossa análise, o espectro não é bom e nem mau, é temor, mas também esperança e nesse caso Paulo Freire, nos deixou um legado e um belo exemplo. Temos um pessimismo na análise da realidade, mas um

otimismo na ação. O “crime” de subversão de Paulo Freire, nossa ajuda a entender e transformar nossa realidade.

No Sudoeste do Paraná utilizamos a expressão “visagem”, “assombração”, “vulto”, quando nos referimos a um fantasma. Em especial nossos pais contavam ao lado do fogão de lenha essas histórias. De alguma forma entendemos hoje que “fantasma que nos ronda”, é do tamanho de nossos temores, tão forte quanto nossas fraquezas. O espectro nos trará esperança e conforto.

Pensamos que nossa dissertação pode contribuir com a ciência que busca acertabilidade e coerência. É preciso garantir este legado de Freire. Não é uma investigação que se encerra em si mesma, apenas cumprimos com nosso ofício de historiadores. Gostaríamos de continuar com trabalhos futuros, como articular um grupo de estudos e de práticas freireanas na Unioeste (trabalho esse que já iniciamos em 2016), efetivar um convênio de cooperação na América Latina, em especial com as Universidades de Córdoba na Argentina, o Instituto Antonio Ruy Camacho na Colômbia e a Universidade Comunitária da Região de Chapecó – UNOCHAPECÓ, no Brasil.

Por fim, como diz a canção²⁹, a porta do mundo se abre, são coisas divinas do mundo que em segundo podem mudar, trazendo para dentro da gente, as coisas que a mente vai longe buscar!

²⁹ Porta do mundo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dp2TaVxbxOo>.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABATTI, Alexandro; GELLER, Odair Eduardo. A farda no Sudoeste do Paraná: a ASSESOAR é investigada pelo DOPS (1964 – 1985). *In: História, Conflitos e Diálogos*. BONAMIGO, Carlos Antônio *et al.* Francisco Beltrão: Editora Jornal de Beltrão, 2015.

ACÇÃO PENAL SUPERIOR TRIBUNAL MILITAR CONTRA PAULO FREIRE

E OUTROS. (1964). Termo de reinquirição de indiciado. **Acervo Paulo Freire**. Disponível em <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/browse?type=subject&order=ASC&rpp=20&offset=40>. Acesso em 09 de junho de 2017.

ACERVO PAULO FREIRE (2017). Disponível em: <http://www.paulofreire.org/acervo-paulo-freire>. Acesso em 01 de janeiro de 2017.

AMARAL, Luciana. *In: G1 EDUCAÇÃO*. Temer fala de ocupações e diz que pessoas criticam PEC sem ler o texto. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2016/11/temer-defende-mp-do-ensino-medio-e-cobra-respeito-instituicoes.html>. Acesso em 15 de novembro de 2016.

APP – SINDICATO. **A Educação no Século XXI**: diálogo inédito entre Dermeval Saviani, Adriano Nogueira e Paulo Freire. Curitiba: Caderno pedagógico, 1997.

ARCHIVO PROVINCIAL DE LA MEMÓRIA DE CÓRDOBA (2011). “**Silencio dijo el cura, silencio dijo el juez**”: Apuntes sobre Terrorismo de Estado y Educación. <http://www.planectura.educ.ar/memoria/pdfs/CUADERNILLO2.pdf>. Disponível em 07 de janeiro de 2016.

ARCHIVO PROVINCIAL DE LA MEMÓRIA DE CÓRDOBA (2012). **Biblioteca de libros prohibidos**. Disponível em: <http://www.apm.gov.ar/sites/default/files/biblioteca%20libros%20prohibidos.pdf>. Acesso em 05 de janeiro de 2015

ARGENTINA (1974). Resolución nº 897. Ministério de la Educación Argentina, 1974. **Centro Nacional de Información y Documentación Educativa**. Ministerio de Educación Argentina. Biblioteca Del Maestro, Buenos Aires-AR.

ARGENTINA (1977). Resolución nº 15.718 de 1977. Subversión en el ámbito educativo. **Centro Nacional de Información y Documentación Educativa**. Ministerio de Educación Argentina. Biblioteca Del Maestro, Buenos Aires-AR.

ARGENTINA (1978). Resolución nº 1541 de 1978. Proibição dos livros de Paulo Freire. **Centro Nacional de Información y Documentación Educativa**. Ministerio de Educación Argentina. Biblioteca Del Maestro, Buenos Aires-AR.

ARGENTINA (1985). 24 de marzo del 76: El golpe (1985). **Informe Final de la Comisión de Derechos Humanos de la Cámara de Diputados del Chaco 1985**. Gobierno del Pueblo del Pueblo de la provincia del Chaco. Ministerio de la Educación, Cultura, Ciencia y Tecnología.

ARGENTINA (1997). Resolución nº 636 de 05 de Maio de 1997. **Centro Nacional de Información y Documentación Educativa**. Buenos Aires: Ministerio de la Educación Argentina. Disponível em: <http://www.bnm.me.gov.ar/giga1/normas/5575.pdf>. Acesso em 11 de março de 2017.

ARGENTINA (2004). Orientaciones para el alfabetizador. - 1ª. ed.– Buenos Aires : Ministerio de Educación, Ciencia y Tecnología, 2004. **Centro Nacional de Información y Documentación Educativa**. Ministerio de Educación Argentina. Biblioteca Del Maestro, Buenos Aires-AR.

ARGENTINA (2007). Recordar y entender: carta abierta a los padres: la última dictadura militar 1976-1983. Buenos Aires: Ministerio de Educación - Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires, 2007. **Centro Nacional de Información y Documentación Educativa**. Ministerio de Educación Argentina. Biblioteca Del Maestro, Buenos Aires-AR.

ARGENTINA (2010). **Pensar la dictadura: el terrorismo del estado**. Ministério de la Educación, 2010. Centro Nacional de Información y Documentación Educativa. Ministerio de Educación Argentina. Biblioteca Del Maestro, Buenos Aires-AR.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia de linguagem**. 16ª Ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2016.

BARRETO, Vera. **Paulo Freire para educadores**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

BARROS, José D' Assunção. **Teoria da História: os paradigmas revolucionários. Volume III**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2011.

BARROS, José D' Assunção. **História Comparada. Teoria da História**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2014.

BASÍLIO. Ana Luiza. **Paulo Freire em seu devido lugar**. Publicado em 10 de abril de 2015. Disponível em: <http://educacaointegral.org.br/reportagens/paulo-freire-em-seu-devido-lugar/>. Acesso em 12 de outubro de 2017.

BERNARDO, Héctor. **Entrevista a Adolfo Pérez Esquivel**. La Pulseada (2010) Disponível em: http://hectorbernardo.over-blog.es/pages/Entrevista_a_Adolfo_Perez_Esquivel-3260242.html. Acesso em 02 de fevereiro de 2017.

BEZERRA, Fátima. **Justificativa de Paulo Freire como denominação do campus da UFERSA**. Pernambuco, 2010. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/755512.pdf>. Acesso em 26 de fevereiro de 2016.

BIANCHI, Álvaro. **Lenin e a filosofia: notas para uma leitura filosófica**. São Paulo: Unicamp, 2016. Disponível em: https://www.e-science.unicamp.br/marxismo/admin/projetos/documentos/documento_579_Lenin.pdf.

BIBLIOTECA NACIONAL Del MAESTRO (2012). **Sala Americana**. Ministerio de Educación.

BIBLIOTECA NACIONAL Del MAESTRO (2013). **Sala de Lectura**. Ministerio de Educación.

BIBLIOTECA NACIONAL DEL MAESTRO (2015). **Documentos da UNESCO**. Disponível em: http://www.bnm.me.gov.ar/cgi-bin/wxis.exe/opac/?IsisScript=opac/opac.xis&dbn=UNESCO&ver_form=1&sala=. Acesso em 06 de dezembro de 2015.

BLOCH, March. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador. Tradução André Telles**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2002. Disponível em:

<https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/02/bloch-m-apologia-da-histc3b3ria.pdf>.

BOLETIN UNIFREIRE (2017). **Prisão e anistia de Paulo Freire: documentos reveladores**. Disponível em: <http://boletim.unifreire.org/edicao02/2013/09/05/prisao-e-anistia-de-paulo-freire-documentos-reveladores/>.

BOFF, Leonardo (2008). **Teología de la Liberación**. Entrevista à CNN. Disponível em: <https://youtu.be/4wMGt2-80E8>. Acesso em 01 de janeiro de 2007.

BOFF, Leonardo (2008). **Prêmio Nobel da Paz Adolfo Pérez Esquivel traz apoio do Papa a Dilma**. Disponível em: <https://leonardoboff.wordpress.com/2016/04/29/premio-nobel-da-paz-adolfo-perez-esquivel-traz-apoio-do-papa-a-dilma/>. Acesso em 01 de janeiro de 2018.

BOFF, Leonardo. **Quarenta anos da Teologia da Libertação**. Disponível. Texto escrito em Disponível em: <https://leonardoboff.wordpress.com/2011/08/09/quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao/>. Acesso em 26 de janeiro de 2018.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**: São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Prefácio**. In: SOUZA, Ana Inês. Paulo Freire: Vida e obra. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

BRASIL (2005). **Projeto de Lei nº. 5.418 de 2005**. Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=1E393053FB517C2209E2D9F3E8998C68.node2?codteor=731458&filename=Avulso+-PL+5418/2005. Acesso em 26 de fevereiro de 2016.

BRASIL (2012). **Lei nº 12.612, de 13 de abril de 2012**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12612.htm. Acesso em 26 de fevereiro de 2017.

BRASIL (2014). **Ministério da Educação**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/institucional/galeria-de-ministros>. Acesso em janeiro de 2014.

BRASIL (2016). **Projeto de Lei nº. 5.418 de 2005**. Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=1E393053FB517C2209E2D9F3E8998C68.node2?codteor=731458&filename=Avulso+-PL+5418/2005. Acesso em 26 de fevereiro de 2016 a.

BRIGHENTE, Miriam Furlan. **Jean – Jacques e Paulo: A Sofia que liberta e a liberdade que educa**. 180 p. Tese (doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-graduação em Educação, 2016, Curitiba, BR-PR.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929 – 1989)**. Tradução de Nilo Odalia. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

CAMARGO, Tassia Lima de. CASTANHA, André Paulo. Os pressupostos teórico-metodológicos da Pedagogia Histórico-Crítica e os desafios da sala de aula: entrevista com Dermeval Saviani. **Educere et Educare**. Vol. 11 Número 22 jul./dez. 2016. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/15707/11056>. Acesso em 26 de maio de 2016.

CAPALBO, Creusa. **Fenomenologia e educação**. Rio de Janeiro: Fórum Educacional, 1990. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/fe/article/viewFile/61119/59327>.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (2018). Disponível em: http://www.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com_pmetabusc&mn=88&smn=88&type=m&metalib=index.php?option=com_pmetabusc&mn=88&smn=88&type=m&metalib=aHR0cDovL3JucC1wcm1tby5ob3N0ZWQuZXhsaWJyaXNncm91cC5j20vcHJpbW9fbGlicmFyeS9saWJ3ZWlvYWN0aW9uL3NIYXJjaC5kbz92aWQ9Q0FQRVNfVjE=&Itemid=119. Acesso em 04 de janeiro de 2018.

CEPE. Companhia Editora de Pernambuco Governo do Estado de Pernambuco 1995. **Dossiê dos mortos e desaparecidos políticos a partir de 1964**. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/dados/dossiers/dh/br/dossie64/br/dossmdp.pdf>. Acesso em 02 de janeiro de 2018.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COELHO, Edgar Pereira. MARI, Cezar Luiz. Aproximações entre as categorias oprimido e subalterno de Paulo Freire e Antonio Gramsci. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 7, n. 1, p. 123-144, jan./jun. 2016.

CORTELLA, Mário Sérgio. Cortella defende Paulo Freire. **YouTube**. Disponível em: <https://www.facebook.com/PedroUczai/videos/1487129988067572/>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

COVER, Maciel. **Marxismo e metodologia da ciência social: aprendizados, limites e possibilidades**. Anais do IV Simpósio Lutas Sociais na América Latina. Londrina: UEL, 2010. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/anais_ivsimp/gt8/17_macielcover.pdf. Acesso em 11 de Março de 2017.

CREAR. **Campaña de Reactivación Educativa de Adultos para la Reconstrucción**. Ministerio de Cultura y Educación. Dirección Nacional de Educación del Adulto, 2008.

DELGADO, Gonzalo Jaramillo. Valorización ético-estética de la Pedagogía de la Esperanza de Paulo Freire. Tese. Universidad Pontificia Bolivariana. Doctorado em Filosofía. Medellín, 2009. Disponível em Instituto Paulo Freire. <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/2580>. Acesso em 05 de janeiro de 2018.

DICIONÁRIO INFORMAL. **Subversivo**. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/antonimos/subversivo/>. Acesso em 15 de outubro de 2016.

DICKMANN, Ivânio. **Ocupação invocada**. Disponível em: https://scontent.fxap1-1.fna.fbcdn.net/v/t42.1790-4/14899699_680821882042350_6772047266870984704_n.mp4?efg=eyJ2ZW5jb2RlX3RhZyI6InN2V9zZCj9&oh=cc10c2029c8357ef12c091efe9e7c748&oe=581F4F4F.

DREIFUSS, Rene Armand. **1964: A conquista do Estado, ação política, poder e golpe de classe**. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

DUARTE, Valdir. **Agroecologia: Conceção de Desenvolvimento, Ciência ou Ecológico?** Francisco Beltrão: ASSESOAR, 2008.

DURI, Augusto. **La Vigil ; Uma Utopia?** In: YOU TUBE (Entrevista a Augusto Duri, 2012). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=11mrk-imLLQ>. Acesso em 21 de maio de 2015.

DUSSEL, Enrique. **Filosofía de la liberación**. Bogotá: Nueva América, 1996. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/otros/20120227024607/filosofia.pdf>. Acesso em 27 de fevereiro de 2017.

ENGELS, Friedrich. **Discurso diante do túmulo de Marx**. Disponível em: http://www.unioeste.br/projetos/histedopr/bibliografia/DISCURSO_TUMULO_MARX.pdf. Acesso em 26 de fevereiro de 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FERREIRA, Ana Rafaela. Práticas de numeramento, conhecimentos escolares e cotidianos em uma turma de Ensino Médio da Educação de Pessoas Jovens e Adultas. **Dissertação**. Disponível em Instituto Paulo Freire. <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/2580>. Acesso em 05 de janeiro de 2018.

FOLHA DE SÃO PAULO (2015). **Viúva de Paulo Freire é recebida em audiência particular**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/05/1633252-viuva-de-paulo-freire-e-recebida-pelo-papa-em-audiencia-particular.shtml>. Acesso em 02 de fevereiro de 2017.

FOLLY, Felipe Bley. **Direitos humanos e educação: quando a pedagogia do outro subverte o direito do mesmo**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Paraná. Curso de Direito. Curitiba, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREI BETTO. Paulo Freire e a Reinvenção do Brasil. **Caros Amigos (2001)**. Disponível em: https://introducaocomunicacao.files.wordpress.com/2012/11/paulo_freire_e_a_reinvencao_do_brasil.pdf. Acesso em 29 de janeiro de 2018.

FREI BETTO. **Fidel e a Religião**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Viúva de Paulo Freire envia carta aberta a Michel Temer. **Fórum**. São Paulo. 30 de junho de 2016. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/2016/07/04/viuva-de-paulo-freire-envia-carta-aberta-a-michel-temer/>.

FREIRE, Patrocínio Solon. **Pedagogia da Práxis: o conceito do humano e da educação no pensamento de Paulo Freire**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

FREIRE, Paulo. Ainda os Círculos de Pais e Professores: sua preparação e sua realização. **Diário de Pernambuco**, 21 de abril de 1957.

FREIRE, Paulo. **A propósito de uma administração**. Recife: Imprensa Universitária, 1961.

FREIRE, Paulo. **Palestra de encerramento do 2º curso de Treinamento de Monitores na Universidade do Recife (1963)**. Instituto Paulo Freire. Disponível em:

<http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/3217>. Acesso em 05 de maio de 2017.

FREIRE, Paulo (a). Depoimento de Paulo Reglus Freire em 01/03/ 1964 no IPM, sobre sua atuação no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife. Disponível em: <https://www.paulofreire.org/o-instituto-paulo-freire>. Acesso em 09 de maio de 2017.

FREIRE, Paulo (b). Depoimento de Paulo Reglus Freire em 16/09/ 1964, ao ser reinquirido no IPM. Disponível em: <https://www.paulofreire.org/o-instituto-paulo-freire>. Acesso em 09 de maio de 2017.

FREIRE, Paulo. **Assentamiento el Recurso: investigación temática (1968). Instituto Paulo Freire.** Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/3217>. Acesso em 05 de maio de 2017.

FREIRE, Paulo. **Os Cristãos e a Libertação dos Oprimidos.** Porto: Edições Base, 1978.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em Processo.** 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade.** 5ªed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação.** Tradução de Darcy de Oliveira. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Discurso de Paulo Freire en Argentina (1985).** Disponível em: <https://www.taringa.net/posts/ciencia-educacion/12587940/Discurso-de-Paulo-Freire-en-Argentina-1985.html>. Acesso em 21 de outubro de 2017.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma Pedagogia da Pergunta.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor.** Tradução de Adriana Lopez. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um encontro com a Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Ideales Mitos y Utopias a finales del siglo XX Universidad de Buenos Aires UBA (1993).** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UqpyKzxJI1Q>. Acesso em 01 de fevereiro de 2017.

FREIRE, Paulo. MOFFATT, Alfredo. Paulo Freire en La Argentina. Encuentro con Alfredo Moffatt (1993). Acervo Paulo Freire. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/1941>. Acesso em 01 de fevereiro de 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Autoritarismo e racismo na linguagem cotidiana (2002).** ACERVO

PAULO FREIRE. Disponível em: <http://www.paulofreire.org/acervo-paulo-freire>. Acesso em 01 de janeiro de 2017.

FREIRE, Paulo. **Educação e Atualidade Brasileira.** São Paulo: Cortez Editora, 2003.

FREIRE, Paulo. **Paulo Freire e Marxismo. Entrevista publicada em 2007.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OsLHMA3EU0k>. Acesso em 04 de janeiro de 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 58ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Serginho Groisman entrevista Paulo Freire.** Entrevista publicada em 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zx-3WVDLzyQ>. Acesso em 02 de janeiro de 2018.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina:** reflexões sobre minha vida e minha práxis. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FRIEDMANN, Sergio. **El marxismo peronista de Rodolfo Puiggrós: una aproximación a la izquierda nacional.** Buenos Aires: Instituto de Investigaciones Gino Germani, Facultad de Ciencias Sociales, UBA, 2014. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/Argentina/iigg-uba/20151022050903/dji39.pdf>.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Escola “sem” partido:** esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira / organizador Gaudêncio Frigotto. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

FROMM, Erich. **El Corazón del Hombre.** México: Fondo de Cultura Económica, 1967.

FRUTOS, Antonia. **La Vigil Tres Generaciones.** In: YOU TUBE (2014). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3kg36XiZ5JY>. Acesso em: 21 de maio de 2015. YOU TUBE (2012). **El Vigil 2.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=11mrk-imLLQ>. Acesso em 21 de maio de 2015.

GADOTTI, Moacir. Prefácio. In: FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire: uma biobibliografia.** São Paulo: Cortez Editora, 1996.

GAMBOA, Sílvia Sánchez. **Pesquisa em Educação: Métodos e Epistemologias.** Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação, 2009, Campinas, BR-SP.

GARCÍA, Natalia. **La intervención cívico-militar sobre la Biblioteca Popular Constancio C. Vigil de Rosario (1977 – 1980).** Sociedad Argentina de Historia de la Educación (SAHE), Buenos: Prometeo, 2010.

GARCÍA, Natalia. **La intervención cívico-militar sobre la Biblioteca Popular Constancio C. Vigil de Rosario (1977 – 1980).** Sociedad Argentina de Historia de la Educación (SAHE), Buenos: Prometeo, 2010.

GARCÍA, Natalia. Archivos y memorias. **El caso “Vigil” y el corpus (re) aparecido.** In: Corpus 2012, v.3, n° 2. Disponível em <http://corpusarchivos.revues.org/524#tocto2n1>. Acesso em 25 de maio de 2015.

GARCÍA, Natalia. **El genocidio al interior de las instituciones educativas: el caso “Vigil”. Rosario, Argentina (1966 – 1981).** In: VII Jornadas de jóvenes investigadores. Instituto de Investigaciones Gino Germani, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires (2013).

GARCÍA, Natalia. **Educación y última dictadura en Argentina, balances e interpelaciones desde un estudio de caso. (Rosario, 1977 – 1981).** In: Revista electrónica editada por la Asociación Española de Americanistas, 2014, n. 13.

GAZETA DO POVO. **Proposta retira de Paulo Freire o título de patrono da educação brasileira.** Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/educacao/proposta-retira-de-paulo-freire-o-titulo-de-patrono-da-educacao-brasileira-d1vvgoq7qwiylouov98mnl0c4>. Acesso em 12 de outubro de 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2008.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo.** Cadernos do cárcere. 2ª ed. Tradução de Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GREEN, Elliot. **Paulo Freire está entre os três teóricos mais citados no mundo.** Revista Pazes, 14 de junho de 2016. Disponível em: <http://www.revistapazes.com/freire-mais-citado/>. Acesso em 18 de outubro de 2016.

GUILLERMO, O' Donnel. **El Estado Burocrático-autoritario. Triunfos, derrotas y crisis.** Buenos Aires: Belgrano, 1982.

HARO, Graciela *et al.* **Políticas educativas para el nivel medio en Misiones.** 1. ed. Posadas Ed. Unam, 2013. v.1.

IANNI, Octavio. **O colapso do populismo no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

INSTITUTO PAULO FREIRE (2017). Disponível em: <https://www.paulofreire.org/o-instituto-paulo-freire>. Acesso em 09 de maio de 2017.

INQUÉRITO POLICIAL MILITAR (1969). **Processo nº 226 de 1969.** Poder Judiciário. Curitiba, Justiça Militar.

JORNAL DO BRASIL. **Impeachment', 'intervenção militar', 'basta de Paulo Freire'... o que querem os manifestantes?** Sábado, 12 de setembro de 2015. Disponível em: <http://www.jb.com.br/opiniao/noticias/2015/03/16/impeachment-intervencao-militar-basta-de-paulo-freire-o-que-querem-os-manifestantes/>.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: O que é o Esclarecimento?** Traduzido por Luiz Paulo Rouane. Disponível em: <https://bioetica.catedraunesco.unb.br/wp-content/uploads/2016/04/Immanuel-Kant.-O-que-%C3%A9-esclarecimento.pdf>. Acesso em 09 de julho de 2017.

LACROIX, Jean. **Marxismo, existencialismo, personalismo.** Tradução de João Manuel Branco Duarte. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1964.

LEFEBVRE, Henry. **Lógica Formal, lógica dialéctica.** Tradução de Ester Benitez Eiroa. Madri: Siglo veintiuno.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental.** São Paulo: Cortez Editora, 2001.

MACHADO, Robson. **Pedagogia Libertadora e Pedagogia Histórico-Crítica: um estudo crítico de pedagogias contra-hegemônicas brasileiras.** (Dissertação) Lavras: UFLA, 2016.

MAFRA, Jason Ferreira; CAMACHO, Carlos Mário Paes. Paulo Freire e o materialismo histórico: um estudo de “extensão ou comunicação?”. **Revista**

Pedagógica, Chapecó, v. 19, n. 41, p. 118-136, maio/ago. DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v19i41.3800>.

MARX, Karl Heinrich. **Teses sobre Feurbach**. Edição Eletrônica, 1999. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/feuerbach.pdf>. Acesso em 28 de fevereiro de 2017.

MARX, Karl Heinrich. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl Heinrich. **O XVIII Brumário de Luís Bonaparte**. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2804654/mod_resource/content/0/Marx%20-%20O%2018%20Brum%C3%A1rio%20de%20Lu%C3%ADs%20Bonaparte%20%28Boitempo%29.pdf. Acesso em 21 de outubro de 2017.

MASCARÓ PRODUCCIONES (2006). **Use mis manos, use mis ideas (película completa)**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R7xcUj9ZNHw>. Acesso em 01 de janeiro de 2017.

MASCARÓ PRODUCCIONES (2016). **El legado de Paulo Freire en Argentina. Experiencias de ayer y de hoy**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TnqQcE5ZAgg>.

MCLAREN, Peter.: **An interview with Adriana Puiggrós of Argentina: the dilemmas of Latin American educational systems and the work of Paulo Freire**. The internationalist Department, [S.I], [19 ?]. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/gsd/cgi-bin/library.cgi?c=br/br-019&a=d&d=78913289oai>. Acesso em 01 de janeiro de 2018.

MEDELA, Paula. **La Educación Popular en la Historia Reciente de la Argentina: el caso de la CREAR (1973-1974)**. Universidad Nacional de Luján, 2013.

MESQUIDA, Peri. Paulo Freire e Antonio Gramsci: a Filosofia da Práxis na ação pedagógica e na educação de educadores. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.43, p. 32-41, set2011 - ISSN: 1676-2584. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/43/art03_43.pdf.

MIRANDOLA, Luci Mara. **Educação: O Brasil e o estado Paraná entre os anos 1960 e 2010**. Dissertação (mestrado) Universidade do Oeste do Paraná. Programa de Pós-graduação em Educação na Área de Concentração Sociedade, Estado e Educação, 2014.

MOFFAR, Alfredo. **Psicoterapia del Oprimido**. Buenos Aires: ECR, 1974.

NICOLAU, Antonio. **Pedagogía y política. La campaña de alfabetización CREAR en la historia reciente de la educación de adultos en la Argentina de los '70**. Tese (mestrado). Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. En Memoria Académica, 2016. Disponible en: <http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/tesis/te.1278/te.1278.pdf>.

NIDELCOFF, María Teresa. **Uma escola para o povo**. 23ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, Jelson. Ana Júlia, a estudante do Paraná: um Davi contra Golias. **Blog com Jota**. Disponível em: <http://blogcomjota.blogspot.com.br/2016/10/ana-julia-estudante-do-parana-um-davi.html?spref=fb>. Acesso em 28 de outubro de 2016.

PÁGINA 12. **Educación popular: 40 años de um plan popular.** Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/diario/sociedad/3-230244-2013-10-01.html>. Acesso em 22 de janeiro de 2018.

PEREIRA, Marcos Villela; FAREM Mônica. Educación de jóvenes y adultos políticas educativas nacionales y experiencias de educación popular en Argentina y Brasil en los años 60 e inicios de los 70. **Revista Interamericana de Educación de Adultos**, vol. 33, núm. 1, enero-junio, 2011, pp. 6-24. Centro de Cooperación Regional para la Educación de Adultos en América Latina y el Caribe Pátzcuaro, México

PEREIRA, Luís Carlos Bresser. **Bresser-Pereira ao 247: “Esse impeachment é uma farsa jurídica”.** Disponível em: <http://www.brasil247.com/pt/247/brasil/245411/Bresser-Pereira-ao-247-%E2%80%9CEsse-impeachment-%C3%A9-uma-farsa-jur%C3%ADca%E2%80%9D.htm>. Acesso em 28 de fevereiro de 2016.

PINEAU, Pablo. **Seminario: Educación, Memoria y Derecho a la Identidad en la Formación Docente.** Ministério da Educação Argentina (2011). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z4wLUCnI9LI>. Acesso em 15 de maio de 2015.

PINEAU, Pablo. Reprimir y discriminar. La educación en la última dictadura cívico militar en Argentina (1976-1983) **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 51, p. 103-122, jan./mar. 2014. Editora UFPR.

PISTRAK, Moicei Mikhaylovich. **Fundamentos da Escola do Trabalho.** São Paulo: Expressão Popular, 2000.

POLANYI, Karl. The great transformation: the political and economic origins of our times. Boston, Beacon Press, 1957. *In*: GODBOUT, Jacques. **Introdução à Dádiva.** Tradução de Beatriz Perrone. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300002. Acesso em 05 de março de 2017.

PRATES, Giorgia *et al.* (Organizadores). **Ocupar e resistir: memórias de ocupação Paraná 2016 / Organizadoras: Giorgia Prates, Lennita Oliveira Ruggi, Mônica Ribeiro da Silva e Valéria Floriano Machado.** – Curitiba: UFPR, Setor de Educação, 2017. 192 p.

PUIGGRÓS, Adriana. **Qué pasó en la Educación Argentina.** Buenos Aires: Galerna, 2006.

PUIGGRÓS, Adriana. **Mensagem Pessoal.** Facebook, 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/AdrianaPuiggros/>. Diálogo em 09 de novembro de 2017.

REIMÃO, Sandra. **Repressão e resistência: censura a livros na ditadura militar.** Tese (livre docência). 124 f. Universidade Estadual de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades, 2011, São Paulo, BR – SP.

RINESI, Eduardo. **Encuentro con Capacitadores (PNFP).** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SvgIFSRPkLQ>. Acesso em 22 de janeiro de 2015.

RPC-PARANÁ. **Mais de 640 colégios estaduais estão ocupados no Paraná, diz movimento.** Disponível em: <http://g1.globo.com/pr/parana/educacao/noticia/2016/10/mais-de-640-colegios-estaduais-estao-ocupados-no-parana-diz-movimento.html>. Acesso em 18 de outubro de 2016 a.

RPC-PARANÁ. **Beto Richa diz que alunos não sabem por que estão protestando no Paraná.** Disponível em: <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2016/10/estao-protestando-nao-sabem-nem-o-que-diz-richa-ocupacao-de-escolas.html>. Acesso em 8 de outubro de 2016 b.

RODRIGUEZ, Eduardo Fernández. **Cartografías de viaje para un pensamiento irreverente. Posibilidades de la pedagogía freireana para el desarrollo de una teoría sociocultural del aprendizaje.** In: V Encuentro Internacional Fórum Paulo Freire. Disponível em: http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/4026/1/FPF_PTPF_01_0684.pdf. Acesso em 08 de junho de 2017.

ROSSI, Maria. Ana Júlia e o emotivo discurso que explica os protestos nas escolas ocupadas. **El País.** Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/27/politica/1477567372_486778.html. Acesso em 28 de outubro de 2016.

SANTOS, Gustavo Alvarenga Oliveira. **A Terapia de Crise Segundo Alfredo Moffatt: uma Proposta Fenomenológico-existencial.** Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies – XXII (2): 198-206, jul-dez, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v22n2/v22n2a12.pdf>. Acesso em 01 de março de 2017.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica.** 11ª ed. Campinas: Autores Associados, 1996.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia: teoria da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política.** 32ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

SAVIANI, Dermeval. **Marxismo e Educação.** In: Princípios. São Paulo: Anita Garibaldi, 2005.

SAVIANI, Dermeval. **Entrevista concedida para Tassia Lima de Camargo em 12 de agosto de 2015.** UNIOESTE-Campus Francisco Beltrão.

SAVIANI, Dermeval; CURY, Carlos Alberto Jamil. **Carta ao Presidente da Capes, Prof. Dr. Abílio Baeta Neves.** Disponível em: <http://contee.org.br/contee/index.php/2016/10/dermeval-saviani-e-carlos-roberto-jamil-cury-marcam-posicao-politica-de-nao-comparecimento-a-entrega-do-premio-capes/#.WBoQU8mYKgE>. Acesso em 02 de novembro de 2016.

SAVIANI, Dermeval. **Congresso Internacional "Escola Pública: tempos difíceis, mas não impossíveis".** Faculdade de Educação da Unicamp. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=653q_LcFSYA. Acesso em 05 de fevereiro de 2018.

SILEONI, Alberto. (2013). **Discurso de abertura del Ministro de Educación Dr. Alberto Sileoni.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y6GdlmgvMZU>. Acesso em 01 de fevereiro de 2018.

SILVA, Pedro Claesen Dutra; BARBOSA, Cleiton Leite. **Paulo Freire e Antônio Gramsci: Aproximações.** VIII Colóquio Internacional Paulo Freire (2013). Disponível em: <http://coloquio.paulofreire.org.br/participacao/index.php/coloquio/viii-coloquio/paper/viewFile/216/295>. Acesso em 02 de janeiro de 2018.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Prefácio. *In*: SOUZA, Ana Inês. **Paulo Freire: Vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

TONIDANDEL, Sandra. **Pedagogia Histórico-Crítica: o processo de construção e o perfil do currículo básico para a escola pública do Paraná (1980 – 1994)**. Dissertação (mestrado) Universidade do Oeste do Paraná. Programa de Pós-graduação em Educação na Área de Concentração Sociedade, Estado e Educação, 2014.

TELLO, César Gerónimo. **Las epistemologías de la política educativa: vigilancia y posicionamiento epistemológico del investigador en política educativa**. *In*: Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, p. 53-68, jan./jun. 2012.

TERIGI, Flávia. **Política públicas em Educación tras doce años de gobierno de Néstor Kirchner y Cristina Fernández**. Análisis. n.º. 16, 2016. Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/argentinien/13019.pdf>. Acesso em 04 de março de 2016.

TERMO DE PERGUNTAS AO INDICIADO (1964). **Acervo Paulo Freire**. Disponível em

<http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/browse?type=subject&order=ASC&rpp=20&offset=40>. Acesso em 09 de junho de 2017.

TORRES, Carlos Alberto. Tango e Paulo Freire *In*: GADOTTI, Moacir (org.) **Paulo Freire: uma bibliografia**. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

TORRES, Carlos Alberto. **Diálogo com Paulo Freire**. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2003.

TOSOLINI, Mariana. **“No era solo una campaña de alfabetización”: Las huellas de la CREAR en Córdoba. Tese (doutorado)**. Universidad Nacional de Córdoba Centro de Estudios Avanzados, 2015.

TOSOLINI, Mariana. Pesquisa sobre Paulo Freire. [**Mensagem pessoal**]. Mensagem recebida por <marianatosolini@gmail.com> em 03 de março, 2016.

WEFFORT, Francisco Correia. Educação e Política: Reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da liberdade. *In*: FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1967.

WILLIANSO, Guillermo. **Paulo Freire: 1965 – 1969. Su passo por Chile y el Chile por que pasé**. Acervo Paulo Freire. IPF.

VALENTE, Ivan. Discurso na Câmara de Deputados do Brasil por ocasião da morte de Paulo Freire há 20 anos. Disponível em: <https://www.facebook.com/IvanValentePSOL/videos/1559681914076685/>. Acesso em 06 de maio de 2017.

VANNINI, Ismael Antônio; ZATTA, Ronaldo. **Sudoeste do Paraná – 1964: “Grupo dos Onze” no Contexto da Instauração do Regime Militar no Brasil**. Disponível em: http://www.encontro2016.sc.anpuh.org/resources/anais/43/1464572621_ARQUIVO_Trabalhocompleto.pdf. Acesso em 28 de fevereiro de 2018.

VICARI, Badger. Governo erra em não politizar a greve. **Jornal de Beltrão**, Francisco Beltrão. 23 maio. 2015. Disponível em: <http://www.jornalbeltrao.com.br/colunista/blog-do-bada/9618/governo-erra-em-nao-politizar-a-greve>. Acesso em 11 de outubro de 2016.

VIEIRA, Henrique. Jesus subversivo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FXDqkFNxdyQ>. Acesso em 01 de janeiro de 2018.

ZATTI, Vicente. *Autonomia e educação em Emmanuel Kant e Paulo Freire*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

ZEBALLOS, Frederico (2012). **El terrorismo de Estado en las bibliotecas. Córdoba, 1976-1983**. Disponível em: <http://www.ffyh.unc.edu.ar/alfilo/libros-prohibidos/wp-content/uploads/2012/03/articulo-zeballos.pdf>. Acesso em 03 de janeiro de 2016

ZEBALLOS, Frederico (2013). **Biblioclastía o quema de libros en Latinoamérica**. In: *La Horca*. Disponível em: <http://lahorca.cl/2013/09/21/bibliocastia-o-quema-de-libros-en-latinoamerica/>. Acesso em 21 de maio de 2015.

ZEBALLOS, Frederico (2015a). **Bibliotecas y dictadura militar: Córdoba, 1976-1983**. Disponível em: http://ffyh.unc.edu.ar/archivos/investigacion_concurso_baez.pdf. Acesso em 03 de janeiro de 2015.

ZEBALLOS, Frederico (2015b). **Derecho a la cultura y a la lectura en las bibliotecas de Córdoba dictatorial**. Disponível em: <http://www.universidad.com.ar/derecho-a-la-cultura-y-a-la-lectura-en-las-bibliotecas-de-cordoba-dictatorial>. Acesso em 03 de janeiro de 2015.